

Cristiane Curi Abud
(organização)

ANAIS DE RESUMOS DO

II Colóquio Internacional da Rede Interuniversitária Grupos e Vínculos Intersubjetivos

**Figuras da diferença e o dispositivo
psicanalítico de grupo**

I Simpósio Internacional da Associação Brasileira de Casal e Família



com o apoio do Fundo Mackenzie de Pesquisa e da FAPESP

**São Paulo
18 a 20 abril 2018**

ISBN: 978-85-54107-00-0

COMISSÃO ORGANIZADORA

Cristiane Curi Abud
Fernando da Silveira
Georges Gaillard
Maria Inês Assumpção Fernandes
Pablo Castanho

COMISSÃO CIENTÍFICA

Nacional Adriana Rodrigues Domingues (Mackenzie), Angela Biazi Freire (Mackenzie), Any Trajber Waisbich (SBPSP), Carla Penna (Círculo Psicanalítico RJ), Christiane Freire (Sedes, Unifesp), Cristiane Curi Abud (Sedes, Unifesp), Domenico Hur (Universidade Federal de Goiás), Eliane Silvia Costa (Universidade Federal de Roraima), Elisangela B. Fernandes (UFGD), Fernando da Silveira (Mackenzie, Rede de Atendimento Psicanalítico), Ianni Scarcelli (USP), Isabel Cristina Gomes (USP), Jorge Broide (PUC-SP), Kátia Varela Gomes (Unicsul), Laszlo Ávila (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP/ NESME), Magda Khouri (SBPSP), Maíra Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina), Maria Inês Assumpção Fernandes (USP), Mirna Koda (Universidade São Francisco), Olga Correa (SFPPG RJ), Olgária Matos (IEA-USP e UNIFESP), Pablo Castanho (USP/NESME), Ruth Levisky (ABPCF), Solange Emilio (Universidade Anhembi Morumbi), Suzana Pastori (Unifesp), Thales Santeiro (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Internacional Alícia Muniz (Universidade de la República Uruguai), Andre Sirota (Paris Nanterre), Anne Brun (Université Lumière Lyon 2), Assie Gildenhuis (Department of Psychology, University of Pretoria, South Africa- IAGP), Bernard Duez (Université Lumière Lyon 2), Claudine Vacheret (Université Lumière Lyon 2), Didier Drieu (Université de la Normandie), Elisabeth Rohr (Institut fuer Schulpaedagogik Philipps-Universitaet Marburg, IAGP), Gabriela Montado (AUPCV), Georges Gaillard (Université Lumière Lyon 2), Giuseppe Lo Piccolo (Université de Lausanne), Graciela Bar de Jones (BABELPSI – Argentina/França) Gregoire Thibouville (CNPCNova Caledônia), Guy Gimenez (Aix-Marseille Université), Jean-Pierre Pinel (Paris 13), Klimnis Navridis (Université d'Athenes), Liliana Bracchi-Andino (UCES- AAPPG Argentina), Lisette Adriana Weissmann Seidmann (ABPCF, Sedes), Maria Clelia Zurlo (Università di Napoli Federico II), Marina Selvatici (AAPPG, Argentina), Nelson Gotlieb (Aupcv, Uruguai), Philippe Robert (Universidade Paris V), Pierre Benghozi (SFPPG e IRPP), Vincent Di Rocco (Université Lumière Lyon 2), Rosa Jaitin (AIPCF).

COMISSÕES DE ORGANIZAÇÃO

Comissão de Tesouraria e Captação de Recursos Cristiane Curi Abud, Maria Lucia de Souza Campos Paiva, Maria Inês Assumpção Fernandes, Augusto Galery, Fabiana Campos, Fernando da Silveira, Simone Piñeiro Bressan.

Comissão de Infraestrutura Adriana Domingues, Fernando da Silveira, Lais Soltau, Laura Mortari, Luana Conceição, Marcia Eugenia Cerdeira, Mariana Fornaziero.

Comissão de Divulgação Pablo Castanho, Pedro Teixeira, Cristiane Curi Abud, Décio P. Filho, Luciana Lafraia, Lumi Sano Shine, Marcia Eugenia Cerdeira, Moira Valvassori, Vanessa Fernandes, Solange Aparecida Emílio.

Comissão de Recepção de Convidados Juliana Farah, Pablo Castanho, Carolina Tiussi, Bruno de Mello, Lara Moreira, Marina Cohen, Vanessa Fernandes.

Comissão de Publicação Cristiane Curi Abud, Fernando da Silveira, Liliana Empanan, Solange Aparecida Emílio, Elisângela Barboza Fernandes, Juliana Alves da Silva, Maria Eugenia Cerdeira.

Comissão de Pré-Colóquio Pablo Castanho, Maria Inês Assumpção Fernandes.

Comissão de Programação Maria Inês Assumpção Fernandes, Jorge Broide, Amaury Ruffato, Fabiana Campos, Fernando Ramos, Fernando Robles, Marcelo Souza, Marcia Eugenia Cerdeira, Marina Cohen, Roberta Andrea de Oliveira, Rose Pompeu de Toledo, Simone Bressan, Sueli Rugno.

Organização

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Universidade Federal de São Paulo
Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo
Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família

Apoio

Instituto Presbiteriano Mackenzie - Mack Pesquisa
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Presbiteriana Mackenzie
Curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Université Lumière Lyon 2
Institut Français Brasil
Instituto Sedes Sapientiae
Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Rede de Atendimento Psicanalítico
Consulado Geral da França de São Paulo
Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares (NESME)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Projeto Quixote – Unifesp
FYMSA Advogados
Editora Escuta
Livraria Pulsional

Realização

Clínica de Grupos e Instituições na Abordagem Psicanalítica (CLIGIAP) USP/ CNPQ
Centre de Recherches en Psychopathologie et Psychologie Clinique (CRPPC)
Laboratório de Estudos de Violência e Vulnerabilidade Social (LEVV) da Universidade Presbiteriana Mackenzie
Programa de Atendimento e Estudos de Somatização (PAES) da Unifesp
Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LAPSO – IPUSP)

Pré-Colóquio

Pré-Colóquio Acadêmico-Científico: Dias 16 e 17 de abril de 2018 no Instituto de Psicologia da USP

Voltado para a discussão de projetos de pesquisa em nível de doutorado e mestrado, em andamento. Caso haja interesse em participar, entre em contato pelo e-mail pablo.castanho@usp.br enviando seu currículo lattes e carta de intenção.

Colóquio

QUARTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2018

Manhã (com tradução simultânea)

7:30 às 8:30 - Entrega do material do congresso

8:30 às 9:15 - Sessão de Abertura do Colóquio

Auditório Ruy Barbosa

9:15 às 10:00 - Conferência de Abertura

Professor René Kaës (França) (vídeo conferência)

Auditório Ruy Barbosa

Les dispositifs multisubjectifs: une extension de la psychanalyse en réponse aux formes contemporaines du malêtre

René Kaës (Université Lumière Lyon II)

Mon but dans cette conférence est de vous proposer quelques éléments de pensée pour comprendre comment les dispositifs multisubjectifs de travail psychique constituent une des réponses aux formes du malêtre contemporain. Ces dispositifs sont ceux que nous mettons en place lorsque nous travaillons avec les groupes, les couples, les familles et les équipes de soins. J'essaierai de mettre en évidence les potentialités élaboratives de ces dispositifs face à la violence et à la destructivité inhérentes à ce malêtre.

Mosts-clés: Dispositifs multisubjectifs; violence; maletre contemporaines.

10:00 às 10:30 - Abertura dos Trabalhos

Fernando da Silveira (UPM/Rede)

Auditório Ruy Barbosa

O grupo e a psicanálise

Fernando da Silveira (Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, Rede de Atendimento Psicanalítico)

O grupo traz à tona uma discussão sobre a extensão da psicanálise para além dos limites estabelecidos por Freud. São debates permeados por resistências epistemológicas e também epistemofílicas, entendidas como resistências contra as transformações impostas às alianças inconscientes que formam as bases da vida psíquica das instituições psicanalíticas. Psicanalistas trabalham com grupos, mas encontram dificuldades em obterem suporte institucional que permita integrar esta prática com a teoria, a técnica, o método e a epistemologia psicanalítica. Proponho compreender a resistências epistemofílica ao estudo do grupo a partir de uma análise da formação das alianças inconscientes constituídas desde as origens do movimento analítico, com Freud. Seu narcisismo é um pilar central das alianças inconscientes que dão sustentação ao processo de institucionalização da psicanálise. A preservação da Psicanálise como um trabalho de Freud deixou marcas profundas nas organizações psicanalíticas. Sob a

sombra do seu narcisismo o grupo é paradoxalmente o suporte de transmissão da psicanálise e o objeto de estudo a ser denegado no movimento analítico. A extensão da psicanálise, ao incluir o grupo, coloca em questão o lugar de centralidade narcísica do analista, das suas instituições, do eu conhecimento. Desloca o poder centralizado do analista para o grupo e impõe a cada uma sua a posição de ser mais um membro de uma cadeia com suas singularidades, diferenças, semelhanças e limites.

Palavras-chave: Psicanálise; grupo; alianças inconscientes.

10:30 às 11:00 - Pausa para café

MESA 1: 11:00 às 12:30

Auditório Ruy Barbosa

As figuras da Diferença e o Dispositivo Psicanalítico de Grupo

Georges Gaillard (*Université Lumière Lyon 2- França*)

Maria Inês Assumpção Fernandes (IPUSP/ ABPCF- Brasil)

Gregorio Kazi (UNIUBE – Brasil / Argentina)

Coordenação: Erich Montanar Franco (UPM)

Les groupes professionnels: entre passion du « un » et travail de la différence

Georges Gaillard: Professeur en Psychologie Clinique et Formation en Situation Professionnelle; CR.P.P.C. Centre de Recherche en Psychologie et Psychopathologie Clinique (EA 653) Université Lumière Lyon 2 (France).

*Membre de Transition (Association européenne, analyse de groupe et d'institution)
Psychanalyste, membre du IV^o Groupe (OPLF).*

Tout groupe social se doit d'œuvrer à la construction d'un « vivre ensemble » suffisamment pacifié, à la mise en place d'espaces communs où les sujets vont être à même de s'éprouver reconnus dans leur singularité et leur créativité propre, ceci dans une identification collective suffisamment partagée. Ce travail de la groupalité participe du « travail de Culture », ou échoue à le faire. Dans nos institutions (du soin et du travail social) nous sommes en effet aux prises avec les mutations caractéristiques de l'hypermodernité qui uniformisent et dé-différencient le monde ; ceci dans le même temps où nous sommes traversés par les dynamiques passionnelles, inhérentes à la vie psychique. Celles-ci se déclinent entre passion du « Un », et travail de la différence ; entre tentation d'une clôture endogame, et ouverture à l'altérité, au risque de l'étranger. Dans cette intervention nous nous rendons sensibles aux incidences des transformations du méta-cadre sur les institutions, et interrogerons la manière dont les dynamiques qui les travaillent, oscillent entre désir de comblement, dynamiques d'emprise et d'aliénation, et mise en œuvre de processus de créativité et de sublimation.

Mots-clés: Clinique de l'institution; travail de la groupalité; créativité.

Diferença e desigualdade: uma herança a se elaborar

Maria Inês Assumpção Fernandes (IPUSP / ABPCF)

Neste trabalho propõe-se, de início, colocar em debate os desafios inerentes ao processo de diferenciação no campo psíquico e no campo social, que compõe as fronteiras da interioridade e da exterioridade, na perspectiva de descobrir o sujeito da ação, o sujeito

da palavra e o sujeito da história na vertente de uma dialética sujeito e mundo, que nos permita explorar o dilema teórico da ligação entre psicanálise e política. Como decorrência desta aliança serão pensadas as condições sociais e o mal-estar democrático como uma situação de exceção própria a um funcionamento psíquico narcísico e perverso / delinquente; esse intrincado funcionamento de convívio comunitário evidencia que, para além da má distribuição de riquezas, estamos submetidos à decadência e ao abandono das instituições. A partir dessas considerações coloca-se em questão a construção do dispositivo psicanalítico a partir das seguintes perguntas: qual dispositivo? Para qual demanda? Discute-se a partir daí, a construção do dispositivo psicanalítico de grupo em relação ao enquadre, à função do trabalho psíquico do grupo e às modalidades de intervenção.

Palavras-chave: Dispositivo de grupo ; grupos sociais ; trabalho psíquico.

QUARTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2018

Tarde - 14:00 às 16:00 h.

Mesa-Redonda 1: PluriVox: uma estratégia para facilitar grupos no Primeira Infância Melhor (PIM) (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 505 (prédio 45)

COORDENAÇÃO DA MESA: Nedio Seminotti

A saúde tecida em múltiplas vozes da grupalidade: grupos como estratégia de escuta qualificada aos visitantes do PIM - RS

Nedio Seminotti – “CriaLab Tecnopuc”

Luciane de Almeida Pujol – PIM – SES – RS

Lacy Maria da Silva Pires – PIM – SES – RS

Apresenta-se o relato de uma capacitação piloto realizada com equipes municipais do Primeira Infância Melhor (PIM) RS, em territórios dos municípios de Porto Alegre e Viamão, destinada a Monitores do programa. O objetivo foi desenvolver competências de facilitação de grupo, de forma a torná-lo um método ou uma tecnologia leve: ao mesmo tempo em que compartilham problemas, geram soluções. Uma capacitação com enfoque específico neste tema ajusta-se às necessidades do PIM. Em um Acordo de Cooperação com SPRGS, executou-se um programa denominado Protocolo PluriVox (PP). Nas capacitações da Atenção Básica (AB) do SUS, o PP sugere dez competências de facilitação para que o grupo se torne um método. No PIM, foram realizados 6 laboratórios de aprendizagem de 4 horas de duração, nos quais 20 Monitores reproduziram, através do *Role Playing*, seus grupos de Visitadores e os facilitaram, exercendo as competências sugeridas no PP. Ao final, os Monitores referiram terem se apropriado da “ferramenta” para facilitar grupos e a incorporaram às rotinas de trabalho. Além disso, contribuíram para simplificar o PP reduzindo-o a cinco competências: fazer *inputs* e coordenar a apresentação, a definição de regras de convivência e os objetivos; possibilitar a conversação entre todos; viabilizar o compartilhamento da compreensão do comunicado; conferir se as compreensões produzem aprendizagem; avaliar, no encerramento, o que foi alcançado, o que ainda falta e o que cabe a cada um alcançar. Palavras-chave: Grupos no PIM; capacitação para facilitar grupos; Protocolo PluriVox.

Mesa-Redonda 2: Transtornos alimentares e situações de grupo: Análises de micro e macro contextos sociais (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 504 (prédio 45)

COORDENAÇÃO DA MESA: Élide Dezoti Valdanha-Ornelas

Transtornos alimentares e relações familiares: análise de uma tríade pai-mãe-filha

Élide Dezoti Valdanha-Ornelas

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

Université Paris-Diderot - Université Sorbonne Paris Cité (Paris 7)

Université Paris-Diderot

Claire Squires

Université Paris-Diderot - Université Sorbonne Paris Cité (Paris 7)

Manoel Antônio dos Santos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

A literatura científica aponta que vêm crescendo o número de pesquisas que buscam compreender o papel da família em que um membro há diagnóstico de transtorno alimentar (TA). Essas relações familiares são marcadas por confusão de papéis, dificuldade no estabelecimento de limites e no desenvolvimento e autonomia. Para a psicanálise, o sintoma alimentar esconde um sofrimento mais profundo e complexo, de ordem individual e grupal. O presente estudo teve como objetivo investigar e analisar as relações familiares de uma jovem diagnosticada com anorexia nervosa, a partir do referencial teórico psicanalítico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com desenho de estudo de caso, sendo considerado o caso uma tríade pai-mãe-filha. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados roteiro de entrevista semiestruturada, diário de campo e o Procedimento Desenhos de Família com Estórias. Os dados apontam dificuldade nas relações familiares desse grupo, em que o diálogo é sentido como ameaçador e realizado em tom acusatório, com tentativa constante de negação e fuga dos conflitos. A relação mãe-filha é vivenciada com ambivalência, com sentimentos ora de intrusão, ora de desamparo. O sintoma alimentar da jovem, que emergiu após uma radical mudança no funcionamento familiar, parece ser uma resposta inconsciente à pressão dos pais para que amadurecesse precocemente. Espera-se que esses dados possam contribuir na compreensão das relações familiares em contextos de TAs (Processo FAPESP nº2014/18615-4).

Palavras-chave: Transtornos alimentares; relações familiares; psicanálise.

A transmissão psíquica da feminilidade no grupo familiar: um estudo caso de anorexia nervosa

Carolina Leonidas

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

Manoel Antônio dos Santos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

A prevalência de anorexia nervosa (AN) é substancialmente maior no sexo feminino e os sintomas eclodem predominantemente na adolescência, coincidindo com a transição psicossocial que marca essa etapa do ciclo vital e a intensificação das vivências sexuais. O objetivo foi investigar a feminilidade em uma mulher jovem adulta com AN, na perspectiva da paciente, sua mãe e seu pai. Os instrumentos foram roteiro de entrevista semiestruturada e diário de campo. Os dados foram interpretados com o apoio do referencial teórico da psicossomática psicanalítica. A dinâmica psíquica da tríade era marcada por elementos de ilusão simbiótica entre mãe e filha, por um lado e, por outro, profundo distanciamento afetivo do pai. A feminilidade era vivenciada por mãe e filha como equivalente à vulnerabilidade e “doença”, tornando o movimento de aproximação do feminino uma fonte de angústias que impossibilitavam o acesso à genitalidade por parte da filha. Acentua-se o amálgama e indiferenciação em relação ao corpo materno, o que impede a vivência dos contornos do corpo próprio. Para o pai, a feminilidade da filha era vivenciada como ameaçadora devido às fantasias incestuosas que lhe eram despertadas, suscitando seu afastamento defensivo em relação à filha a partir da época da puberdade. Os achados subsidiam a prática clínica na articulação de vivências relacionadas à feminilidade dentro da família e os sintomas de AN (Processo FAPESP nº2012/23854-2).

Palavras-chave: Anorexia nervosa ; feminilidade ; relações familiares.

O papel da família no contexto dos transtornos alimentares: uma revisão da literatura

Ana Beatriz Rossato Siqueira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Manoel Antônio dos Santos
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)
Carolina Leonidas
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

Os transtornos alimentares (TAs) possuem etiologia multifatorial, sendo os fatores de interação familiar e características da personalidade os mais retratados. É importante investigar as relações familiares vigentes no cenário dos TAs e gerar estratégias para utilizar a família como recurso no tratamento dos indivíduos com TAs. O objetivo foi sintetizar a produção científica nacional e internacional sobre as relações familiares, com ênfase na relação mãe-filha, no contexto dos transtornos alimentares (TAs). As bases de dados consultadas foram BVS-Psi, PubMed e PsycInfo. Delimitou-se o período de 2012 a 2018, e as línguas portuguesa e inglesa. Foram selecionados os seguintes descritores, segundo o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde: relações familiares, transtornos alimentares, relação mãe e filha, e os correspondentes em inglês. Seguindo os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, 30 estudos foram selecionados para análise. O delineamento metodológico da maioria dos estudos era do tipo não-experimental, descritivo e exploratório. Os TAs apareceram nos estudos como sendo desenvolvidos por vários fatores, sendo a relação mãe-filha a mais abordada como fator precipitante e de manutenção nos quadros de AN. Relações fraternas foram retratadas de maneira ambivalente, enquanto padrões rígidos de interação familiar representaram risco para manutenção dos TAs. Enfatiza-se a necessidade de incluir os familiares no tratamento.

Palavras-chave: Transtornos alimentares ; relações familiares ; revisão integrativa da literatura.

Mídias sociais e transtornos alimentares: influências do macrocontexto social

Raquel Borges de Moraes
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Manoel Antônio dos Santos
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)
Carolina Leonidas
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

A exposição às mídias sociais virtuais, tem sido associada ao desenvolvimento de mudanças no comportamento alimentar das pessoas mediante a internalização da magreza idealizada predispondo à precipitação de transtornos alimentares (TAs). O objetivo foi sintetizar a produção científica nacional e internacional sobre as maneiras pelas quais as mídias sociais virtuais podem impactar na precipitação e manutenção de sintomas desses quadros. As bases de dados consultadas foram BVS-Psi e PubMed. Delimitou-se o período de 2013 a 2018, e as línguas portuguesa e inglesa. Foram selecionados os seguintes descritores, segundo o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde: Transtornos Alimentares, Redes Sociais e Mídias Sociais, e os correspondentes em inglês. De acordo com os critérios de inclusão e exclusão anteriormente estabelecidos, foram selecionados 25 estudos. O delineamento metodológico da maioria dos estudos era do tipo descritivo correlacional, com o enfoque quantitativo de pesquisa. Atualmente, existe um movimento recorrente nas mídias sociais virtuais que é a

formação de grupos sociais online, nos quais pessoas acometidas por TAs se engajam em busca de aceitação e suporte de outras pessoas com o mesmo problema. Este é um dos poucos refúgios encontrados por sujeitos que não se encaixam nos padrões propostos pela sociedade e pela mídia. Entretanto o mundo online também impõe formas de viver que segregam tanto quanto o universo off-line.

Palavras-chave: Transtornos alimentares ; mídias sociais virtuais ; revisão integrativa da literatura.

Mesa-Redonda 3: Psicanálise e Migração: Discutindo dispositivos de atendimento com famílias, grupos e instituições (Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.)

SALA: 503 (prédio 45)

COORDENAÇÃO DA MESA: María Liliana Inés Empanan Martins Pereira

Trabalho clínico institucional em equipamentos de acolhida a imigrantes

Liliana Empanan (Instituto Sedes Sapientiae (ISS), IPUSP), Caroline Yu (ISS), Claudia Sagula (ISS), Heloisa Schavarzman A. Silva (ISS), Lisette Weissmann (ISS), Vania Prata (ISS)

O Projeto Ponte do Instituto Sedes Sapientiae convida a uma mesa redonda para discutir sobre os diferentes dispositivos clínicos grupais, familiares e institucionais que as migrações livres ou forçadas demandam. A globalização torna mais frequentes as migrações nos diferentes formatos de imigrante, exilado e refugiado. No trabalho com imigrantes, exilados ou refugiados criamos uma clínica para atender essa população. Apresentaremos duas experiências de trabalho em instituições com as equipes que trabalham com migrantes na cidade de São Paulo. Trabalhamos com o foco de cuidar dos cuidadores que cuidam dos migrantes, criando um dispositivo de trabalho grupal que utiliza uma metodologia de rodas de conversa e grupos de discussão de orientação psicanalítica. A clínica com migrantes desafia a criar formatos que atendam essas especificidades. Orientamos a discussão institucional baseados nos eixos língua, cultura e transmissão, como temáticas fundamentais na atenção aos migrantes. Consideramos importante criar um espaço de escuta e intervenção clínica com os profissionais que assistem os migrantes, para que possam por sua vez construir uma escuta de compreensão sobre as migrações. O trabalho resulta em uma co-construção conjunta dos técnicos e dos cuidadores sobre a especificidade da atenção aos migrantes com todas as variações possíveis.

Palavras-chave: Projeto ponte; migrações; atenção aos cuidadores.

Les destins de la transmission psychique au temps du devenir parent: quel travail de différenciation? Le cas des enfants d'exilés politiques chiliens en Suisse

*Manon Bourguignon
(Université de Lausanne, Suisse)*

Depuis plusieurs décennies, nous faisons face à l'impensable des violences collectives qui continuent à marquer les esprits au-delà du temps et des frontières. Dans le cadre de notre thèse, nous nous intéressons aux destins de la transmission traumatique: qu'en estil lorsque les enfants de victimes de violence collective deviennent parents à leur tour en exil? En quoi consiste le travail de subjectivation de l'héritage d'un traumatisme collectif au temps du devenir parent en exil? Telles sont les questions que nous explorons dans le cas précis des enfants d'exilés politiques chiliens qui vivent

aujourd'hui en Suisse. Nous avons rencontré douze personnes à trois reprises au moyen d'entretiens semi-directifs et d'outils projectifs. Les premiers résultats témoignent de processus d'appropriation subjectivante et de différenciation face au poids de l'héritage traumatique. En effet, les remaniements identificatoires au temps du devenir parent remettent au travail les identifications qui s'inscrivent dans un maillage culturel, générationnel et temporel. Ce travail d'élaboration de l'héritage semble soutenir le processus de différenciation comme de subjectivation offrant ainsi au descendant une place dans le groupe familial mais aussi social. Notre étude s'inscrit dans le contexte, plus large, d'un nombre grandissant d'enfants de migrants. Elle a pour but de soutenir le processus d'élaboration des personnes qui portent les traces traumatiques des violences collectives passées.

Mots-clés: Transmission du traumatisme; parentalité; exil.

O impacto da migração na dinâmica familiar: estudo de um caso clínico

*Maria Lucia de Souza Campos Paiva
(ABPCF, AIPCF, PROMUD/HC-USP)*

Os movimentos migratórios fazem parte da história da humanidade. No mundo atual, as migrações passaram a ser figura central em muitos debates políticos, devido aos impactos sociopolíticos que têm causado. Nos últimos anos, no imaginário social brasileiro, a migração para países desenvolvidos passou a ser o objeto de desejo de muitas famílias. Este trabalho tem o objetivo de discutir as vicissitudes que o impacto do processo migratório causa na constituição de laços familiares e intersubjetivos. Pretende-se, a partir da apresentação de um caso clínico de uma família migrante brasileira que se mudou definitivamente para o exterior após várias estadias temporárias, discutir a questão do sofrimento psíquico do grupo familiar, principalmente a intensidade do sofrimento que recaiu sobre os filhos. Foi possível perceber uma dificuldade em estabelecer uma rede de laços afetivos no novo país, bem como um afastamento das famílias de origem. A dificuldade no estabelecimento de laços intersubjetivos duradouros dificultou a adaptação da família. Por se tratar de um trabalho terapêutico em que a questão transcultural assume enorme relevância, pretende-se também abrir e discutir questões sobre o manejo necessário no atendimento dessas famílias migrantes.

Palavras-chave: Psicanálise de casal e família; família imigrante; vínculo familiar.

Dispositivos com grupos e famílias para o atendimento de migrantes: que translaços entre a França e o Brasil são possíveis? Notas de clínica transcultural

*Gabriel Binkowski
(Universidade de São Paulo)*

Os grupos terapêuticos envolvendo migrantes e famílias em situação de migração compõem um tipo de dispositivo bastante difundido na França para a escuta e a intervenção em casos onde outros dispositivos de atenção se mostram limitados por questões envolvendo língua, diferença cultural, representações religiosas ou hiatos no tocante a concepções antropológicas (o que é um homem, uma mulher, uma criança, um corpo, um antepassado etc.). A maior parte desses dispositivos dialoga com as ideias do psicanalista e antropólogo Georges Devereux e investe num tipo de formatação de enquadre composto por diferentes atores terapêuticos e com a presença de mediadores culturais e linguísticos. Muitas vezes, na Europa, se discute os limites desse tipo de

dispositivo, seja por sua formatação de enquadre (os múltiplos terapeutas em cena) ou pelo tipo de intervenção realizada (onde representações culturais e sociais são investidas a fim de provocar um relance das dificuldades apresentados por um sujeito ou por um grupo familiar e/ou institucional). Depois de anos inseridos neste tipo de dispositivo em diferentes espaços institucionais na França, propomos apresentar algumas primeiras impressões sobre os tipos intercâmbio que poderiam ser propostos entre os dispositivos correntes na França e aqueles que encontramos no Brasil. Para isso, discutiremos através de uma perspectiva envolvendo psicanálise e a dita clínica transcultural.

Palavras-chave: Clínica transcultural; atendimento a imigrantes; grupos terapêuticos.

Comunicação Temática 1: Subjetividades e Técnicas no Dispositivo Grupal (*Eixo: Metapsicologia do Dispositivo Clínico*)

SALA: 502 (prédio 45)

MODERADOR: Carolina C. Tiussi

Sujeito e grupo: reflexões sobre a intersubjetividade

Vanessa Silva dos Santos

(Centro de Saúde-Escola Samuel Barnsley Pessoa - FMUSP)

Este trabalho apresenta o relato de uma sessão de grupo realizada em uma instituição pública de saúde. Trata-se de um dispositivo chamado “grupo de recepção”, que se dispõe a acolher as demandas/necessidades de pessoas em busca de cuidados em saúde mental. A partir desta vinheta clínica, objetiva-se ilustrar alguns conceitos da teoria de René Kaës sobre o funcionamento grupal, em especial a noção de intersubjetividade. Parte-se da ideia de que tornar-se sujeito pressupõe a participação de um outro, ou seja, a constituição do sujeito se apoia nos vínculos intersubjetivos. O dispositivo de grupo propõe uma situação plurissubjetiva (“mais que um outro”) que pode abrir novas formas de acesso ao psiquismo. A partir da análise da dinâmica do grupo apresentado, evidencia-se que o funcionamento grupal se dá a partir da “função pensante do outro” na restauração da atividade da memória, da linguagem e da interpretação, como um aparelho de transformação e de via de acesso aos “enigmas” de cada sujeito.

Palavras-chave: Grupo nas instituições; narcisismo; intersubjetividade.

Narrativas brincantes

Marina da Silva Rodrigues (Projeto Quixote) e Gustavo Bielo Castilho Gonzalez

(Projeto Quixote)

O presente trabalho ilustra o funcionamento de um grupo terapêutico de crianças entre 06 e 10 anos, que acontece dentro do Centro de Atenção Psicossocial II infanto-juvenil Projeto Quixote (CAPS II ij), e é coordenado por uma psicóloga e um farmacêutico. Um pequeno grupo com grandes intensidades, onde a construção de narrativas torna-se central para que haja o “acontecer psíquico grupal”. Para favorecer o grupo, pode-se organizá-lo a partir de uma tarefa, como indicava Pichon-Rivière (2000). A tarefa ajuda muito a pensar e perceber a diferença entre o individual e o coletivo. Trata-se de um exercício de atenção constante para perceber a dinâmica singular e plural, isso porque há momentos, por exemplo, em que se deve preservar a individuação de uma criança, seu movimento singular no grupo, e outros onde possam convidá-la a compartilhá-lo com os outros participantes. Para tanto, faz-se importante observar os significantes que emergem no grupo, pois esses se transformam facilmente em organizadores de uma tarefa comum do coletivo. Nesse

sentido, dar continuidade ao enquadre (sala/espço, terapeutas, objetos, brincadeiras, regras) torna-se fundamental. O “Grupinho”, como é carinhosamente conhecido, sempre foi atravessado por muitas histórias carregadas de significantes. Leituras de livros infantis, teatro, brincadeiras com enredo, relatos de personagens de desenhos animados/ filmes e rodas-de-conversa sobre suas próprias histórias de vida. Nessa apresentação, narraremos algumas vinhetas, ilustrando como se dão tais encontros. Os coordenadores do grupo, assumindo a função de analistas, juntam as questões, angústias, curiosidades e interesses das crianças, e as fazem circular no espaço terapêutico do brincar em conjunto. Dentro desse processo, são escutados os discursos e seus respectivos ecos, ressoando nas outras crianças, que por sua vez também podem recolher significados singulares desse encontro e oferecer ao grupo novos sentidos para aquilo.

Palavras-chave: Grupo terapêutico; brincadeiras; narrativas.

Percurso de um grupo de foto-expressão no serviço-escola de psicologia Mackenzie

Jaqueline Souza Parisoto (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM)

Rafael Alberto da Silva (UPM)

Maria Regina Brecht Albertini (UPM)

Fernando da Silveira (UPM)

Este trabalho, com base nos estudos de objetos mediadores em psicanálise, foi desenvolvido pela Equipe Técnica e por professores do Serviço-Escola de Psicologia do Mackenzie, utilizando a Foto-expressão com grupo de pacientes que aguardavam atendimento psicológico. O objetivo foi avaliar em que medida este dispositivo pode se consolidar como espaço potencial de intervenção, além de discutir sua importância como campo privilegiado de escuta para as diferentes demandas deste serviço. Realizou-se 9 sessões com um grupo de 7 pacientes cujas queixas envolviam aspectos relacionais, e que a cada encontro escolhiam uma foto para responder a pergunta feita com base na cadeia associativa do grupo. Os resultados demonstraram que a foto, como objeto mediador, permitiu diferentes expressões de imaginários e de estados afetivos. Com isso, o grupo, em sua função continente e contentora, favoreceu trocas intersubjetivas e novas apropriações dos conteúdos trabalhados. Assim, foto e grupo ofereceram duplo apoio ao acesso ao pensamento metafórico, organização das realidades psíquicas tanto singulares quanto grupais, além de mudanças nas posições dos sujeitos. Ao término dos encontros, os pacientes relataram tanto a melhora para lidar com os diferentes posicionamentos quanto com o tempo subjetivo do outro e manifestaram interesse pelo seguimento do processo terapêutico. A equipe responsável deu continuidade aos estudos para reprodução e aprimoramento da experiência.

Palavras-chave: Foto-expressão, dispositivo de grupo, objeto mediador.

A função do semelhante: a especificidade da relação entre as crianças nos grupos terapêuticos

Carolina Cardoso Tiussi (PSA-IPUSP)

Maria Cristina M. Kupfer (orientadora)

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que buscou investigar a especificidade da relação entre uma criança e outra e quais as implicações subjetivas dessas relações. O que somente uma criança pode fazer por outra? Essa pergunta foi engendrada a partir da experiência da pesquisadora como coordenadora de grupos terapêuticos heterogêneos em uma instituição de atendimento de crianças. A partir da experiência clínica e das pesquisas teóricas, utilizando Jacques Lacan e René Kaës

como autores de referência, propomos o conceito de função do semelhante como um operador analítico para o trabalho com grupos com crianças. Pensamos a função do semelhante para além das questões identificatórias. Do encontro com o semelhante é que poderia surgir um espaço para a alteridade. Em algumas situações, a criança estaria ocupando um lugar de enunciação tal que poderia produzir giros discursivos inéditos para a outra criança. Sua presença e seu discurso teriam efeitos subjetivantes significativos. Assim, propomos que a função da coordenação nos grupos terapêuticos seria propiciar que a função do semelhante opere entre as crianças, recolher e manejar seus efeitos. Pretendemos demonstrar essa tese a partir de vinhetas clínicas recolhidas em grupos terapêuticos.

Palavras-chave: Criança; grupos heterogêneos; função do semelhante.

Comunicação Temática 2: Saúde e Atenção Psicossocial (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 501 (prédio 45)

MODERADOR: Gustavo Vieira da Silva

**A consulta conjunta entre psicólogo e equipe de saúde da família:
problematizações a partir da psicanálise**

Gustavo Vieira da Silva (Universidade de São Paulo – USP)

Pablo Castanho (USP)

A atuação contemporânea do psicólogo na atenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS) preconiza a realização de consultas conjuntas com as equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF), compostas por médico, enfermeiro, técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde. Tendo origem na prática do primeiro autor como psicólogo na atenção primária, este trabalho aborda algumas contribuições da psicanálise para se pensar o estatuto clínico da consulta conjunta. A partir de um levantamento bibliográfico sobre a proposição teórica da consulta conjunta e de sua apropriação nas publicações do SUS, identificou-se grande expectativa no papel pedagógico do dispositivo, assim como a perspectiva de trabalho do psicólogo através de intervenções pontuais. Na sequência, levantam-se algumas problematizações referenciadas pela psicanálise: (1) considerando contribuições da obra de Sigmund Freud, questiona-se o alcance “pedagógico” do dispositivo, assim como os riscos iatrogênicos de intervenções “selvagens”; (2) fundamentando-se em contribuições de René Kaës sobre as práticas coletivas de cuidado, discute-se o lugar da intertransferência entre profissionais, do aparelhamento psíquico nos espaços comuns e compartilhados e das alianças inconscientes no funcionamento institucional. Por fim, levantam-se questões sobre algumas potencialidades e limites da consulta conjunta, cotejadas com situações clínicas e vinhetas advindas da experiência clínica no SUS.

Palavras-chave: Consulta conjunta; atenção primária em saúde; psicanálise.

Embaraços emocionais na gestação: humanização do pré-natal, sob a perspectiva da psicanálise

Silvia Maria Bonassi (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Ana Paula Moreto Silvestre (UFMS)

O objetivo deste estudo foi caracterizar um grupo de gestantes em atendimento pré-natal e mensurar possíveis sintomas de ansiedade e depressão. Foi desenvolvido num Centro de Especialidades da Mulher, do Mato Grosso do Sul. Participaram 10 gestantes,

maiores de 18 anos do programa de atendimento pré-natal humanizado. O método de estudo descritivo possibilitou a análise quantitativa e qualitativa dos dados. Os instrumentos usados foram: Roteiro de entrevista semiestruturada e o Inventário de Depressão de Beck-BDI-II. Resultados e Discussão: As participantes têm de 18 a 34 anos, 60% são do lar, 30% são estudantes e 10% trabalham no campo. A escolaridade é baixa, em sua maioria solteira, em união estável, e não planejaram a gravidez. Sentem-se apoiadas pela família e 70% tem o apoio do pai do bebê. As consultas durante o período gestacional é abaixo do desejado, assim desconhecem sobre ações do parto humanizado, apesar receberem apoio psicológico grupal. Sobre a auto percepção de seu estado emocional, 50% se consideram ansiosas, 20% se consideraram ansiosas e felizes e 30% somente felizes. No inventário de depressão, 40% que apresentou sintomas de depressão mínima, 30% depressão leve, 10% moderada, 10% grave. Uma participante, 10%, se recusou a responder o inventário. Apesar da amostra restrita, constatou-se que as gestantes vivem na sua rede de vínculos processos emocionais conflituos, o atendimento é insatisfatório, a equipe multiprofissional é insuficiente. As informações sobre o processo gestacional e do parto humanizado são significativas para a saúde e o bem estar psíquico e físico da gestante e seu bebê.

Palavras-chave: Pré-natal; depressão; humanização do parto.

Conversas de UTI – grupo de pais num serviço de UTI neonatal

Ana Maria Vieira Rosenzvaig (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo)

O trabalho apresenta a prática - Grupo de Pais - desenvolvida numa UTI Neonatal de um hospital pediátrico. Esta modalidade de intervenção se caracterizava como um grupo de conversa, de presença espontânea, que era oferecido aos pais de bebês internados na UTI. O grupo contava com a presença de pelo menos um representante de cada especialidade da equipe multidisciplinar de profissionais envolvidos no tratamento dos bebês, a saber, médico, enfermeira, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, nutricionista, assistente social. A partir da presença do psicanalista e estabelecimento do dispositivo de escuta psicanalítica, que invertia o protagonismo da fala dos profissionais da saúde para os pais, essa modalidade de trabalho grupal foi se configurando como um espaço privilegiado de intervenção terapêutica ao se verificar sua importância na construção de uma narrativa subjetivada sobre o bebê, que possibilitava aos pais a retomada gradual do processo de gestação psíquica do bebê e a reapropriação das funções parentais; processos esses interrompidos pelo trauma vivido com a internação do bebê na UTI Neonatal. É ainda destacado na discussão do trabalho o potencial integrador que essa atividade grupal, de caráter transdisciplinar, gerava no atendimento aos pais e aos bebês internados.

Palavras-chave: Grupos em psicanálise; narrativas; UTI neonatal.

Comunicação Temática 3: Razão e ação em grupo: discussão da *práxis* (Eixo: *Metapsicologia do Dispositivo Clínico*)

SALA: 101 (prédio 40)

MODERADOR: Kátia Varela Gomes

Por que grupo com crianças e adolescentes?

Ana Regina Bittencourt (HJM/Agrupar), Denise Martins (HJM/Agrupar), Maria Cecilia Biglia (Agrupar), Mary Sampaio (Agrupar), Patricia Fernandes (Agrupar)

Este escrito visa articular a metapsicologia do dispositivo grupal como tratamento institucional com a nossa experiência clínica com crianças, adolescentes e famílias, a partir do discurso analítico. Pretende-se discutir a direção do tratamento, atualizando as razões para trabalhar com grupos e refletindo sobre as estratégias de atendimento. Concebemos o grupo como um dispositivo para lidar com as novas formas de sofrimento psíquico marcado pelo empobrecimento da linguagem subjetiva e pelo excesso de excitação do aparelho psíquico manifestado no corpo, nas angústias e na passagem ao ato. Trabalhamos com pequenos grupos abertos de crianças e adolescentes, com sintomas variados. O grupo com os pais ocorre simultaneamente, o que favorece um lugar para a família. É estabelecida uma tríade discursiva entre o grupo de crianças/adolescentes, o dos pais e o da equipe. A análise dessa rede de linguagem é a base de reflexão para o trabalho. O dispositivo grupal resulta em alterações subjetivas cujos efeitos podem promover operações simbólicas e ampliação do laço social. Esse tratamento pode representar para a clínica contemporânea um ato de invenção, indicando novas alternativas para justificar a atualidade da psicanálise.

Palavras-chave: Dispositivo grupal; laço social; criança.

Psicanálise aplicada ao grupo: teoria e prática em contextos ideológicos

Juan Adolfo Brandt (IFPS - International Federation of Psychoanalytic Societies e IPePP – Instituto de Pesquisa em Psicopatologia e Psicanálise de Brasília)

Debatemos a psicanálise aplicada ao grupo, considerando a subjetividade afetada por tecnologias de reprodução humana, alternativas de constituição da família, movimentos afirmativos opostos ao modelo cultural-biológico e tecnologias modificadoras da identidade sexual; propostas que descartam a relevância do conflito edípico, negam a base biológica e a interdição da simbiose pelo terceiro relevante. Introduzimos o termo OBJETO UM a designar o objeto que é fecundado, gesta, amamenta e introduz a cultura, objeto total que só é desestabilizado pelo OBJETO DOIS nomeado fecundador e debatemos a precariedade desse objeto anteposto ao OBJETO UM narcísico. O grupo é debatido como estrutura psíquica com a inclusão do "terceiro" a "cortar" o narcisismo. Questionamos a tendência à negação da diferença e enaltecimento da semelhança e vemos novos desafios para o grupo-analista ante posicionamentos politicamente corretos relativos à repressão social da palavra tradicional, mas não da palavra da sexualidade perversa. O objetivo é clamar pelo retorno a Freud. O método é o do debate da experiência da psicanálise. Esperamos subsidiar a sociedade a lidar com as novidades da ultra modernidade.

Palavras-chave: Psicanálise; complexo de Édipo; vínculo.

As fragilidades das garantias metapsíquicas subjetivas e formas aberrantes de desorganização grupal

Maria Auxiliadora Alves Cordaro Bichara (Entre nós - Grupoterapia – Centro de Estudos de Psicanálise de Grupo)

O objetivo deste trabalho é apresentar nossas reflexões metapsicanalíticas sobre formas aberrantes de desorganização grupal. Esse tema se originou em um dispositivo clínico, durante nossa escuta psicanalítica de um grupo pertencente a uma instituição social. Os grupos se constituem numa dialética de desestruturação e estruturação, no entanto neste conjunto intersubjetivo se produziu um excesso de desorganizações e um intenso sofrimento psíquico. A partir da construção do caso (grupo), privilegiamos um olhar que partiu da clínica para a metapsicologia psicanalítica grupal desde Freud, passando por

Bion à Kaës, destacando os aspectos teóricos sobre os organizadores psíquicos do agrupamento, que serviram de indicadores para análise da desorganização grupal. Nossas reflexões apontam para a desorganização, especialmente aquela vinculada ao traumatismo produzido no trabalho de cuidar/educar: o trabalho de cuidar confrontava seus profissionais a experiências traumáticas, face às reações inesperadas e violentas dos educandos. A insatisfação narcísica e o ideal do grupo soçobravam no encontro com a exclusão, com a falta, com a sexualidade das crianças. Na ausência de um continente institucional para tratar esses afetos, formas aberrantes de desorganização emergiam no grupo, acompanhadas da dessubjetivação dos profissionais pela culpabilidade, vergonha, raiva e pela violência no cuidar.

Palavras-chave: Psicanálise; grupoterapia; desorganização grupal.

Grupos de acolhimento: um espaço potencial no tratamento da dependência às drogas

Katia Varela Gomes (Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL e Secretaria de Saúde – Prefeitura do Município de Guarulhos)

O grupo de acolhimento é uma modalidade de tratamento para as dependências às drogas, que tem como função acolher o sujeito a partir de suas próprias demandas, como um espaço de escuta. A partir do referencial psicanalítico, supomos que essa modalidade de grupo pode favorecer a elaboração dos vínculos, diferente de um lugar “mágico” que é ocupado pela droga, configurando-se como um lugar articulador, de apoio psíquico e intersubjetivo. Partimos dos seguintes pressupostos: a) o grupo possibilitaria o “reencontro” com objetos de um cenário interno e a possibilidade de elaboração e percepção desses conteúdos, inserindo o sujeito em uma referência espaço-temporal nova e determinada pela mobilização de formações psíquicas que só se manifestariam nesse cenário; b) o grupo também seria um lugar articulador, funcionando como uma referência, uma possibilidade de comunicação, diferente da ausência de apoio e sustentação nas instituições familiares e sociais. Utiliza-se para a análise um grupo de acolhimento para mulheres dependentes de múltiplas substâncias no contexto institucional de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas (CAPS AD), coordenado por duas psicólogas e com frequência semanal. Pretende-se, portanto, contribuir para a discussão das diferentes perspectivas de modalidades de tratamento, sob a ótica da redução de danos, que pressupõe atender o sujeito em sua singularidade.

Palavras-chave: Grupos de acolhimento; tratamento; drogas.

Comunicação Temática 4: Algumas ferramentas e recursos técnicos na atuação psicoterápica em grupos (Eixo: *Metapsicologia do Dispositivo Clínico*)

SALA: 102 (prédio 40)

MODERADOR: Rosa Jaitin

O uso da técnica de Sandplay em contextos grupais no serviço-escola da Universidade Mackenzie

Ana Lucia Ramos Pandini (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O presente trabalho relata a experiência de três processos grupais conduzidos por duplas de estagiários de décimo semestre do Curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com supervisão no Estágio de Psicologia Analítica. Trata-se de grupos de

mulheres com idade compreendida entre 25 e 50 anos, com queixa inicial de dificuldade nos relacionamentos interpessoais. Os atendimentos foram realizados no Serviço-escola da UPM. O trabalho apresenta o uso da técnica do Sandplay como instrumento de intervenção grupal. Os resultados apontam que a realização de imagens a princípio pouco conectadas entre si foram se tornando coletivas e contribuíram para o reconhecimento de queixas semelhantes das participantes, tais como dificuldades no relacionamento familiar, dificuldades nos relacionamentos amorosos, autoestima baixa e imagem corporal negativa, bem como conflitos no desempenho da carreira profissional. Demonstram ainda que a técnica facilita a construção do self grupal, promovendo expressão, focalização, acolhimento e interação de imagens inconscientes individuais e coletivas significativas, o que contribui na elaboração dos conflitos, ampliando os alcances do processo grupal. Conclusão: Foi observado o desenvolvimento da individualidade de cada participante e da identidade grupal, aprofundando os processos de fortalecimento da personalidade em geral.

Palavras-chave: Grupo de mulheres, Sandplay em grupo, processo grupal.

A capoeira como dispositivo de mediação e simbolização na clínica da psicose

*Antônio Carlos Nunes de Carvalho Júnior (Universidade de Brasília – UNB e SES/DF)
e Deise Matos do Amparo (UNB)*

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em Psicologia Clínica e Cultura que tem como objeto a apropriação subjetiva e os processos de simbolização em psicóticos, por meio de oficinas de capoeira realizadas em um Centro de Atenção Psicossocial II. Objetiva-se discutir acerca dos processos de mediação e simbolização em psicóticos por meio do dispositivo grupal, que é realizado há cinco anos na instituição pelo próprio pesquisador. A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante, com inserção do pesquisador nas oficinas e coleta dos dados por meio de registros sistematizados em diário de campo, realizados posteriormente às atividades. A oficina, pautada em expressão cultural que valoriza o ritmo, o movimento e o contato, constitui-se como meio maleável para simbolização e como dispositivo atraente do processo transferencial. Assim, buscamos resgatar e qualificar aspectos da clínica do sensível, do registro simbólico primário e do movimento por meio da cultura popular e do dispositivo grupal, favorecendo o trabalho de subjetivação e os processos de metabolização na clínica da psicose.

Palavras-chave: Dispositivo grupal; cultura popular; clínica da psicose.

O peixe morre pela boca? Uma vivência com composição estética num grupo de trabalho

*Sylvia R. Fernandes, Caueh Perrella, Nanci Missae Shirazawa,
Vivian Sayuri Teixeira da Silva (Instituto Sedes Sapientiae)*

Uma equipe de psicanalistas da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, que atende grupos sob a modalidade de composição estética (Projeto Compor), realiza periodicamente laboratórios com o dispositivo mediador. As vivências possibilitam tanto a formação com a técnica, como dar figura e palavra ao que silencia no funcionamento grupal. Pretende-se analisar uma dessas vivências, que acontece num momento em que o investimento no projeto é colocado em questão. A figurabilidade, materializada nas construções imagéticas, e as associações verbais põem em cena as questões implicadas no grupo (tais como, ameaça de desintegração, rivalidade, raiva, angústia de separação, potência criativa, desejo individual e compartilhamento). Os

decorrentes entrelaçamentos entre e vida e morte, integração e desagregação, foram sonhados e analisados pelo próprio grupo. Cada analista pôde se haver com seu investimento pessoal, seu desejo e possibilidade de permanência nesse grupo e no projeto. Não sem dor e perda, processa-se uma travessia dessas questões, permeada pela indizível ameaça da vida (a morte do peixe pela boca), possibilitando renascer o espírito gregário, a vontade de compartilhar e a sustentação do sonho em grupo.

Palavras-chave: Grupo de trabalho; grupo nas instituições; composição estética.

Miroir thérapeutique groupal pour une psychopathologie du corps

Patricia Manga Carrola (Réseau de Prévention et de Prise en charge de l'Obésité Pédiatrique, Franche-Comté), Charlyne Picard, Angelina Morra, (Laboratoire de psychologie de Besançon), Almudena Sanahuja (Université Bourgogne Franche-Comté)

Ces dernières années nous voyons apparaître dans les médias des mannequins « grande taille », comme si la beauté devait être différenciée selon les morphologies. Malgré une évolution, le culte de la minceur prédomine, nous soumettant à différents regards. Le regard social associé à une parole stigmatisante est alors une source de souffrance. C'est le cas chez de nombreuses adolescentes en surpoids. Elles éprouvent de la honte, de la culpabilité du fait de leur différence corporelle, accentuant alors des troubles alimentaires impactant la construction du soi, des liens intersubjectifs et familiaux. A partir de ces différents constats que nous avons conçu, dans le cadre d'une recherche,¹ un dispositif de groupe thérapeutique novateur où le regard est notre fil d'Ariane. Ce regard s'articule à travers des médiations groupales dans lesquelles sont associées éprouvées corporelles et pensées. Notre propos porte sur les groupes de parole dans le dispositif, celui des jeunes filles, des membres de la recherche à travers la supervision et le dernier groupe de parole celui des jeunes filles accompagnées de leurs parents. Le but est d'échanger autour des différents vécus. Dans le cadre de cette intervention étayée par les résultats de la recherche, nous mettrons en lumière comment la dynamique groupale permet de travailler le lien « attaqué », le soi et les processus inconscients en jeu pour que le regard et la parole puissent devenir thérapeutique pour ces jeunes filles.

Mots-clés: Groupe thérapeutique ; différences corporelles ; regard.

Comunicação Temática 5: Políticas Públicas, Educação, Assistência e Juventude (Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.)

SALA: 103 (prédio 40)

MODERADOR: Augusto Galery

Grupos de conversação em instituições socioassistenciais para crianças e adolescentes: uma aposta de intervenção e pesquisa em psicanálise

Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (IP-USP); Kamila Kamel Fahs (IP-USP); Miriam Debieux Rosa (IP-USP)

Este trabalho visa traçar algumas considerações sobre a aposta em grupos de conversação como dispositivo de intervenção e pesquisa no contexto de instituições socioassistenciais, partindo de um referencial pautado pela ética da psicanálise. Ele deriva de uma pesquisa mais ampla, que tem proposto a realização do referido dispositivo grupal junto a profissionais de um serviço de acolhimento. Entendendo que

¹ Financée par la Fondation de France

as relações que se estabelecem entre estes últimos e aqueles de cujos cuidados se encarregam na instituição são atravessadas por profundas problemáticas sociopolíticas, observou-se a necessidade de dispor de ferramentas que pudessem elucidar impasses e discursos que atravessam as práticas institucionais cotidianas. Assim, o grupo de conversação configura-se como um espaço de oferta e circulação da palavra, que visa promover o deslocamento de lugares-comuns na esfera da assistência à infância e juventude e questionar os saberes estabelecidos e as identificações que confinam os sujeitos a determinadas maneiras de ser e agir no mundo, de modo a abrir perspectivas inéditas de ação.

Palavras-chave: Psicanálise; grupos de conversação; instituições socioassistenciais.

Crianças imigrantes nas escolas da cidade de São Paulo: conflitos e intervenções

Joana Sampaio Primo, membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade da Universidade de São Paulo.

É sabido que as escolas são instituições que carregam o conflito como motor das relações, seja o conflito geracional entre os educadores e os educandos, seja o inerente ao processo educacional e, mais recentemente, o movido pelas questões articuladas às crianças deficientes que ingressam nas escolas regulares. Articulado a essa demanda, temos enfrentado na cidade de São Paulo um crescimento de situações problemáticas na escolarização de crianças imigrantes ou filhas de imigrantes, situações estas que, muitas vezes, imbricam a estranheza com o estrangeiro e a pressa em diagnosticar a diferença. A presente comunicação oral pretende discutir intervenções clínico-políticas, em andamento, nas escolas públicas da capital paulista que estão enfrentando grandes desafios com o aumento de estudantes estrangeiros, na perspectiva de lidar com esses conflitos ao invés de calá-los com diagnósticos. Tal problemática surgiu de uma demanda dirigida ao *Grupo Veredas: Psicanálise e Imigração*, do qual fazemos parte, de que psicólogos e psicanalistas deste coletivo propusessem intervenções em situações desafiadoras desse convívio. Afirmamos que o fluxo de estudantes imigrantes abre a possibilidade de indagarmos sobre o encontro com o estrangeiro, entendendo-o tanto como aquele que não é de um mesmo país quanto como algo constitutivo da psique humana.

Palavras-chave: Imigração; intervenção clínico-política; escola.

O sujeito social e a trama dos vínculos institucionais: movimentos sociais e políticas públicas

Augusto Dutra Galery (LAPSO-USP / Fecap)

A presente pesquisa, proposta como projeto de pós-doutoramento em Psicologia Social, busca compreender como se estabelece a trama de vínculos entre sujeitos e instituições, tomando, como estudo de caso, os movimentos sociais de pessoas com deficiência e sua influência sobre as políticas públicas de educação. Na atual etapa de nossa pesquisa, buscamos, através do método de história oral, confrontar depoimentos obtidos em entrevistas com atores relevantes e documentos sobre o assunto. Usamos, como base teórica, a noção de vínculo na psicossociologia francesa de E. Enriquez, J. Barus-Michel e outros. A perspectiva dos direitos e cidadania vem das teorias de T. H. Marshal e J. M. Carvalho. A conclusão parcial é a de que a maior autonomia dos sujeitos, a partir da aquisição de direitos, modificou tanto os movimentos sociais quanto a inclusão escolar. Os principais atores desses movimentos, no início, foram os responsáveis por essas pessoas, como pais e representantes políticos. R. Sasaki, em entrevista, denomina essas organizações como Movimentos para as Pessoas com Deficiência. À medida em que

tais sujeitos conquistam direitos que garantam sua autonomia, passam a ser atores de suas próprias organizações, que se tornam, ainda segundo Sasaki, Movimentos **de** Pessoas com Deficiência. A identificação e o vínculo que estabelecem com as instituições modifica-se e, conseqüentemente, as demandas de educação passam a refletir a busca por maior autonomia do estudante com deficiência.

Palavras-chave: Movimentos sociais; políticas públicas; vínculo.

O desafio da sustentação da palavra entre pares: sobre política e psicanálise

Tiago Corbisier Matheus (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; Fundação Getúlio Vargas).

Este trabalho surgiu a partir da experiência de discussão clínica dos encontros nomeados de Inquietações da Clínica Psicanalítica entre membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, estabelecendo assim um grupo aberto, que se renova a cada encontro, sustentado pela coordenação do Grupo Espaço de Trabalho. A partir da experiência de diálogo estabelecida entre psicanalistas pares na instituição, em torno de inquietações clínicas plurais, discutimos neste ensaio reflexivo (como observação participante) o desafio da sustentação da palavra entre pares, nas tensões, identificações e pedidos de reconhecimento que dali emergem. Deste lugar que ocupamos como organizadores dos encontros, constatamos que entre diferenças e igualdade, desamparo e busca por reconhecimento, a sustentação da palavra é o frágil recurso capaz de dar sentido à experiência do sujeito na assembleia dos outros.

Palavras-chave: Clínica; política; psicanálise.

Comunicação Temática 6: O estranho no outro: Encontros e Confrontos (*Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.*)

SALA: 104 (prédio 40)

MODERADOR: Paula Regina Peron

Estrangeiridade e laço social: apontamentos sobre a função das instituições de acolhida no campo das migrações

Kamila Kamel Fahs (Universidade de São Paulo -USP); Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (Universidade de São Paulo - USP).

O contexto político e social contemporâneo é marcado por um fenômeno maciço de deslocamentos humanos. Conjuntamente aos deslocamentos humanos, é possível observar a proliferação de discursos nacionalistas, xenofóbicos e racistas que atravancam o acolhimento destes sujeitos nos países de chegada. Frente a isso, este trabalho visa analisar a função das instituições de acolhimento no campo das migrações, pensando, para além da oferta de abrigo, em suas possibilidades de mediar o encontro do sujeito com a diferença e com sua posição de estrangeiridade. Partimos de reflexões advindas da experiência do Grupo Veredas - Psicanálise e Imigração, cujas intervenções visam abrir caminho para a elaboração dos deslocamentos subjetivos e para a possibilidade de re-constituição de laços sociais. Nos orientamos metodologicamente pela psicanálise implicada, que leva em conta as especificidades sociais e discursivas na escuta psicanalítica dos sujeitos e dos fenômenos sociais. Nossas reflexões enveredam pela necessidade e possibilidade de as instituições de acolhimento operarem a partir da inclusão da diferença e da mediação de elaborações das diferenças que são produzidas nos encontros e desencontros com a estrangeiridade. Nesse sentido, enfatizamos que a diferença não se encontra circunscrita a figura do estrangeiro, mas que as diferenças do país de acolhida também são expostas no encontro com a estrangeiridade.

Palavras-chave: Estrangeiridade; laço social; acolhimento.

Efeitos da migração interna brasileira no trabalho do psicólogo do CRAS

Dandara Peraro de Sousa (Universidade Estadual de Londrina – UEL) e Rafael Bianchi Silva (UEL)

O fenômeno da migração é complexo e permeado por diversas transformações políticas, sociais, culturais, naturais e econômicas, além disso, é influenciado por aspectos subjetivos dos indivíduos e perpassam vivências familiares, questões de idade, gênero, emprego e estudos. Isto posto, entendemos que um dos espaços onde se incide o fenômeno migratório são os CRAS – Centros de Referência de Assistência Social, equipamento da rede de proteção social básica do SUAS – Sistema Único de Assistência Social, que possui como um de seus objetivos a prevenção de vulnerabilidades e aumento das potencialidades das famílias nos territórios em que vivem, sendo este entendido não apenas como local físico, mas um espaço perpassado pelas vivências e singularidades das pessoas que ali se inserem. A subjetividade dos usuários é um elemento valorizado pelo SUAS, e é nessa dimensão que o psicólogo desse serviço tem sua especificidade de trabalho e deve atuar. Nesse contexto, a presente pesquisa, ainda em andamento, busca analisar as implicações na atuação do psicólogo nos CRAS no atendimento de usuários que vivenciam a migração interna brasileira. A partir de uma perspectiva pautada pela análise documental propõe-se uma articulação com possíveis contribuições da Psicologia, entendendo-a como um campo do conhecimento que pode contribuir com uma reflexão acerca das práticas que vêm sendo realizadas pelos psicólogos de forma que estas também valorizem as subjetividades do usuário migrante.

Palavras-chave: Migração interna; política de assistência social; subjetividade.

O tema da diferença em um grupo de pré-adolescentes e o impacto psíquico das imagens

Paula Regina Peron (Sedes Sapientiae e PUC/SP)

A proposição do Colóquio instigou-me a aprofundar a investigação, em um grupo aberto de pré-adolescentes, de 10 a 13 anos, atendidos por mim na Clínica Psicológica Ana Maria Popovic, da PUC/SP, acerca do tema da diferença. Os participantes foram convocados por indicação da escola ou por instituições da Saúde. A aparente homogeneidade da caracterização da faixa etária deu lugar a um universo de singularidades que foram evidenciadas em trabalho grupal. O grupo foi composto de mais participantes meninos do que meninas, gerando certa expectativa contratransferencial de conteúdos (agressividade, machismo, silêncio, por exemplo), que se mostrou equivocada, dado que os conteúdos agressivos apareciam mais por influência do excesso de exposição às mídias, do que pela configuração de gênero e, ao mesmo tempo, não foi necessário outro recurso de trabalho que não a fala. A partir deste cenário, procurarei explorar a ideia da nocividade da superexposição as imagens e as questões que ela parece provocar. Outra faceta a problematizar está no peso das vertentes diagnósticas, já que quase todos os participantes receberam diagnósticos amplos e imprecisos que pesam sobre seus pensamentos e afetos, ainda que os jovens não tenham se mantido identificados a eles. Finalmente, pretendo aqui apresentar discussões sobre as vulnerabilidades apresentadas por estes jovens, e como impactaram em minha condução do trabalho grupal, provocando continuamente impasses interpretativos e metodológicos.

Palavras-chave: Psicanálise; pré-adolescência; grupo psicoterápico.

Comunicação Temática 7: Refúgios psíquicos – estratégias de atendimento e (des)enraizamentos (*Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.*)

SALA: 105 (prédio 40)

MODERADOR: Roberto Macfadden

Grupo de acolhimento: uma estratégia de promoção a saúde mental para mulheres refugiadas e imigrantes

*Tamires da Silva Sousa, Dominique Costa Martins Pereira, Roberto MacFadden
(Universidade Cruzeiro do Sul)*

O trabalho originou-se no estágio de Processos Grupais, realizado no curso de Psicologia da UNICSUL, por alunas do 5º/6º semestre e orientado por Ms. Roberto MacFadden. O projeto direcionou-se às mulheres imigrantes, com o intuito de utilizar o grupo como uma ferramenta para a promoção de saúde mental a essa população. Os encontros ocorreram no Instituto de Reintegração do Refugiado-ADUS, com a participação de seis mulheres, ao longo de quatro meses. A intervenção pautou-se na concepção de Grupo Operativo de Pichon-Rivière (1998), que compreende o grupo como uma estrutura básica de interação, transformando-o em possibilidade de trabalho e investigação. O grupo de mulheres desencadeou a discussão de conteúdos que foram ponderados para pensar os resultados desses encontros, como questões acerca do trabalho, que tangenciava a permanência ou não neste país. As questões relacionadas ao racismo e identidade surgiram com grande ênfase, nesses momentos houve a possibilidade de pensar e falar sobre os impedimentos pelos quais passavam, de suas angústias e sofrimentos, mas também puderam se reconhecer, afirmar sua identidade e dimensionar o olhar para as potencialidades que carregavam. O grupo verbal possibilitou que essas mulheres imigrantes criassem um espaço de autocuidado, em que através do compartilhamento de suas histórias, do reconhecimento no outro como semelhante e da possibilidade de significar ou ressignificar experiências favoreceu o fortalecimento pessoal e coletivo.

Palavras-chave: Mulheres; imigração; grupo operativo.

“Retirantes” de Portinari aos dias atuais: a escuta de imigrantes haitianos no centro de São Paulo

Renan Silva Carletti (Universidade de São Paulo - USP)

O presente trabalho foi desenvolvido em articulação com o grupo de estudos Religião e Cidade da PUC-SP. Esta pesquisa foi realizada na instituição Missão Paz e nos seus arredores em conversas com imigrantes haitianos. Buscou-se identificar as principais questões vividas na adaptação da vida em território brasileiro e o possível auxílio de vínculos comunitários religiosos. Foram realizadas entrevistas abertas com os imigrantes que falavam parcialmente o idioma português. Como resultado observou-se o impacto na percepção do pesquisador em relação aos haitianos ao testemunhar o sofrimento dos imigrantes rompendo com a noção de "bárbaros imaginários" (expressão cunhada pelo sociólogo haitiano Laënnec Hurbon) a qual era esperada. Além disso, notou-se a centralidade do trabalho no processo migratório, as dificuldades de adaptação envolvendo o racismo no Brasil e o idioma português. Discutiu-se uma distinção entre a imagem veiculada na mídia sobre o Haiti e os relatos colhidos na pesquisa, os entrevistados vinham fugindo de uma condição de pobreza extrema, mas buscando salários mais altos do que já ganhavam no país natal. Por último, com a frustração ao

chegar na "terra prometida" e não encontrarem o esperado, muitos questionavam se deveriam voltar ou permanecer.

Palavras-chave: Processo migratório; haitianos; religiosidade.

Entre corpos e sonhos no Xingu

Lucila de Jesus Mello Gonçalves (USP/ SEDES SAPIENTIAE)

O trabalho apresenta parte da pesquisa iniciada em 2013, junto aos índios Kamaiurá do Xingu desenvolvida no IPUSP. Trata-se de uma investigação da experiência onírica da comunidade, do lugar que os sonhos ocupam, seus usos e funções. Com que estão sonhando os Kamaiurá e de que maneira os sonhos revelam algo da realidade compartilhada na comunidade? Qual a relação do sonhar com a manutenção da vida em comum dentro da própria cultura? A etnografia contou com situações onde os sonhos puderam ser partilhados e 'interpretados' em grupo, criando espaços de continência para experiências coletivas, por exemplo, na ocasião em que a aldeia estava em luto pela perda de um grande pajé e os sonhos revelavam, individualmente, o receio da comunidade em seguir sem ele. O processo de partilha de sonhos revelou-se um lugar privilegiado de questionamentos e elaborações dos sonhadores, constituindo espaços de troca onde os vínculos e as relações comunitárias puderam se fortalecer. Acreditamos ser essa experiência de suma importância para o contínuo enraizamento na própria cultura, os sonhos partilhados e pensados coletivamente se firmando como garantia do bem viver coletivo, ícones da resistência à entrada de elementos não indígenas.

Palavras-chave: Sonhos; espaço onírico compartilhado; enraizamento.

Comunicação Temática 8: O mal-estar na cultura (*Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.*)

SALA: 106 (prédio 40)

MODERADOR: Sueli Rugno

O eu e o outro em a vida em comum – ensaio de antropologia geral Tzvetan

Todorov

Cristiane Neves Giacomini (UPM)

O presente trabalho tem o intuito de responder o que separa o eu e outro através da leitura da obra *A vida em comum – Ensaio sobre a antropologia geral* de Tzvetan Todorov. Filósofo, crítico, linguista e historiador, constitui-se como um pensador fundamental para compreensão do eu na contemporaneidade. A obra em questão traz alguns dos dilemas que envolvem a sociabilidade na sociedade contemporânea: a solidão é uma realidade? Qual é a linha que separa o eu e o outro? Existe uma real separação entre os seres humanos que coexistem planeta Terra?

Palavras-chave: Eu; outro; contemporaneidade.

“Nós nunca seremos felizes, nunca” – suicídio enquanto expressão do mal-ser contemporâneo e o processo civilizatório latino-americano

Fernando Luís Pereira Robles; doutorando PST-USP, membro do LAPSO;

Sueli Rugno; pós-doutoranda PST-USP; membro do LAPSO.

Este trabalho se propõe a refletir sobre o suicídio à luz dos vínculos psíquicos e dos aspectos sócio-culturais que incidem nos grupos e as dimensões que impõem o suicídio como alternativa para saída do sofrimento, do vazio, da dor inominável. A intergeracionalidade não teria sido capaz de ser marcada como confronto e transmissão

psíquica-cultural, não oferecendo as garantias psíquicas necessárias para o sujeito se subjetivar. As falhas primitivas (básicas?), as angústias frente à fusão-separação provocam o aniquilamento, já que não se constituiu espaço de contenção. É necessário incluir as situações concretas de violência na família e/ou no social como um ataque à subjetividade, à alteridade, à cidadania, provocando uma condição insuportável de não poder existir. São ambientes hostis que desautorizam o SER e a intersubjetividade. Desabando no vazio, o sujeito desiste, abdica de viver. Do ponto de vista clínico, o sujeito, agonizante em suas defesas erigidas para continuar vivendo, escolhe o suicídio. Na contemporaneidade, a ideologia que faz crer na suposta ausência ou enfraquecimento do Estado, dando lugar ao neoliberalismo – que se manifesta mormente como neocolonialismo –, tem gerado as inconstâncias intersubjetivas, os desamparos e, por conseguinte, a ruptura dos projetos civilizatórios. São situações e contextos que incidem nas “des” garantias dos vínculos sócio-culturais e nas “des” construção dos sujeitos, que leva à fúria individualista e à primazia de Thânatos. Falta, em tempos atuais, a função do intermediário que assegure o diálogo dentro/fora do sujeito na confiança de um tempo e de um lugar necessários para o processamento psíquico e uma ação-resposta minimamente elaborada. Se os Estados e as Instituições não mais garantem a confiabilidade nesses laços e, portanto, a alteridade, aí se constitui a perspectiva mortífera do narcisismo, já que não há um eu e um outro, nem bordas, contorno... fronteiras, que assegurem o processo de humanização. É assim que a cultura, não oferecendo condições via psiquismo institucional, de um obstáculo que impõe um tempo e cria espaços de encontro, corrobora com a destrutividade, levando o sujeito a desistir de viver. A cultura contemporânea do individualismo, do imediatismo, que não suporta a frustração, também debocha da intergeracionalidade e, portanto das relações humanas. Pautada, cada vez mais, nas tecnologias e nas trocas *on line*, desconfigura a história e a filiação, uma vez que, se o sujeito não gosta: bloqueia; e, ficando só, com seus fantasmas, pode ser consumido, devorado. Sem um outro que apresente o sujeito a si mesmo, isto é, que interaja em sua própria constituição e reformulação, o sujeito fica à deriva., sofrendo de boca calada. Na América Latina, usada como quintal de monopólios estrangeiros em conluio com oligarquias locais, a real violência aumentada pelo calculado uso e exploração de terras, recursos naturais e contingente humano, alastra a pobreza financeira e intersubjetiva, multiplicando os que morrem nas margens, em paralelo aos muito ricos que se regozijam nos núcleos de fomento do capitalismo, protegidos pelos meandros interpretativos da “lei”, juristocracia mascarada de ransos ultra-conservadores e viéses classistas preconceituosos, mas que de fato está aliciada por interesses imperialistas e deturpação por inflação de vaidades pessoais e privilégios subterrâneos, aos falsos heróis da austeridade. Em sociedades com tantas discrepâncias, a construção de vulnerabilidades é um fato. Além de toda violência imposta, constroem-se dispositivos repressores, na tentativa de negar a agressividade tácita do contexto, estimulada nos sujeitos assujeitados. O suicídio pode ser o sintoma de uma sociedade terrorífica e excludente, em que um pretense *self* verdadeiro já estaria *a priori* “suicidado” pelo *modus operandi* da organização social. Decorrente de um legado histórico e de heranças conflitantes que se manifestam através da mestiçagem, histórico de imigrações e migrações, o suicida, na intersecção dos eixos diacrônico e sincrônico, faz do morrer uma ação afirmativa, de resistência e de identidade como declaração do seu percurso pancrônico. A mestiçagem é característica da colonização latino-americana, quando chegaram ao continente, os europeus depararam-se com uma população aborígine que foi massacrada na tentativa de sua apropriação como mão-de-obra escrava e como exercício de poder para que dessem aos europeus as localizações reais e fantasiadas (El Dorado) dos tão cobiçados metais preciosos de que carecia o capitalismo mercantil europeu daquela época (final do século XV e início do XVI); em sua tentativa

de resistência pacífica, os povos ora chamados de indígenas (acreditava-se, a princípio, ter sido feita a circunvolução e atingido as Índias) tentavam vez ou outra a hospitalidade e a dádiva de suas mulheres aos espanhóis e portugueses, daí surge uma primeira miscigenação, sendo os frutos desses enlaces sempre com um quê de bastardos e inferioridade em relação ao conquistador. Vicejando já, neste começo, na cúpula da Igreja, o ideário da América enquanto um paraíso perdido na terra, o povo indígena fora considerado, após um tempo, como algo “inocente”, “puro” – que não deveria ser escravizado – fora desse contexto beato, distanciado da realidade de banhos de sangue e violência, os aborígenes eram considerados avessos *por natureza* ao trabalho, indolentes... somando-se a esses dois fatores o rendimento que poderia dar o tráfico escravo de outra região vilipendiada pelos europeus, neste primeiro ciclo capitalista, deu-se vazão à expatriação forçada de milhões de africanos negros que vieram se somar ao caldo cultural de violência, sujeição e hábitos que culminou em maior miscigenação e sincretismo na América Latina. Esses laços de sangue, além de darem legado a gerações malditas futuras (os filhos dessas trocas sempre com a marca da inferioridade com sua parcela de linhagem escrava/aborígene frente ao sangue conquistador e explorador europeu superior), também se amalgamaram ao sangue até então derramado em um legado ontológico indelével. Mais recentemente, final do século XIX e início do XX, vieram somar-se outros imigrantes tardios, pós-abolição da escravatura, europeus e em parte asiáticos, para trabalharem nas grandes monoculturas de café, além dos processos migratórios locais que fizeram que mão de obra do crescente exército de reserva fosse utilizada em condições análogas à escravidão no ciclo da borracha, do cacau, drogas do sertão e outras empresas sempre relegadas ao caráter mais destacado de comercialização de matéria-prima. Hoje, só reflexo do autoritarismo nos mecanismos policialescos e jurídicos mantenedores e sustentáculos das injustiças caracteriza, fundamentalmente, o papel do estado, nas sociedades latino-americanas. Se o estado e suas instituições correlatas representam algo de parentalidade no social, pode-se conceber que estes filhos, relegados a precoce desamparo, sujeitos apenas à repressão crua à mercê de seus instrumentos policialescos que ainda garantem a sobrevivência das oligarquias (e por isso sempre serão mantidos, apesar das inúmeras outras privatizações) e não à filiação simbólica, os filhos desse estado são então negligenciados e abandonados em estágios muito precoces ao desenvolvimento, por exemplo, na oralidade, tão característica às práticas consumistas e de drogadição: o que alguns psicanalistas já consideram como uma espécie de suicídio da mente, em vida.. Ainda que a América Latina se modernize com o *know-how* estrangeiro, o desenvolvimento não é uma etapa a ser alcançada na superação do atraso estrutural de seu território. Palavras-chave: Suicídio; intersubjetividade; América Latina.

Migrações: confrontos culturais na Amazônia brasileira

*Suzana Souza Pastori (Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo/
Ambulatório de Família)*

Este trabalho trata dos deslocamentos humanos que acontecem dos interiores da região amazônica para a cidade de Belém, na região Norte do Brasil. A partir das diferentes heranças culturais existentes na região, estes deslocamentos podem gerar confrontos de diversas ordens. A partir de um grupo de estudantes universitários, da Universidade Federal do Pará, em Belém, foi feito um estudo em que se procurou estabelecer vinculações entre o intrapíquico e o intersubjetivo, em função das consequências da experiência migratória. Os conflitos gerados por esta experiência estão relacionados à trama do processo identitário, tendo como consequência uma instabilidade psíquica, por vezes, difícil de ser superada.

Palavras-chave: Migrantes amazônidas; grupos; conflito identitário.

Desamarrando o preconceito: um estudo de gênero a partir do dispositivo da fotolinguagem

Vânia Roseli de Alencar (Universidade Católica de Brasília – UCB)

Kátia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil (Universidade de Brasília - UnB)

A presente pesquisa foi desenvolvida por uma estudante de Mestrado em Educação, que realizou intervenções em um grupo de estudantes adolescentes, participantes de um projeto de gênero intitulado *Meninas Velozes*. Tal projeto é desenvolvido pela Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, em parceria com um Centro de Ensino Médio e tem como objetivo, incentivar as adolescentes oriundas de uma região periférica do Distrito Federal a ingressarem no Ensino Superior, sobretudo, nas áreas Tecnológicas. O estudo analisou a concepção de gênero e suas relações com a educação e com a família, a partir do dispositivo da fotolinguagem, um dispositivo promotor de cadeias associativas no grupo, impulsionadas pelas fotografias. Os resultados revelaram um espaço de trocas intersubjetivo, de reflexão sobre o lugar das mulheres na comunidade e, sobre o desejo em romper com a condição de submissão das mulheres da família. Nesses encontros, as adolescentes utilizaram a palavra ancorada na imagem e fortaleceram as relações entre elas, além de criarem um espaço de circulação de palavra sobre a condição feminina no âmbito familiar e escolar, mas também sobre os desafios que as adolescentes da periferia encontram para ingressarem em uma universidade pública. Evidenciou-se também, a relevância do projeto *Meninas Velozes* na quebra do estereótipo de que a área tecnológica na Universidade pública não é lugar de meninas e, muito menos de meninas da periferia.

Palavras-chave: Gênero; educação; fotolinguagem.

Oficina Vivencial 1: Do Jogo do Rabisco ao Pictograma Grupal (*Eixo: Metapsicologia do Dispositivo Clínico*)

SALA: 507 (prédio 45)

- **Organizadores:** *Maria Antonieta Pezo del Pino*

Do squiggle game da consulta terapêutica ao pictograma grupal

Maria Antonieta Pezo del Pino

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – Rede Sampa – Saúde Mental Paulistana

O pictograma grupal é um mediador terapêutico, que se sustenta na proposta winnicottiana, de desenhar e rabiscar junto com outro e buscar produzir um diálogo e uma comunicação profunda e intensa entre traços, desenhos e participantes. O desenhar junto com outro introduz modalidades associativas específicas que articulam diversas formas discursivas individuais e grupais. No trabalho com grupos, famílias, instituições, o instrumento permite o surgimento de ideias, sentimentos de difícil expressão, ou que se encontram silenciados, devido a dor ou sofrimento. Em pacientes psicóticos, com passagens ao ato, que viveram situações traumáticas, enfermidades psicossomáticas é conhecida a dificuldade em verbalizar. O recurso proposto, permite que conteúdos que não podem ser nomeados ou representados simbolicamente (devido ao medo, ao recalque, recusa, renegação ou desmentida) possam ser expressados graças a mediação do pictograma grupal. O mediador facilitaria que o inominável possa encontrar palavras, nomear sentimentos que a situação traumática impede expressar. É muito útil também

em situações de pouco diálogo, quando um membro monopoliza e os outros aparentam dificuldade ou desinteresse. Permite quebrar alguns pactos inconscientes, como modalidades defensivas como a desmentida, a denegação. Os objetivos são: transmitir através da experiência vivida, a utilidade do uso de mediadores terapêuticos como o pictograma grupal; Promover uma vivência que permita reconhecer de que maneira indivíduos que se encontram juntos com um coordenador e um mediador podem ser capazes de criar significados, sentidos; Apresentar um mediador de trabalho com grupos, famílias de utilidade nas intervenções terapêuticas em situações de fragilidade ou dificuldade em comunicar verbalmente o vivido; Vivenciar o uso lúdico do desenhado, como sonhar juntos e trabalhar o pictográfico como trabalhamos um sonho em um grupo, resgatando a polifonia de sentidos. Trabalhamos com um número mínimo de 4 participantes e máximo de 27. Os participantes são convidados a desenhar juntos e produzir uma comunicação entre eles. Se busca facilitar o diálogo, associar os desenhos com ocorrências, histórias, sonhos, construções individuais e conjuntas. O espaço para oficina acontecer deve ser amplo, iluminado com mesas que permitam serem utilizadas no momento da vivência, com cadeiras para poderem fazer um círculo no início e no encerramento da atividade. De preferência que não sejam carpetas.

Palavras-chave: Jogo do rabisco; pictograma grupal; mediador terapêutico.

Oficina Vivencial 2: Grupo Terapêutico: Consciência Alimentar (*Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc.*)

SALA: 508 (prédio 45)

- **Organizadores:** Luciana Estefano Saddi Mennucci

Consciência alimentar: grupo terapêutico/mentalidade de dieta - para fazer as pazes com a comida e com o corpo

Luciana Saddi (SBPSP), Miriam Tawil (SBPSP), Marcia Morelli (IBPW), Sylvia Pupo (SBPSP), Daniela Ferreira Araujo Silva (UNIFESP)

A relação com a comida sofreu enorme perturbação nas últimas décadas. Comemos guiados por dietas ou por indicadores científicos, visando alcançar um corpo idealizado. Comer se tornou um ato desconectado dos sinais de fome, saciedade e prazer, que deveriam regulá-lo. Esse fenômeno se chama *mentalidade de dieta*, produz mal-estar, alienação e sofrimento. Os tratamentos convencionais para os problemas alimentares (distúrbio compulsivo de alimentação, bulimia, anorexia, efeito sanfona) tendem a reforçar a *mentalidade de dieta*. Os objetivos do Grupo de Consciência Alimentar são: resgatar os sinais de fome e saciedade, o prazer de comer, a escolha autônoma dos alimentos para cada momento de fome, sensibilizar o paladar, conectar-se com a própria digestão, escutar o corpo e diminuir a fobia aos alimentos. Comer guiado pelos sinais internos, em profunda conexão consigo mesmo, diminui a perturbação do comer. O Grupo de Consciência Alimentar funciona com os seguintes parâmetros: entre 6 e 15 participantes, 2 coordenadores, em sala com 20 cadeiras dispostas em círculo. Integra diversos conhecimentos vindos da psicanálise, do mindfulness e de abordagens corporais. Reduz os episódios de compulsão, diminui a luta contra si mesmo e resgata a autonomia pessoal. É para quem passou a vida fazendo dieta e teve pouco resultado, para quem sofre com sintomas de transtornos alimentares, para quem procura novas formas de tratar antigos problemas e para quem, simplesmente, quer se conhecer mais.

Palavras-chaves: Consciência alimentar; mentalidade de dieta; autoconhecimento.

Oficina Vivencial 3: Uma imagem vale mil silêncios

SALA: 506 (prédio 45)

- **Organizadores:** Jacqueline Lafitte; Nelson Gotlieb

Taller: una imagen vale mil silencios

Coordinan Nelson Gottlieb(AUPCV)

Jacqueline Lafitte (AUPCV)

Desaparecidos. Marcha. Silencios. Silencio del reclamo, silencio de la respuesta. Nombres traídos del pasado que rompen el silencio y traspasan la barrera del tiempo. Pasado. Presente. Responsabilidad. Impunidad. Culpa. Vergüenza. Miradas. Fotos. Testimonios. ¿Cómo dar testimonio dónde faltan las palabras? ¿Qué se puede decir desde el silencio? 22 años de movilización ciudadana, cada vez más gente que reclaman por la justicia y el fin de la impunidad. Uno entre miles. Una entre miles. Ve lo que otros no ven, capta el momento justo, el relámpago, saca el celular y quedan inmortalizadas otras imágenes. Ya no son las fotos de los desaparecidos... ¿o sí? Cargando en sus espaldas las sombras de los que ya no están pero que se rehúsen a irse en silencio, el peso de toda una sociedad. En la última marcha del silencio, una joven de repente ve que sobre las espaldas de las personas que caminan adelante de ella se dibuja una sombra. Saca su celular, y así quedarán inmortalizadas varias imágenes de sombras. Imágenes que operan como mediador para conectarnos directamente con el afecto, en registro de proceso primario, sin palabras. A partir de esas fotos, nos proponemos compartir esta experiencia con el grupo y reflexionar sobre el tránsito de la culpa, la vergüenza, la responsabilidad social y cívica de toda una sociedad, luego de dos plebiscitos que dejan impunes a militares y civiles que atropellaron los derechos humanos. ¿Qué aspectos de la impunidad intervienen hoy en la subjetividad y cómo la nueva generación que no vivió la dictadura lo está transitando, trataremos de pensar juntos en este taller.

Palabras-claves: Culpa; vergüenza; transmisión.

16:00 às 16:30 - Pausa para café

MESA 2: 16:30 às 18:00 (com tradução simultânea)

Auditório Ruy Barbosa

O Trabalho com Grupos e Vulnerabilidade Social

Carmen Rodriguez (Uruguai)

Pablo Castanho (USP/ NESME/ IAGP- Brasil)

Jorge Broide (PUC-SP - Brasil)

Coordenação: Maria Inês Assumpção Fernandes (IPUSP/ABPCF - Brasil)

Pensar en grupo las prácticas de los oficios del lazo

Dra. Carmen Rodríguez (Grupo Rioplatense de psicoanálisis y educación)

Los oficios del lazo es la forma que hemos encontrado para designar y para aludir a un conjunto de prácticas que desde distintas disciplinas (educadores, maestros, psicólogos, trabajadores sociales, psicoanalistas, operadores de cultura, etc.) desarrollan en el campo de lo social, y particularmente en esos lugares de lo social que han sido nombrados como excluidos y/o vulnerables. Las cualidades que designarían a estos oficios del lazo no pueden (según entendemos) ser comprensibles exclusivamente desde los campos disciplinares de quienes los llevan adelante: pedagogía, psicología, trabajo social, psicoanálisis, sociología, antropología, etc, sino que es preciso construir un continente para la acción y para el pensamiento que se produce entre disciplinas y en

más de una lengua disciplinar. Se trata de oficios de acción y de intervención pero que no pueden ser llevados adelante sin una tarea constante de elucidación en el sentido de C. Castoriadis, como esa tarea de pensar lo que se hace y saber lo que se piensa. Compartiremos a lo largo de la presentación el modo en que disponemos y sostenemos ciertos dispositivos de palabra a propósito del trabajo de elucidación a cerca de los oficios y sus efectos, y particularmente los dispositivos grupales para pensar la práctica con los equipos de campo que intervienen con niños y adolescentes en situaciones extremas. En particular nos detendremos en la idea de pensar por caso, como aquello que abre a un trabajo (micropolítico) que va a contra mano de ciertos paradigmas, algunos nuevos y otros no necesariamente nuevos pero persistentes, que hacen que recaigan sobre los sujetos de los que se ocupan las políticas, las instituciones y los oficios, tanto un magma homogeneizante (todos son iguales) como una actividad desubjetivante (personas sin historia, sin conflictos íntimos, sin inconsciente), dos caras de un mismo proceso totalmente funcional a los procesos de exclusión y expulsión social que en la retórica discursiva se quisieran combatir. Ese pensar por caso constituye un elemento sustantivo de un trabajo colectivo, a la vez grupal y político a cerca de los oficios, sus efectos y sus sentidos.

Palavras-chave: Pensar por caso; oficios del lazo; espacio grupal.

O vínculo e a vulnerabilidade social no Brasil: apontamentos sobre questões transferenciais e contratransferências

Pablo Castanho (USP/NESME/IAGP)

O trabalho com grupos em instituições públicas e do terceiro setor no Brasil é profundamente marcado pela dimensão da vulnerabilidade social das populações atendidas. O objetivo deste trabalho é problematizar alguns dos efeitos transferenciais e contratransferências que este atravessamento da problemática da vulnerabilidade social acarreta ao trabalho com pequenos grupos. Propõem-se como um ensaio sobre o tema que articule reflexões de pensadores sobre nosso país, com a literatura psicanalítica e a prática com dispositivos de grupo. A partir dos estudos de Jessé Souza e Paulo Freire, pensamos a extrema vulnerabilidade social como ícone do “exagero de poder” que caracteriza o vínculo social estruturante da sociedade Brasileira e portanto, diz respeito a todos nós. Recorrendo ao conceito de alianças inconscientes de Kaës, supomos a existência de formações e processos psíquicos coconstruído que sustentam e são sustentados pelas formas do contrato social no Brasil. Processos e formações psíquicas que retornam nos atendimentos em grupos em instituições, marcadamente pelos lugares atribuídos aos coordenadores, na transferência e pelos efeitos contratransferências por eles vividos. Neste contexto, trabalhar com grupos exige operar brechas nos pactos denegativos coconstruídos permitindo escutar e ousando nomear aquilo que da dimensão psíquica do “exagero de poder” se repete e se evita na relação com o grupo atendido.

Palavras-chave: Laço social; vulnerabilidade; psicanálise de grupo.

Pesquisa participativa com a população em situação de rua na cidade de São Paulo

Jorge Broide (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Associação Psicanalítica de Porto Alegre)

A Pesquisa Social Participativa com a população de rua foi realizada entre os anos de 2015 e 2016 na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Os trabalhos foram coordenados por Jorge Broide e Emilia Estivalet Broide, ambos psicanalistas. Seu objetivo era desenvolver uma investigação em profundidade sobre a

vida da população que vive nas ruas para subsidiar o Plano Municipal da População em Situação de Rua da cidade. Para tanto, foi utilizado o método psicanalítico por nós denominado de “Escuta Territorial”. Foi montada uma equipe composta por mais dois psicólogos, quatro estudantes de psicologia, jornalistas da Ponte Jornalismo e Direitos Humanos e 10 pesquisadores sociais que viviam ou haviam vivido em situação de rua. Estes pesquisadores realizaram entrevistas nas ruas com a população que ali vive e com os gestores e técnicos dos equipamentos de atendimento. Toda a pesquisa foi realizada através de diferentes dispositivos grupais com os pesquisadores sociais e na elaboração dos dados e resultados. Foram eles: um grupo terapêutico, uma oficina de trabalho de campo e outra de leitura e escrita com os pesquisadores sociais, além do grupo de trabalho com toda a equipe técnica.

Palavras-chave: População de rua; pesquisa em psicanálise, dispositivos grupais.

QUINTA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 2018

Manhã (com tradução simultânea)

MESA 3: 8:30 à 10:00

Auditório Ruy Barbosa

Objetos Mediadores no Trabalho com grupos

Claudine Vacheret (*Université Lumière Lyon 2- França*)

Anne Brun (*Université Lumière Lyon 2- França*)

Cristiane Curi Abud (*UNIFESP/ SEDES- Brasil*)

Coordenação: Pablo Castanho (*USP/NESME/IAGP- Brasil*)

Le groupe et l'objet médiateur: une synergie spécifique dans un cadre adapté aux cas difficiles

Claudine Vivier Vacheret

Dans cette présentation je cherche à mettre en évidence les raisons théorico-cliniques pour lesquelles nous proposons des dispositifs de soin psychique en groupe thérapeutique avec un objet médiateur. Il est question de montrer l'importance du groupe mais pas seulement car l'objet médiateur (photo, musique, sculpture, masque, découpage- collage...) est une médiation adaptée aux défaillances associatives et au transfert spécifique des patients difficiles. Il est également question de remplacer l'interprétation impossible par une intervention sur l'objet qui canalise et dérive la pulsion. Cette modalité répond à une impossibilité d'utiliser l'expression d'un affect pour lier les éléments qui constituent une interprétation sachant qu'avec ces patients les affects ne sont pas refoulés mais réprimés et clivés. Il faut alors ouvrir la voie de la sensorialité en mobilisant des images qui sont indissolublement liées à une ambiance affective celle qui est liée au passé traumatique. Il faut également bénéficier de la synergie entre le groupe et l'objet médiateur. Les groupes à médiation sont une autre voie d'accès vers l'inconscient car ils sont une alternative indispensable avec les patients qui ne peuvent pas accéder au dispositif d'une cure analytique et qu'il n'est pas possible de prendre en charge dans un dispositif individuel.

Most-clés : Groupe ; médiation ; psychanalyse.

Evaluation qualitative par le jeu des groupes à médiations thérapeutiques

Anne Brun. Professeur de psychopathologie clinique, psychanalyste, directrice du Centre de Recherche en Psychopathologie et Psychologie Clinique (CRPPC), université Lyon 2.

Les dispositifs groupaux à médiation sont articulés autour d'un «medium malléable» souvent artistique, comme la peinture, le modelage, la musique, le théâtre et ils sont très répandus dans les différents lieux de soin, en France comme au Brésil. Cette communication proposera un modèle d'évaluation qualitative des groupes thérapeutiques à médiation, fondé sur le jeu, au centre des processus de créativité. Winnicott montre comment apprendre à jouer permet de transformer les situations les plus douloureuses en situations « bonnes à symboliser » : dans cette perspective, nous verrons comment la relance des jeux qui n'ont pas pu advenir, ou qui n'ont pas encore été joués, permet à des groupes de patients souffrant de pathologies graves, d'accéder aux premières formes de symbolisation. La méthodologie consistera en un repérage des principaux organisateurs de jeux typiques en groupe, notamment dans des dispositifs pour patients psychotiques et autistes. Cette méthodologie d'évaluation qualitative, référée à la métapsychologie

psychanalytique, est destinée à la fois à défendre l'approche psychanalytique groupale sur les terrains de soin institutionnel, à transmettre nos pratiques, et à préciser nos modèles théoriques. Cette conférence renvoie à un projet de recherche international dont les premiers résultats seront présentés.

Mots-clés: Formes primaires de symbolisation; médium malléable; sensori-motricité.

Simbolização e diferença na clínica psicossomática

Cristiane Curi Abud (Unifesp/Sedes)

Pretendo nesta apresentação lançar alguma luz sobre um sintoma muito frequente nos pacientes assistidos no Programa de Assistência e Estudos de Somatização do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo. Trata-se de sensações corporais insistentes que os incomodam a ponto de procurarem os serviços médicos para iniciar uma longa jornada diagnóstica que, sem encontrar alguma justificativa orgânica, termina na psiquiatria. Após caracterizar os pacientes somatizadores e problematizar o tema da simbolização na teoria psicanalítica, apresentarei um caso no qual utilizo a técnica de fotolinguagem para analisar como o grupo pode cumprir a função de objeto simbolizante favorecendo um ganho na capacidade de simbolização e promovendo a diferenciação entre eu e não-eu, diferença primordial que antecede a diferença sexual, geracional e cultural.

Palavras-chave: Grupo psicoterapêutico; psicossomática; psicanálise.

10:00 às 10:30 - Pausa para café

MESAS SIMULTÂNEAS: 10:30 ÀS 12:00

Ms1: O Trabalho em Rede

Auditório Mackgrape

Claudia Gallo (Rede -Brasil)

Marcia Batista (PUC-SP/ IAGP- Brasil)

Gregoire Thibouville (*Université Paris 13/ CPNC- Nova Caledônia*)

Coordenação: Tales Ab'Saber (UNIFESP/SEDES –Brasil)

A sustentação do trabalho em rede: análise de uma experiência

*Cláudia de Almeida Gallo (Rede), Elizabeth Sbrana (Rede), Gustavo Batagliese (Rede),
Michael Reuben (Rede) e Pedro Robles (Rede)*

Este trabalho se propõe a discorrer sobre a experiência de um grupo de psicanalistas em funcionamento há dezoito anos, a Rede de Atendimento Psicanalítico. Utilizando o conceito deleuziano de rizoma e considerando o grupo como aparelho psíquico singular destacamos o processo vivido por este coletivo e suas respectivas estratégias desenvolvidas ao longo do tempo para lidar com suas marcas e traumas, a fim de refletir sobre a sustentação do gozo no organismo psíquico grupal. Enfatizamos também a importância da constituição e sustentação de agenciamentos coletivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Rede; processo grupal; contemporaneidade.

Trabalho em rede

*Dra. Marcia Almeida Batista
PUCSP, IAGP*

Para falar de atendimento em rede pretendo abordar três diferentes perspectivas. O atendimento em rede como um conjunto de ações proposto por uma política de saúde que busca o melhor atendimento para cada usuário. Um atendimento que faz com que o sujeito se perceba como participante de uma rede e possa articular esta rede para um melhor funcionamento seu e das pessoas que o cercam. O trabalho com os funcionários da saúde, que são qualificados para o atendimento em grupo. Ao realizar essa formação vislumbro uma relação de trabalho que aparentemente é uma relação de rede, mas encontro um atropelamento entre diferentes funcionários de um determinado equipamento, e uma competição entre diferentes equipamentos. No meu entendimento, isso se deve à pouca compreensão de um conjunto maior de ações que podem ser articuladas de forma a permitir uma percepção da situação do usuário como um protagonista de situação mais ampla do que seu próprio adoecimento. Trago como referência o Psicodrama Público do Centro Cultural São Paulo, que se propõe a um trabalho que não tem uma perspectiva de tratamento, de atendimento em saúde mental, mas um foco na construção de cidadãos. O trabalho, que vai se constituindo sem um direcionamento específico, construiu uma relação entre os participantes que dão suporte uns aos outros e constroem saídas para situações que são compartilhadas, não somente durante a sessão de psicodrama do CCSP. Como exemplo, a criação por eles do *Mesão*, uma reunião logo após a sessão para conversar sobre o que ocorreu nela. Fundamentando estas ações temos a compreensão Moreniana de sujeito. O sujeito é um átomo social, que se compõe de si mesmo e suas relações. Este átomo se insere numa rede sociométrica, um conjunto de átomos que se interdependem e se inter-relacionam. Esta perspectiva está baseada na teoria Socionômica de Moreno. O indivíduo precisa conhecer sua posição sociométrica, sua capacidade de protagonização, e de atuação em papéis complementares, em situações em que ele participa, mas nas quais não é o protagonista. Assim, mesmo numa situação de atendimento individual há sempre um olhar para este sujeito e suas relações, como ele as constitui e é constituído por elas. Retomo aqui a pergunta de Moreno *Quem sobreviverá?* que na maioria das vezes é respondida com competências individuais, da autodeterminação, da força de vontade, capacidades que devem ser desenvolvidas pelo indivíduo. A resposta de Moreno é: sobreviverá aquele que for capaz de se perceber como partícipe de um grupo, e se exercitar no grupo. Desta ordem que se constrói uma relação e se constrói uma sociedade mais saudável (espontâneo-criativa). Ao reforçar o contrário adoecemos uma sociedade. Trabalhar com psicodrama é sempre uma construção de rede, uma atuação na rede sociométrica. Um trabalho que como diz Moreno tem que ter como perspectiva nada menos do que toda a humanidade.

Palavras-chave: Psicodrama; trabalho em rede; processos grupais.

Partage d'expérience d'un groupe plurigénérationnel et interculturel avec des adolescents délinquants dans un pays du pacifique sud en voie de décolonisation « inédite »

Grégoire Thibouville

Psychologue clinicien – analyste de groupe

Doctorant en psychologie à l'Université Paris 13 – Sorbonne Paris Cité – UTRPP 4403

Membre de la Société Française de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe (SFPPG)

Vice-président de la Société Océanienne de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe (SOPPG)

Face aux limites des prises en charge individuelles d'adolescents en déshérence, que l'on est en mesure de proposer dans les différentes structures vouées à l'enfance en danger, il est proposé de créer, à titre expérimental, un groupe de parole, pour quelques-uns de ces jeunes souffrant de pathologies narcissiques identitaires, au sein de la protection judiciaire de la jeunesse en Nouvelle-Calédonie. L'un des enjeux de ce groupe plurigénérationnel et interculturel, réunissant des jeunes et des adultes dont un sénateur coutumier kanak, est de frayer une voie, avec eux et pour eux, leur procurant l'expérience nouvelle et le goût d'un nouvel usage des paroles échangées avec d'autres que celles qu'ils croisent habituellement. Plusieurs questions seront soulevées avec des illustrations cliniques. Le groupe est-il le maillon intermédiaire entre le culturel et le psychique, des éléments *sans terrain ou presque* ? Quelle est la place des *objets culturels*, voire des *incorporats culturels* (Rouchy, 2014) comme facilitateurs, vecteurs de transformation de la violence brute dans ce groupe?

Mots-clés: Délinquance juvénile ; violences ; psychanalyse de groupe.

Ms2: Diálogos entre Pichon-Rivière e G. Deleuze

Auditório João Calvino

Adriana Domingues (UPM- Brasil)

Ianni Scarcelli (USP - São Paulo)

Cristina Vicentim (PUC-SP - Brasil)

Coordenação: Jean Pierre Pinel (*Université Paris 13 - França*)

O grupo como dispositivo de intervenção

Adriana Rodrigues Domingues (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP)

Este trabalho considera o grupo como um importante dispositivo para a realização de diferentes propostas de intervenção desenvolvidas em serviços de saúde, socioassistenciais e educacionais. Em seu texto *O que é um dispositivo?*, Deleuze propõe que ele seja compreendido como um emaranhado, composto de linhas de natureza diferente: linhas de enunciação, linhas de visibilidade, linhas de força e linhas de subjetivação. No livro dedicado ao autor do conceito, *Foucault*, Deleuze faz uma exaustiva análise destas quatro dimensões: as linhas de visibilidades e enunciação, as quais, formalizadas sobre os estratos, constituem uma intensa relação com a formação do saber; as linhas de força, as quais, em sua capacidade de se afetarem mutuamente, constituem o ponto em que o poder encontra a resistência; e as linhas de subjetivação, as quais, pela sua capacidade de afetar a si mesmas, constituem as possibilidades de produção de outros modos de existência. Seguindo as pistas deixadas por Deleuze, analisaremos o uso desse conceito como uma boa ferramenta para evidenciar os elementos que são produzidos quando nos propomos a desenvolver uma prática grupal. Palavras-chave: Dispositivo; prática grupal; subjetividade.

Vínculo na psicologia social concreta de Enrique Pichon-Rivière

Ianni Regia Scarcelli (Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia)

Enrique Pichon-Rivière é autor aparentemente conhecido, contudo parece ser tomado apenas por parte de sua obra: ou como criador do grupo operativo ou como psicanalista pioneiro no desenvolvimento da psicanálise na América Latina. Como sua obra não se

limita a um ou outro aspecto, seu importante legado é pouco conhecido e se expressa, entre outros, em uma construção teórica sofisticada que sustenta a Psicologia Social que formula. Objetiva-se, neste trabalho, fazer um resgate das contribuições do autor discutindo, principalmente, sua formulação que faz a passagem da psicanálise à psicologia social. Noção de sujeito; abordagem dialética no pensamento pichoniano; grupo operativo como instrumento investigação e técnica de intervenção; conceito de porta-voz e instituição, são aspectos refletidos na construção do vínculo como modalidade de interação e como objeto teórico da psicologia social. Palavras-chave: Psicologia social; vínculo; Enrique Pichon-Rivière.

Ms3: Práticas de Mediação

Auditório Ruy Barbosa

Giuseppe Lo Piccolo (*Université de Lausanne- Suíça*)

Tania Maria José Aiello Vaisberg (*IPUSP/ PUCCAMP- Brasil*)

Almudena Sanahaduja (*Université de Franche-Comté- França*)

Coordenação: Claudine Vacheret (*Université Lumière Lyon 2- França*)

De l'image à la représentation: le groupe photolangage® au service de la clinique du négatif

Giuseppe Lo Piccolo, laboratoire LARPSYDIS, Institut de Psychologie – Université de Lausanne

Je me propose d'interroger la méthode Photolangage®, dispositif à médiation thérapeutique, comme outil pour favoriser les processus de lien et de symbolisation dans la situation groupale. L'idée est d'observer à l'œuvre de manière profitable ses fonctions de contenance et de transformation de la réalité psychique et, en particulier, la possibilité de double contenance – de la part du groupe et de l'objet médiateur – de mouvements pulsionnels intenses et à leur transformation à travers ce type de dispositif. L'objet de ma recherche traite des potentialités d'une telle technique thérapeutique et de comment, ce type de dispositif peut contenir et transformer – et éventuellement prévenir – les manifestations agressives, voire violentes, des sujets qui prennent part à l'expérience. Pour ce faire, j'ai participé à la mise en place et la co-animation d'un groupe d'adolescents engagés dans des agirs sexuels violents. Je présenterai ainsi le cas d'un dispositif expérimental et original d'un petit groupe avec des mineurs agresseurs sexuels dont le cadre prévoyait l'alternance de séances de groupe de parole et de séances à médiation Photolangage®. L'observation et l'analyse d'un tel dispositif et d'une telle clinique permettent de mettre en évidence les processus en jeu dans ce cadre singulier et de mettre l'accent sur l'apport de la médiation par la photographie au sein d'une telle prise en charge. Le Photolangage® sera présenté dans sa double fonction de dispositif de soin et de recherche. Le rapport entre image et imaginaire et entre image et affect sera le noyau à partir duquel j'aborderai la question de la transformation de ces mêmes affects et de la violence. Il s'agit alors d'apporter la preuve de la pertinence et de l'efficacité de ces groupes spécifiques et de leur capacité à mieux contenir la violence que les dispositifs individuels, comment de mieux gérer et transformer, en vue d'une meilleure intégration sociale des sujets.

Mots-clés: Image ; adolescence ; médiation.

Contenance thérapeutique groupale pour l'adolescente en difficulté d'être

Sanahuja Almudena (Professeure des universités Laboratoire de Psychologie), Manga-Carrola Patricia (Psychologue clinicienne), Anouck Ruet (Psychologue clinicienne, Doctorante, Laboratoire de Psychologie)

L'obésité est devenue une véritable pandémie et un phénomène de société qui touche toutes les tranches d'âge et notamment les adolescents. Nos pouvoirs publics se sont mobilisés ces dernières décennies pour trouver des solutions afin de traiter ces corps qui « dérangent » et qui suscitent de l'inquiétude entre autre en termes de pronostic vital. Cependant nos 15 années d'expérience clinique et de recherches, nous ont permis de nous pencher sur ce symptôme corporel. Et au-delà de notre approche psychodynamique et psychosomatique nous avons interrogé la dimension thérapeutique actuelle et chercher de nouvelles configurations thérapeutiques afin de s'adapter à leur fonctionnement psychique particulier. Phénomène complexe qui relève d'une approche plurifactorielle nous avons choisi sans pour autant occulter les autres facteurs d'aborder le corps et la psyché sous l'angle du contenant psychique. Ainsi à travers cette intervention nous montrerons d'une part que ce symptôme corporel renvoie à une problématique du contenant psychique individuel, intersubjectif et familial ; se traduisant par « une image inconsciente du corps nébuleuse ». Puis d'autres part nous proposerons un dispositif thérapeutiques groupale afin d'accompagner le changement morphopsychologique et pour consolider ces défaillances psychiques individuelles et groupales.

Mots-clefs: Obésité ; adolescence ; groupe à médiation thérapeutique corporel.

Ms4: Grupos e Processos Migratórios

Auditório Escola Americana

Lisette Adriana Weissmann Seidmann (SEDES- Brasil/Uruguai)

Caroline Yu (Projeto Ponte, Sedes)

Graziella Bar de Jones (BABELPSI – Argentina/França)

Coordenação: Silvia Bracco (SBPSP/Instituto Acaia)

Migração / exílio e a perda da língua materna em Sigmund Freud

Lisette Weissmann (ABPCF, Sedes Sapientiae)

A partir dos conceitos de migração e exílio, desenvolve-se uma análise sobre o processo migratório/exílio de Sigmund Freud. Diferencia-se a condição do migrante da condição do exilado. Abordam-se questões sobre a língua e a perda da língua materna. Foca-se nos percalços que aparecem frente a necessidade de fazer uso de uma língua estrangeira e na obrigação de abandono da língua materna, para conseguir comunicar-se no país de migração. O processo de luto pela perda da cultura, língua e terra de origem aparece como condição que habilita a possibilidade de elaboração da situação de migração. O achado da pesquisa baseia-se em uma carta de Freud para seu amigo suíço Raymond de Saussure na qual relata a dor pela perda da língua materna; e um registro de uma paciente de Freud que aponta a forma de falar a língua estrangeira que o criador da psicanálise trazia. Esses traços assinalam a passagem da língua materna a língua do país de acolhida, tanto na migração quanto no exílio. Os sujeitos migrantes ou exiliados desenvolvem um transito intra e intersubjetivo que vá da apropriação das novas nuances

da cultura de país de acolhida ao limiar do traumático quando essa passagem fica impossibilitada e impedida.

Palavras-chave: Migração ; exílio ; língua materna/estrangeira.

Projeto Ponte: uma experiência de grupo psicoterapêutico em português com migrantes e as heranças psíquicas da colonização

Caroline Yu (Projeto Ponte), Claudia Sagula (Projeto Ponte), Heloisa Silva (Projeto Ponte), Liliana Empanan (Projeto Ponte), Lisette Weissmann (Projeto Ponte), Vania Prata (Projeto Ponte)

O Projeto Ponte foi criado em 2010 na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientae com a proposta de atender migrantes que tem demanda por terapia, preferencialmente em grupos, com base teórica psicanalítica. Propomos, neste trabalho através da utilização de vinhetas clínicas, a análise teórico-clínica de um dispositivo construído no atendimento grupal oferecido aos migrantes do Projeto Ponte que são realizados em português, uma vez por semana com duração de 1h30 e grupos com até 10 participantes no formato "slow open" possibilitando entradas e saídas ao longo do período de atendimento. O dispositivo se baseia na sustentação do lugar de estrangeiro assumido pelo analista/coordenador de grupo ao falar em português com os pacientes, não recorrendo ao apoio do tradutor. Assumir esta posição clínica provoca efeitos nos atendimentos que procuram apontar para: um lugar do imigrante como sujeito "entre culturas" e a criação de um espaço clínico onde o paciente possa eventualmente, falar na sua língua de origem. Não defendemos a idéia de que o migrante precisa "reforçar" a cultura do país de origem ou que necessite se "adaptar" à cultura do país de destino. As migrações para o Brasil são predominantemente de países latino-americanos e africanos e assumir este lugar de estrangeiro é oferecer um espaço elaborativo para que o colonialismo possa surgir e que os espaços imaginários de dominação e poder possam advir como questões a serem trabalhadas.

Palavras-chave: Clínica com migrantes ; lugar de estrangeiro ; colonialismo.

Ces jeunes qui quittent leur pays

*Graziella Bar de Jones (BabelPsi.com
Argentine-France)*

Des "expatriations", ou même, des stages universitaires de jeunes - étrangers à Buenos Aires - sont déclanchés par des motivations complexes, conscientes mais aussi inconscientes, incluses dans une "trame familiale" formée d' "interdépendances réciproques". À BabelPsi, nous avons mis en place, pour mettre en travail ces expériences, un dispositif grupal ouvert dont le cadre et la façon de penser suivent ceux de la Psychanalyse Multifamiliale. Dans ce cas, nos groupes sont interculturels et multilingues. L'inclusion des familles de ces jeunes est possible quand elles viennent les voir à Buenos Aires; autrement elles peuvent participer à nos multifamiliales par système de vidéoconférence. Des jeunes, partis à des milliers de kilomètres de chez eux, peuvent se retrouver en même temps entre jeunes qui sont loin, qui ont été loin, ou qui vont l'être, et avec leurs parents, par internet, une fois par semaine, s'ils le désirent, et ainsi mettre en travail leurs vécus et leurs liens. La multifamiliale exerce la fonction du tiers; les participants deviennent des témoins. On y écoute parler des parents, et des parents écoutent parler des enfants en se disant ce qu'ils n'ont jamais osé se dire. Le partage des vécus et de leurs résonances favorise que chacun fasse ses propres

découvertes. Souvent, si ces jeunes rentrent dans leur pays, leurs liens familiaux sont bien différents à ceux qu'ils avaient avant de partir.

Mots-clé: Expatriations Etudiants en stage à l'étranger; psychanalyse; multifamiliale.

ARTE NO COLÓQUIO: 12:30 às 14:00

Exposição de fotos: Ver Dentro, por Marcos Freire

QUINTA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 2018

Tarde – 13:30 às 15:30 h.

Mesa-Redonda 4 : Gênero e transmissão intersubjetiva - entre o sofrimento psíquico e a construção (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 504 (prédio 45)

COORDENAÇÃO DA MESA: Vanessa Chreim

A transmissão geracional na escuta clínica - dos sintomas à introjeção

Ilana Safro Berenstein (Rede de Atendimento Psicanalítico, Dep. de Psicanálise do Inst. Sedes Sapientiae)

O presente trabalho é o resultado da reflexão teórico-clínica de uma psicanalista que atende adolescentes e adultos. Ao tratar do sofrimento psíquico, a clínica psicanalítica se depara com sintomas e formações que causam estranhamento e parecem deslocados do discurso da pessoa sobre si. São situações que evocam uma trama que antecede à história daquele sujeito. Pretende-se articular alguns conceitos psicanalíticos que podem ser utilizados como suporte para pensar o trabalho possível quando se considera a transgeracionalidade na escuta clínica e a dimensão da negatividade da transmissão, ou seja, os aspectos indivízeis do sofrimento. O posicionamento investigativo e de testemunho na relação transferencial pode ajudar no processo de simbolização e introjeção, reposicionando o paciente frente à sua herança e seu lugar singular no mundo. Algumas vezes, o gênero pode ser entendido com um traço identitário fundamental na cena. Os aportes teóricos de Kaes, Nicolas Abraham e Maria Torok bem como o conceito de trauma e testemunho de Ferenczi são as bases da proposta de alargamento da escuta clínica.

Palavras-chave: Transgeracionalidade; trauma; introjeção.

Gênero, sexualidade e infância: algumas reflexões

Vanessa Chreim (Rede)

Este trabalho procura refletir sobre como a questão de gênero tem aparecido no consultório do psicanalista, inclusive na clínica com crianças. Convida a pensar sobre os atravessamentos histórico-culturais, sobre a complexidade dos processos de identificação e sobre os meandros da sexualidade. Entende que a questão de gênero atravessa todos os pacientes, não apenas os transexuais. Abordando a especificidade da sexualidade infantil em contraste com a sexualidade adulta, procura pensar em alguns cuidados no manejo clínico com crianças e as questões de gênero, valorizando a singularidade de cada paciente. Fazendo uma crítica a noções patológicas associadas à transexualidade, este trabalho procura indagar a teoria psicanalítica a partir do que a prática clínica nos revela. Assim, resgata o conceito de castração e conclui que a relação com a alteridade é organizadora do psiquismo, mas que ela é mais ampla do que a diferença anatômica entre os sexos.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; infância.

Do olhar que me encerra ao que me liberta - reconstrução

Cláudia Arbex (Rede de Atendimento Psicanalítico; Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae)

Este trabalho se origina na interlocução com a tese de Vanessa Chreim sobre Gênero e Infância. A partir de uma perspectiva não patologizante e de abertura da escuta clínica, faço uma imersão breve sobre a questão, buscando no aporte teórico algumas pistas a partir do papel das identificações e intersubjetividades na constituição do sujeito, que

ampliam as noções de gênero. Pensando em como o olhar do outro cria um lugar de pertencimento que pode acolher o sujeito ou, de outro modo, fazer dele um estrangeiro, a problemática envolvendo a identidade de gênero faz refletir sobre a construção psíquica de um lugar próprio, singular. O rompimento com um discurso cultural engessado e uma conciliação que inclui a bagagem narcísica e os efeitos estruturantes das intersubjetividades que o tangenciam e afetam em sua atualidade, podem ser caminhos criativos. Trata-se de considerar o quanto do macrocontexto incide na escuta clínica, no sujeito, em um movimento de inclusão desses aspectos no processo analítico. Palavras-chaves: Gênero; intersubjetividades; cultura.

Mesa-Redonda 5: Processo grupal e formação em Psicologia: experiências de uma instituição de ensino (Eixo: *Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 503 (prédio 45)

COORDENAÇÃO DA MESA: Fabiano Fonseca da Silva

O dispositivo de atendimento grupal nas práticas do Serviço-Escola

Prof^ª Dr^ª Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Os espaços de serviço-escola das universidades podem ser considerados como espaço ideal para reinvenção de novas práticas e fortalecimento da capacidade de reflexão. O dispositivo de grupo pode ser uma prática privilegiada para o desenvolvimento de habilidades dos psicólogos em formação. No Serviço-Escola do curso de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, os trabalhos em grupo têm alcançado espaço e possibilitado evidenciar sua importância como campo privilegiado de escuta para as diferentes demandas dos usuários. Especificamente na clínica, a triagem, ou como preferimos denominar “a porta de entrada”, é realizada em grupo pela equipe técnica, formada por psicólogos, psiquiatra e estagiários. A prática desses grupos revelou melhora significativa nos procedimentos com o usuário, que se refletem em todo o percurso desse usuário no serviço. Para o desenvolvimento dessa atividade, foram necessárias reuniões da equipe para constante aprimoramento, as quais derivaram em reflexões que promoveram mudanças nos procedimentos de maneira ampliada, sempre a partir da perspectiva do enquadre oferecido para atendimento. Assim, esta prática convoca toda a equipe para constante cuidado com os aspectos intrapsíquicos e interpessoais, agora não só dos usuários, mas de todos os envolvidos e qualifica os atendimentos grupais como espaços potenciais para intervenções nas instituições.

Palavras-chave: Serviço-Escola de Psicologia; processos grupais; formação em psicologia.

Processo grupal e formação em Psicologia: experiências de uma instituição de ensino

Erich Montanar Franco (Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM),

Fabiano Fonseca da Silva (Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM),

Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM)

A formação em Psicologia no Brasil exige que as instituições de ensino ofereçam espaços para atividades práticas, organizadas em estágios, uma possibilidade de intervenção são os dispositivos grupais. Nesse sentido o Serviço-Escola do Mackenzie é um local de aplicação dessas estratégias, oferecendo aos discentes espaços privilegiados para a aprendizagem de modelos de intervenção grupal. O objetivo desse trabalho foi

apresentar diferentes estratégias de grupos na formação em Psicologia, além de descrever distintos espaços de intervenção que envolvem atuação na comunidade e vivências acadêmicas. Há três diferentes dimensões da intervenção grupal que compõem a formação dos alunos nessa Universidade: estágio em processos grupais (componente curricular do 7º semestre); intervenções nos estágios específicos de 9º e 10º semestres no serviço escola e instituições parceiras; grupos vivenciais sobre carreira (8º semestre), que são também aplicados em projetos dirigidos à comunidade acadêmica (9º e 10º semestres). A preparação de discentes para intervenções grupais na segunda metade da formação em Psicologia possibilita o contato com uma prática das mais utilizadas na área, voltado a projetos institucionais em espaços públicos e privados. Essa formação possibilita ao futuro psicólogo o acesso a técnicas que serão exigidas na atividade profissional, sendo estatégica na atuação em Psicologia, com isso é possível uma formação atenta às demandas sociais e à realidade brasileira.

Palavras-chave: Formação em Psicologia; processos grupais; estágios em Psicologia.

Relato de um percurso para consolidação das práticas grupais como componente curricular

Erich Montanar Franco (Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM)

Em 1962, foi instituída a profissão de psicólogo no Brasil. A formação era pautada pelo Currículo Mínimo, cujo escopo era técnico e distanciado dos problemas sociais. Acompanhando o processo de redemocratização e as transformações na profissão, em 2004, foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Psicologia. Elas apontam para formação generalista, crítica, científica, com foco nas políticas públicas e na realidade brasileira. O presente trabalho relata experiência de reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Psicologia da UPM com vistas às DCNs e está apoiado em atas, no PPC e informações fornecidas pelo Serviço-Escola (S-E). Dentre os diversos aspectos desse percurso, destacamos: a) a formalização do compromisso do curso com teorias e técnicas de grupo no texto do PPC; b) concepções sobre essas práticas, as quais, muitas vezes, salientavam sua superficialidade e precariedade ou sua extrema complexidade; c) ampliação das atividades relacionadas a grupos, sua relevância para a formação e a crescente aderência a elas no curso; d) o papel do S-E na integração das atividades ensino-pesquisa-extensão. Por fim, podemos afirmar que as modalidades de trabalho com grupos alcançaram grande reconhecimento e estão em constante aprimoramento, diversificação e ampliação.

Palavras-chave: Diretrizes Curriculares Nacionais; psicologia; grupos.

Comunicação Temática 9: Perspectivas no Cuidado e Saúde (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 101 (prédio 40)

MODERADOR: Marina Cohen

A produção literária como recurso terapêutico em um grupo de adolescentes do CAPSij

Carolina Lucio Bittencourt (CAPSij Ipiranga)

O Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil é um serviço aberto e de atenção diária do Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com Portaria MS/GM nº 336 de 19 de fevereiro de 2002, para ao atendimento de crianças e adolescentes em sofrimento

psíquico grave/ou persistente, em uso abusivo ou não, de substâncias psicoativas. Os adolescentes atendidos são marcados pela desigualdade social do país e expostos constantemente a situações de violência, exclusão e estigma. A realização de grupos psicoterapêuticos de adolescentes no CAPS infanto-juvenil, reconhecendo a potencialidade do fazer psicanalítico e a marginalização sofrida por seus frequentadores, corresponde a uma ferramenta valiosa. De acordo com a teoria psicanalítica, a adolescência é uma transição atravessada por mudanças físicas e psíquicas do sujeito. Para lidar com os conflitos edípicos, ocorre a desidealização e desidentificação da relação parental para que os adolescentes busquem novos objetos de investimento libidinal entre seus pares. Neste sentido, os grupos de adolescentes possibilitariam a construção de novas identidades e a elaboração de lutos infantis. Ou seja, ocorreria o fenômeno transicional, definido por Winnicott e retomado posteriormente por Kaës, que estabelece a transição entre a realidade psíquica criativa e o mundo objetivamente percebido. Além disso, a transicionalidade seria a base das experiências culturais, tais como a leitura e escrita. Considerando a força da presença ou ausência de palavras na constituição psíquica dos sujeitos, o presente trabalho pretendeu apresentar e discutir um grupo psicoterapêutico de adolescentes de um CAPS infanto-juvenil da cidade de São Paulo, que se utilizou de produções literárias (seleção de poemas, trechos de livro, de filme ou de seriado; e escritos dos próprios adolescentes) como recurso terapêutico para facilitar o processo analítico de seus participantes. A seleção das produções ocorria ao final de cada atendimento, através de uma caixa escolhida pelos adolescentes em que os escritos ficavam guardados. Os textos escolhidos eram sorteados aleatoriamente, pelo participante que desejasse ler e comentar o que havia sorteado. Em seguida, o grupo contribuía com suas demais impressões. Para ilustrar esse processo, três escritos e suas repercussões grupais foram selecionadas. As temáticas abordadas se referem sobre a relação que esses adolescentes estabelecem com o próprio sofrimento, suas famílias e seus pares. Observou-se que o uso do material literário, como objeto intermediário, possibilitou uma ampliação no sentido dos conteúdos afetivos abordados pelo grupo. Além disso, verificou-se uma maior apropriação dos adolescentes por suas questões, favorecendo o processo psicoterapêutico grupal. No mais, percebeu-se que o recurso literário por esse grupo foi, progressivamente, sendo substituído, pela exclusividade da verbalização das questões trazidas pelos adolescentes.

Palavras-chave: Grupos nas instituições; adolescência; saúde mental.

Questionando o cuidado a partir da perspectiva vincular

Marcia Maria dos Anjos Azevedo (Universidade Federal Fluminense – UFF)

O eixo de sustentação desta pesquisa, que tem como título “cuidado e inclusão na formação em saúde”, está centrado no aprofundamento de aspectos inerentes aos processos vinculares inter e transubjetivos de forma a dar suporte à escuta clínica. Para tal, são estabelecidas algumas relações de cunho teórico-clínico. No campo da saúde, além do trabalho em equipe multiprofissional e interdisciplinar, é importante por em relevo aspectos éticos e sensíveis da escuta, como instrumento de cuidado, que favoreçam uma compreensão aprofundada do funcionamento humano, seus modos de ligação, de reação e adoecimento. A experiência clínica na dimensão do cuidado requer uma disponibilidade para acolher a dor e o sofrimento de outrem. Em termos de resultados essa associação entre clínica e teoria tem contribuído de modo significativo, na constituição do saber fazer clínico, a partir do refinamento da escuta. Vemos uma apropriação de um lugar ao longo da formação, como profissional de saúde, organizado dentro de uma perspectiva empática. Observa-se que é ainda a partir da

intersubjetividade que se constrói o lugar de um encontro, em que a dor pode se transformar em sofrimento e o sujeito ganha voz. O sentimento de desamparo e invisibilidade podem ser atenuados quando o eu que sofre é acolhido por um outro que lhe oferece um espaço e um tempo de reconhecimento, ou seja, que o escuta.
Palavras-chave: Escuta; cuidado; invisibilidade.

Saúde mental na atenção básica: grupos de reflexão e grupo focal sobre a produção do cuidado no município de Itapevi – SP

Claudiney Augusto Yamaguti (Instituto de Saúde/Secretaria de Estado da Saúde de SP e Prefeitura Municipal de Itapevi/SP)

Os profissionais da Atenção Básica referem dificuldades de manejo em saúde mental, embora representem o principal acesso ao SUS, cujos princípios privilegiam o cuidado no território, de modo integral e articulado. Objetivou-se discutir saúde mental com as equipes de Saúde da Família de uma Unidade de Atenção Básica por meio de pesquisa qualitativa (pesquisa-intervenção). Realizados cinco grupos de reflexão e um grupo focal avaliativo. A análise se deu por agrupamento em eixos temáticos e categorias segundo o significado, a saber: político-institucional; ideológico-cultural; afetivo-emocional; cognitivo-relacional e habilidades-atitudes. Nos grupos de reflexão, as colocações foram de ordem queixosa, conteúdos de impotência e frustração; enfatizaram fragilidades do sistema e dos arranjos organizacionais, políticas incipientes e falhas nos processos de trabalho. Evidenciaram relacionamentos interpessoais desgastados, marcados pela desqualificação do sofrimento psíquico. No grupo focal surgiram elementos favoráveis à implantação de ação semelhante ao processo realizado, destacando-se: posicionamento ativo da equipe frente aos agravos do sistema e à rede de saúde, com soluções práticas; mudanças das percepções e valores em relação às pessoas com transtorno mental; aquisição de habilidades e maior disposição para atitudes em relação às melhores práticas em saúde mental, dado o reconhecimento dos trabalhadores das potencialidades e limitações pessoais, dos usuários e do trabalho.
Palavras-chave: Estratégia de saúde da família; grupos de reflexão; saúde mental.

Comunicação Temática 10: Formação e Psicologia (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 102 (prédio 40)

MODERADOR: Paulo Jeronimo Pessoa de Carvalho

A formação do aluno na clínica: reflexão psicanalítica de uma experiência em grupo

Maria Ângela Favero-Nunes (Universidade Paulista – Unip)

A complexidade dos problemas atuais de saúde mental impulsiona o constante aprimoramento na formação profissional. O atendimento psicológico e suas diversas modalidades oferecem recurso para auxiliar o sujeito contemporâneo a situar-se diante da verdade de seus problemas. O presente estudo teórico-clínico objetiva refletir sobre a formação da atitude clínica no aluno de Psicologia a partir da experiência de atendimento de um grupo de crianças e suas famílias, em modalidade de avaliação/intervenção orientada pela psicanálise. Um grupo de estagiários de Psicologia atendeu seis famílias e suas crianças no processo de psicodiagnóstico interventivo em clínica-escola do interior paulista. As queixas eram de dificuldades de relacionamento na escola e com pais, dificuldades de aprendizagem e problemas de ansiedade. Uma

insegurança foi inicialmente vivida pelos estagiários e pacientes diante do encontro com as diversidades e familiaridades, com posterior construção de vínculos dentro desse grupo e maior envolvimento dos pais nas dificuldades das crianças. As supervisões discutiram transcrições de material clínico permitindo análise de aspectos inconscientes das relações, transferência e contratransferência. O encontro com o grupo de crianças e famílias permitiu aos estagiários aprimoramento das observações, interligação de conhecimentos teórico-técnicos com a prática, trazendo reflexões sobre a postura profissional diante dos casos atendidos e a formação de uma atitude clínica.

Palavras-chave: Famílias; formação profissional; psicologia clínica.

Pequeno extrato historiográfico do grupo de trabalho e pesquisa em dinâmicas grupais e institucionais do departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Adriana Elisabeth Dias (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Colégio Oswald de Andrade)

Juliana Americo Dainezi (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae)

Juliana Farah (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae)

Luciana de Moraes Netto (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae),

Paulo Jeronimo Pessoa de Carvalho (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae).

Neste trabalho nos propomos a apresentar a história da implantação e do desenvolvimento do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Dinâmicas Grupais e Institucionais do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. O grupo de grupos do Departamento surge no contexto dos esforços de vários psicanalistas em configurar espaços institucionais onde o estudo e a formação do psicanalista que se interessa pela questão dos grupos e das instituições pudesse encontrar continência, desenvolvimento e encontro. O trabalho pretende investigar o percurso histórico desse grupo tendo como fundo a postulação kaesiana do grupo como matriz fecunda e traumática da psicanálise e a decorrente afinidade conflituosa entre o grupo e a psicanálise. Também nos interessa investigar essa história particular tendo em vista o postulado de Kaës e sua derivação pragmática nas pesquisas de Fernando da Silveira sobre as relações de exclusão entre as instituições psicanalíticas e as instituições de pesquisa psicanalítica de grupos e instituições no Brasil. Nesse sentido, pretendemos afirmar a dimensão de exceção da relação continente-conteúdo entre o grupo de grupos aqui historicizado e sua instituição psicanalítica continente, o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Concluimos sustentando ser essa oportunidade histórica fundamental para o desenvolvimento de uma epistemologia psicanalítica no campo grupal e institucional.

Palavras-chave: Psicanálise com grupos; instituições; história da psicanálise.

O fazer “psi” em meio às diferenças: possíveis ressonâncias grupais

Wilma Magaldi Henriques

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina Práticas Grupais, no décimo período de um curso de Psicologia de uma IES. Em sala de aula foram desenvolvidas diferentes práticas em algumas modalidades grupais, objetivando exposição de aspectos teóricos e experienciais, assim como expressão de expectativas, medos, angustias e outros sentimentos dos alunos em relação ao término do curso. Quarenta e dois alunos foram divididos em seis grupos de sete alunos e a cada grupo foi designada a tarefa de preparar

apresentação teórica e vivencial das seguintes modalidades grupais; grupo temático, psicodrama, grupo operativo, grupo de reflexão, grupo com mediadores: fotolinguagem e pictograma. A cada um dos grupos foi permitido dois encontros, um a cada semana com duas horas de duração. Cada um dos grupos perguntou ao restante da sala quem gostaria de participar da vivência e assim oito a dez alunos se voluntariaram a cada encontro. Os demais alunos ficaram de “platéia” e somente nos trinta minutos finais tinham voz para comentários e para expressão de seus sentimentos. Nesse contexto mobilizou-se muitas emoções e aprendizados, onde foi possível vivenciar diferentes papéis e num hibridismo e numa polifonia de vozes experienciar a si e ao outro enquanto plurais, em diferentes ressonâncias grupais.
Palavras-chave: Modalidades grupais; aspectos experienciais; ressonâncias grupais.

O uso de mediadores na formação de psicoterapeutas de casal e família

Maíra Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina)

A formação de psicoterapeutas de casal e família se configura como uma atividade complexa, que implica conhecimentos teóricos específicos e habilidade para o manejo do *setting* grupal. A partir deste cenário, objetiva-se discutir a experiência de formação de psicoterapeutas de casal e família na graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, empreendida por meio de um projeto de extensão. As atividades de formação dos psicoterapeutas incluem indicação de textos teóricos, discussão grupal de casos clínicos e realização de dinâmicas pontuais nas quais são usados mediadores como genograma, espaçograma, linha da vida e similares. Tais propostas são também empregadas na psicoterapia de casais e famílias realizada no serviço-escola de Psicologia, com o intuito de facilitar a comunicação no *setting* terapêutico, especialmente tendo em vista a presença de pessoas em diferentes momentos do desenvolvimento emocional e cognitivo, bem como a facilitação da expressão de conteúdos inconscientes por meio destes recursos. Percebeu-se que o uso de mediadores contribuiu não apenas para o desenvolvimento da psicoterapia de casais e famílias, mas também o próprio processo de formação do psicoterapeuta, que pôde contar com produtos concretos passíveis de serem vistos e discutidos nas supervisões grupais, fomentando a compreensão dos sentidos implícitos no material clínico apresentado e a posterior discussão destes sentidos junto aos casais e famílias atendidos.

Palavras-chave: Psicoterapia psicanalítica de casal e família; uso de mediadores; formação profissional.

Comunicação Temática 11: Dimensões da experiência grupal (*Eixo: Metapsicologia do Dispositivo Clínico*)

SALA: 502 (prédio 45)

MODERADOR: Fernando da Silveira

Clínica aberta de psicanálise: o grupo clínico de analistas

Tales Ab'Sáber

Esculpir o tempo

Morte e luto num grupo psicanalítico

*Sylvia R. Fernandes
Instituto Sedes Sapientiae*

A partir do relato de uma morte repentina, esse grupo, constituído por pessoas que vivem uma relação intensa com a morte e com o pai, produz narrativas ligadas à inexorabilidade da morte, revisitam as perdas significativas em suas vidas, fazendo um trabalho coletivo com a morte e o luto. Cenas narradas e vividas ao longo dos próximos três encontros, nos faz refletir sobre a morte como irrepresentável, a perda e o sacrifício ao outro, a função do ritual coletivo, o luto e a criação.

Palavras-chave: Psicanálise grupal; morte; luto.

Dispositivo da conversação: achados metapsicológicos iniciais

Rodrigo Manoel Giovanetti (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil de Embu das Artes - CAPSi)

Os dispositivos grupais na psicanálise emergiram para o trabalho com os problemas psíquicos inacessíveis e para o conhecimento dos efeitos do inconsciente. Porém, tiveram dificuldades de reconhecimento e legitimação. Os psicanalistas da Orientação Lacaniana têm empregado a Conversação para promover laços de trabalho e práticas inter-disciplinares em contextos sociais. Será que a Conversação pode ser considerada um dispositivo grupal? Para responder, apresento um estudo bibliográfico exploratório de sua formalização teórica. Selecionei textos indicando princípios e efeitos e inferi uma metapsicologia grupal por meio de índices propostos por Kaës. Verifiquei que a Conversação foi instituída entre psicanalistas das Escolas da Associação Mundial de Psicanálise para promover encontros de elaboração do saber psicanalítico e nos laboratórios do Centro Inter-disciplinar de Estudos sobre a Criança. É destinada ao encontro de pessoas partilhando experiências institucionais; responde ao registro clínico que favorece a enunciação e a circulação discursiva nas ressonâncias da associação livre coletivizada e em presença do psicanalista, desfaz identificações imaginárias, repetição sintomática e passagem ao ato por favorecer a tradução em palavras e nomeação de impasses superegóticos considerando a pulsão e seus destinos; promove intervenções direcionadas para cada participante se escutar nas ressonâncias dos dizeres e articular o ato de fala em relação à causalidade de sua ação; ameniza a tensão agressiva nos laços sociais. Podemos considerar que a Conversação na orientação lacaniana é um dispositivo clínico grupal psicanalítico elaborado e instituído para responder ao mal-estar na civilização contemporânea.

Palavras-chave: Conversação; metapsicologia de grupo; orientação lacaniana.

Estudando psicanálise de grupo numa instituição de ensino psicanalítico

Any Trajber Waisbich - SBPSP

Esta apresentação baseia-se na experiência de sistematizar conhecimento a respeito deste assunto para profissionais interessados no tema e que trabalham neste formato, sem muitas vezes teorizar sobre o assunto. Atividade iniciada no segundo semestre de 2017 como seminário temático junto ao Instituto de Psicanálise da SBPSP, que continua até hoje. A discussão destina-se a observar de que forma a psicanálise de grupo contribui e amplia o método psicanalítico sem contrapor-se a ele. Ao contrário, prática e teoria que o repensa. Aqui uma particularidade a ser investigada ao interno das várias instituições filiadas a IPA (em português; Associação Internacional de Psicanálise) e que se manifestaram de formas variadas quanto ao tema grupo. Para tanto se lança mão da contribuição de psicanalistas, como numa linha do tempo, que se debruçaram, ao longo destas últimas décadas, a produzir conhecimento e divulgar procedimentos. A

descoberta de processos psíquicos inconscientes desafia o psicanalista e, portanto, ensinar teoria e prática de grupo utilizando como material o próprio agrupamento desafia o coordenador e o próprio grupo; como ilustração, reproduzo uma vinheta.

Palavras-chaves: Psicanálise de grupo; método psicanalítico; ensino.

Comunicação Temática 12: Equipes de Trabalho, Formação e Sofrimento Psíquico

(Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 103 (prédio 40)

MODERADOR: Lucianne Sant'Anna de Menezes

Grupo operativo como dispositivo de intervenção para a organização do trabalho intersetorial: cultura e saúde

Roberta Andrea de Oliveira (IP-USP e LAPSO)

Maria Inês Assumpção Fernandes (IP-USP e LAPSO)

Apresentamos uma intervenção de Grupo Operativo junto a um grupo de Educadores(as) de Oficinas Culturais e Artísticas, que dentro de sua dinâmica profissional procurou apoio assinalando certo sofrimento. Queriam fazer mais que apenas ensinar de maneira instrumental as técnicas artísticas em suas Oficinas Culturais. De acordo com o que foi diagnosticado, era impossível articular dialeticamente o conteúdo da tarefa prescrita com o funcionamento do trabalho real, gerando, assim, angústia. O objetivo geral da tese, que é o enquadre deste resumo, é estudar as relações intersubjetivas que se organizaram em torno dos sujeitos do grupo de Educadores(as) de Oficinas Culturais e Artísticas na busca por uma ação intersetorial entre Cultura e Saúde. Apontamos aqui discussões preliminares que serão aprofundadas ao longo da tese. Descrevemos o modo como se deu a intervenção de Grupo Operativo e anunciamos algumas reflexões teóricas. O dispositivo de Grupo Operativo aplicado nesta equipe de profissionais pode ser compreendido a partir de três importantes momentos: diagnóstico preliminar; atualização; e construção de ferramentas. As atividades propostas pelo grupo contaram com uma grande variedade de fazeres, desde discussões teóricas à construção de ferramentas. Os(as) Educadores(as) foram, aos poucos, buscando um trabalho equilibrante, a fim de que promovessem uma descarga de energia psíquica mais adaptada às suas necessidades.

Palavras-chave: Grupo operativo; dispositivos psicanalíticos de grupo; vínculo.

Psicanálise, cultura e desamparo: efeitos da precarização do trabalho na saúde dos trabalhadores

Lucianne Sant'Anna de Menezes (Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG – IP-UFU / Departamento Formação em Psicanálise – Instituto Sedes Sapientiae-SP)

Este trabalho, fruto de investigações desenvolvidas pela autora nas fronteiras conceituais entre a psicanálise e a saúde do trabalhador, foca os processos de subjetivação em jogo no fenômeno social e global da precarização do trabalho, especialmente a servidão. A partir de uma escuta da dimensão sócio-política do sofrimento compreende-se este fenômeno como um dos efeitos da pulsão de agressão como 'vontade de poder', uma forma de manifestação da perversão no espaço social que revela uma montagem perversa subjacente a cadeia produtiva sustentada por uma modalidade de manipulação do poder que visa à coerção a negar a alteridade do outro e o dever de instrumentalizá-lo, ficando o trabalhador submetido a uma posição de

submissão e domínio, restando-lhe o abismo do desamparo sem a experiência compartilhada. Para Freud, o trabalho como ofício é uma ocasião para elaboração psíquica; constitui-se em um dos meios de expressão do sujeito, podendo ser compreendido como uma resposta sublimatória ao desamparo (*Hilflosigkeit*). Entretanto, nas condições atuais do mal-estar caracterizado pelo excesso pulsional e pela fragilidade de simbolização, o trabalho tende a ser amorfo, sustentado na flexibilidade e desregulamentação que promovem a informalização e a vivência de precarização, uma dimensão de perdas relativas ao mal-estar no campo do trabalho e que pode ser compreendido como um dos efeitos do neoliberalismo na saúde dos trabalhadores, como o desgaste e a corrosão da subjetividade.

Palavras-chave: Psicanálise e cultura; saúde do trabalhador; desamparo.

O clube dos saberes num hospital psiquiátrico: relatos de experiências grupais na instituição

Fernanda de Barros Machado Borges

O Clube dos Saberes (dispositivo criado por Arthur Hypólito de Moura) é uma rede de trocas de saberes, habilidades e conhecimentos, cuja organização adota o modelo democrático de co-gestão. Apresentarei uma análise da experiência do Clube dos Saberes (CS) desenvolvido dentro de um hospital psiquiátrico de características manicomial entre os anos de 2001 e 2005 a partir do relato de algumas experiências grupais. O objetivo do CS era a construção de uma ambiência terapêutica que favorecesse o acolhimento, a ocupação vívida dos espaços, as múltiplas transferências, os engajamentos, a organização dos pertencimentos, dos espaços e dos relacionamentos institucionais, a autonomia, a democracia e a análise. O CS se dava pela constituição de diferentes grupos que partiam do reconhecimento das singularidades e do agenciamento da troca de saberes, conhecimentos e habilidades entre os diferentes agentes institucionais. As cenas revelam movimentos de avanço e de resistência a um outro modo de pensar o tratamento, deturpações na compreensão do dispositivo Clube, tensões entre a organização e a clínica e entre a dimensão financeira/econômica da instituição e sua finalidade de promover saúde mental, tensões entre diferentes lógicas e a dificuldade de sustentar o Clube frente à redução dos espaços de análise.

Palavras-chave : Hospital psiquiátrico ; psicanálise ; relacionamentos institucionais.

Construindo possibilidades de simbolização do mal-estar que afeta os estudantes universitários

Letícia de Andrade Vilela Fonseca Paião; Priscila Marçal Fér

As instituições educacionais, em especial as universidades, são espaços de encontros, contrastes, descobertas, tensões e mal-estar. Este trabalho apresenta as reflexões provenientes de uma intervenção grupal com estudantes de uma universidade federal em São José dos Campos-SP, realizada por duas psicólogas cuja referência teórica é a psicanálise. As proponentes ocupam lugares distintos nesse contexto, propiciando um olhar complementar, interno e externo à instituição. A partir da observação proveniente de acolhimentos individuais, da análise desses elementos à luz da teoria psicanalítica e da indicação de formato vinda também do próprio corpo discente, colocou-se a possibilidade da escuta grupal em encontros abertos e temáticos: “Felicidade X Bem Estar” (agosto/2016); “O que mudou em você desde o início do ano?” (novembro/2016); “Vivendo e sentindo na/a universidade” (junho/2017). Os processos de aliança interna no grupo e a localização do inimigo externo a ele, mostraram ser importantes na identificação entre os participantes e na retirada do isolamento do sujeito

que sofre sozinho. Contudo, tais elementos como: conduta dos professores, processos de avaliação ou situações socioeconômicas, sendo de fato questões que impõem processos sociais de exclusão ou privilégios, tornou-se desafiador conduzir o grupo no trilho das possibilidades de enfrentamento a essas questões, mas sem perder de vista o processo de simbolização do mal-estar que os afeta.

Palavras-chave: Mal-estar; universitários; escuta grupal.

Comunicação Temática 13: Processos de Formação (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 501 (prédio 45)

MODERADOR: Rose Pompeu de Toledo

O uso da fotolinguagem nos grupos de formação de psicoterapeutas e coordenadores de grupos

Rose Pompeu de Toledo (NESME/SEDES)

A autora abordará o uso do método da fotolinguagem nos grupos de formação de psicoterapeutas e coordenadores de grupos. Utilizará o referencial teórico de Kaës, Vacheret e Winnicott. Descreverá como ocorre uma sessão de fotolinguagem e utilizará exemplos de situações de grupo considerando as fotografias como objetos mediadores. Enfatizará como o uso desse método facilita a participação do sujeito no grupo, favorece as trocas identificatórias e o contato com os processos psíquicos inconscientes experimentados no grupo. Concluirá que o uso da fotolinguagem contribui para a formação dos profissionais e para a possibilidade de reflexão sobre a sua prática.

Palavras-chave: Grupos de formação; fotolinguagem; objetos mediadores.

O grupo de supervisão horizontal e o cotidiano da clínica psicanalítica: reflexões sobre as práticas da contemporaneidade

Júlia Catani (Universidade de São Paulo – USP-SP)

Plínio Carpigiani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP)

O trabalho relata a experiência de *supervisão horizontal*, realizada entre psicanalistas com mesmo tempo de formação, sem liderança de analista experiente. O objetivo foi trabalhar neste grupo sobre as vicissitudes da prática de consultório, além de proporcionar a discussão de casos clínicos, compartilhar as dúvidas sobre posicionamentos éticos diante de situações diversas, tendo em vista a influência das novas atuais formas de comunicação. Por meio de encontros semanais, os participantes criaram meios, inclusive digitais de lidar com questões desta lida profissional. Observou-se a facilitação da articulação teórico-técnica na conduta terapêutica contemporânea, assim como a criação de novos posicionamentos profissionais, vínculo entre os integrantes do grupo. Também oportunizou experiência de lideranças, competitividade, discussões e crescimento profissional, favorecendo a autonomia e segurança no fazer clínico.

Palavras-chave: Psicanálise; supervisão; clínica.

O que pode um grupo na universidade? (Im)possibilidades na constituição de um dispositivo grupal clínico-institucional para universitários/as

Claudia Oliveira da Silva (Universidade Federal do ABC – UFABC); Iara Mouradian Pedó (UFABC); Suellen Maria Vieira Dantas (UFABC)

Este relato de experiência é resultado de Grupo Psicossocial coordenado por assistentes sociais e psicólogas em Universidade. A instituição foi criada em cenário de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e de investimento em Ações Afirmativas. A IFES oferece cursos interdisciplinares, que visam proporcionar visão ampla, diálogo entre as áreas do conhecimento e flexibilidade na formação. No entanto, a execução do projeto de ensino utiliza dispositivos que o enrijecem: o curso deve ser realizado em prazos curtos e a matrícula em disciplinas é autorizada priorizando estudantes com maior rendimento acadêmico. Ou seja, criam-se meios para o acesso de segmentos excluídos a IFES, mas se utiliza de outros mecanismos que dificultam a permanência material e simbólica. Assim, o dispositivo grupal – semanal e aberto a estudantes - visa criar espaço crítico, reflexivo e potente para acolhimento e fortalecimento de estudantes. As profissionais atuam como facilitadoras, potencializando trocas horizontais e ampliando questões trazidas. A partir do acompanhamento de uma estudante, perceberam-se questões relacionadas à vulnerabilidade socioeconômica, desigualdades de raça e gênero, sofrimento psíquico e fragilidades de vínculos; que afetam o desempenho acadêmico. O Grupo permitiu a constituição de espaço onde o pertencimento foi fortalecido pelo apoio coletivo, compartilhamento e reconhecimento do comum e da alteridade.

Palavras-chave: Grupos; saúde mental; ensino superior.

GREP (Grupo de Reflexão para a Escolha Profissional) aproximações com a teoria psicanalítica de grupos

Eva Chaska Uchitel Tesch (PAES – Unisfesp)

O momento da escolha profissional é vivido por muitos jovens de forma conflituosa, com expectativa, medo, insegurança e dúvida. O GREP (Grupo de Reflexão para a Escolha Profissional), dispositivo grupal desenvolvido empiricamente a partir da teoria e prática do Psicodrama e Coaching, é apresentado com o objetivo de expor duas reflexões: 1-relacionar este trabalho com a teoria psicanalítica de grupos mediante os conceitos: grupalidade interna, intermediário e simbolização; 2-discutir suas possibilidades no trabalho com adultos somatizadores. Parto de uma atividade do dispositivo, para elucidar o inter-jogo de personagens internos, que é trazido ao campo vivencial grupal, permitindo uma abertura, um canal mais fluído de comunicação entre inconsciente, pré-consciente e consciência e, como o que emerge nesse compartilhar, possibilita a construção de sentidos, mobilizando a percepção de critérios de escolha e, sobretudo, possibilidades de subjetivação. A apropriação subjetiva da escolha oferece bases mais sólidas para esta passagem. Daí, pensar em trabalhos com outros grupos, já que decisões como essas, se impõe também em momentos críticos da vida adulta e são muito comuns no campo de trabalho com somatizadores, cujos sintomas, muitas vezes, interrompem o fluxo da existência. Assim, tais reflexões apontariam para a possibilidade de que pensar ou configurar um projeto de vida/trabalho com esses participantes, pode abrir caminhos para sua reinserção ou retomada do movimento vital.

Palavras-chave: Grupo de reflexão; escolhas profissionais/de vida; psicanálise.

Comunicação Temática 14: O Existir Contemporâneo (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 104 (prédio 40)

MODERADOR: Juliana Ferreira Santos Farah

Vínculos amorosos na contemporaneidade

*Camila Alessandra Lúcio Alves (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho –
Câmpus de Assis)*
*Mary Yoko Okamoto (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho– Câmpus de
Assis)*

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa bibliográfica sobre vínculos amorosos na contemporaneidade e tem como objetivo compreender a influência do contexto sociocultural e político-econômico atual nas configurações vinculares contemporâneas. A partir da análise da literatura levantada a respeito do tema, notou-se que, com a consolidação do capitalismo e a mudança das relações de consumo, valores se transformaram e, conseqüentemente, surge um sujeito que se volta constantemente para si mesmo, vive mais isolado e se fecha para o mundo, protegendo-se de tudo que possa vir ameaçar sua paz, optando por sequenciais relações amorosas: mais superficiais, menos densas e principalmente, com menos investimentos narcísicos. Como fruto dessa nova configuração, vivemos atualmente uma sociedade ansiosa, que busca o amparo não mais nas relações inter-humanas, mas nas de consumo do modelo econômico atual, nutrindo uma ansiedade constante provocada por um mundo que exige que você produza e obtenha sucesso. Assim, a falta de responsabilidades sociais colabora para uma lógica que sustenta um perfil hedonista, individualista, que procura satisfação imediata e afastar, custe o que custar, o sentimento de desamparo, enfraquecendo os laços vinculares e alterando as aspirações de busca pelo outro.
Palavras-chave: Vínculos amorosos; contemporaneidade; desamparo.

Do “até que a morte os separe” para o “até que algo os separe”: um estudo sobre a escolha pelo casamento na contemporaneidade

Juliana Beatriz Ferreira de Souza (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis), Thassia Souza Emidio (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis)

Percebemos nos dias atuais como as relações amorosas se tornaram breves, frágeis e descompromissadas. Contudo, alguns sujeitos ainda optam e investem no casamento. Isso posto, desenvolveu-se uma pesquisa de Iniciação Científica com o objetivo de analisar e refletir sobre o vínculo conjugal na contemporaneidade, buscando compreender os sentidos inferidos a escolha e manutenção do mesmo por aqueles que realizaram esta escolha. A entrevista semi-dirigida foi utilizada como instrumento deste estudo qualitativo, tendo sido entrevistados 3 mulheres e 2 homens casados há pelo menos 5 anos, dado que as separações ocorrem comumente nesse período. Os dados obtidos foram analisados à luz dos estudos sobre os relacionamentos amorosos e dos apontamentos da Psicanálise das Configurações Vinculares. Apesar da diferença de idade e de tempo conjugal dos participantes, elementos em comum foram encontrados. Entretanto, pudemos observar que cada um teve o seu sentido e recursos para realizar a escolha pelo casamento e mantê-lo, o que está mais ligado ao desejo do indivíduo do que a interesses contratuais. Enquanto alguns mantém suas relações de modo mais idealizado, outros conseguiram alcançar uma saída de engajamento amoroso que encara o vínculo tal como este é. Entendemos, então, que o casamento atual é composto por traços do passado, do contemporâneo e pela configuração psíquica de cada casal. Assim, o trabalho buscou contribuir para os estudos sobre os vínculos amorosos na atualidade.

Palavras-chave: Casamento; vínculo; Psicanálise.

O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo

Fernanda Ghiringhello Sato. Psicóloga. Psicanalista. Mestranda em Psicologia Clínica (IP USP), Raonna Caroline Ronchi Martins. Psicóloga. Psicanalista. Mestre em Psicologia Social pela PUC SP. Doutoranda de Psicologia Clínica pela USP, Carina Ferreira Guedes. Psicóloga. Mestre em Psicologia Social (IP USP), Miriam Debieux Rosa. Professora Livre-docente do Programa de Psicologia Clínica da USP

Este trabalho busca qualificar a utilização dos dispositivos grupais como estratégia clínico-política. Buscamos trazer novos aportes à utilização de dispositivos grupais nos serviços que executam políticas sociais como estratégia clínico-política de resistência à lógica de individualização e massificação do sofrimento, a partir do referencial psicanalítico. Problematizamos o uso, amiúde indiscriminado, de técnicas grupais, para apresentar aspectos éticos e teóricos da psicanálise freudolacaniana que norteiam o grupo como dispositivo clínico. Considerando as alianças que podem unir um grupo — identificação, demanda e transferência — e seus possíveis efeitos de massificação, discutimos os desafios de sustentar a função de analista ao se operar esse dispositivo, que, no caso do grupo, será subverter os possíveis obstáculos, transformando-os em força viva de intervenção, considerando que a resistência muitas vezes opera como o que faz furo e permite abrir questões sobre o discurso que se quer fazer hegemônico. A partir da nossa experiência com grupos realizados em segmentos da política de Assistência Social e Direitos Humanos, trazemos vinhetas de supervisões e experiências no campo, proporcionando debates sobre grupos enquanto prática clínico-política e apontando uma direção ética no trabalho com grupos em situações sociais críticas. Palavras-chave: Grupo; clínica-política; resistência.

A psicanálise de grupo no tratamento de pacientes com queixas em relação a sobrepeso e obesidade

Juliana Ferreira Santos Farah (Universidade de São Paulo – USP) e Pablo de Carvalho Godoy Castanho (Universidade de São Paulo – USP)

Atualmente a obesidade tem sido apontada pela Organização Mundial da Saúde como um dos maiores problemas de saúde pública do mundo. Os tratamentos mais comumente oferecidos são dietas alimentares, atividade física, uso de medicamentos e cirurgia, havendo um espaço consideravelmente pequeno para a abordagem dos aspectos psicológicos envolvidos na manutenção deste quadro. Dentre os tratamentos que relacionam a obesidade com a compulsão alimentar, são poucos os que pensam este sintoma do ponto de vista da psicanálise. Este trabalho propõe uma pesquisa teórico-clínica com o objetivo de apresentar um entendimento psicanalítico do ganho excessivo de peso e seu tratamento em um dispositivo grupal. Para tanto, partiremos de uma breve revisão da literatura sobre a problemática do emagrecimento, seguida de uma problematização da relação compulsiva com a comida e sua relação com a adicção em psicanálise. Uma pergunta motiva essa pesquisa: “por que deveríamos propor uma abordagem psicanalítica de grupo para tratar problemas relacionados à obesidade e à compulsão alimentar?” Tendo isso em mente, os autores trazem alguns elementos do grupo que está sendo realizado como parte da pesquisa de mestrado e apresentam algumas vinhetas do grupo e de pacientes para articular suas reflexões. Como se trata de um trabalho em desenvolvimento, o processo, e não os resultados, será priorizado. Palavras-chave: Psicanálise de grupo; comportamento compulsivo; obesidade.

Comunicação Temática 15: Saúde Mental e Equipes de Saúde (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 105 (prédio 40)

MODERADOR: Fernanda Zanetti Cinalli Giovanetti

Um estudo teórico-clínico de um grupo de psicoterapia em instituição pública de saúde mental no município de São Paulo

Lucas Hangai Signorini (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – IP/USP e CAPS II Adulto Itapeva) e Iara Mouradian Pedó (Programa de Psicologia Social – PUCSP e CAPS II Adulto Itapeva)

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são aparelhos idealizados como substitutivos aos hospitais psiquiátricos e sua responsabilidade implica em oferecer cuidados a pessoas com transtornos mentais severos e/ou persistentes cujo intenso sofrimento psíquico não lhes permite viver e realizar seus projetos de vida. Atualmente, o grupo é considerado o dispositivo fundamental do trabalho exercido neste equipamento de saúde pública, tal qual esclarece o artigo 7º, parágrafo 2º da portaria nº 3.088, de 23/12/11, que institui a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Nosso objetivo é apresentar um relato de crise psíquica cuja estabilização decorreu de tratamento realizado em um grupo de psicoterapia em um CAPS II Adulto do município de São Paulo. Escolhemos como método a narrativa de situações emergidas deste dispositivo grupal a partir das quais os coordenadores-pesquisadores discorrem sobre os manejos e reflexões teóricas. Partimos do pressuposto de Szwarc e Corrêa de que o grupo é como uma boneca russa ou uma cebola e, suas várias camadas entre as quais há várias conexões e caminhos, assim como várias formas de comunicação. Iluminados pela Psicanálise sustentamos que as funções de continente e de contentor propostas por Kaës explanadas por Varcheret (2015), e a noção de objetos mediadores foram fundamentais para nossas considerações. Palavras-chave: Grupo nas instituições; crise psíquica; psicanálise.

Alianças inconscientes no campo da saúde mental: a negação da clínica

Fernanda Zanetti Cinalli Giovanetti (Coordenadora da Saúde Mental - Prefeitura de Embu das Artes / Membro do Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social - LAPSO-USP)

Com a lei 10.216/01, implanta-se oficial e nacionalmente uma nova proposta de política pública de Saúde Mental, expressando transformações sociopolíticas e técnicas apoiadas na Reforma Psiquiátrica. Contudo, as estratégias psicossocial e antimanicomial propostas e implementadas neste contexto parecem negligenciar a dimensão psíquica, colocando seu enfoque sobre a dimensão social e política. Hipotetizou-se que as práticas clínicas ficaram identificadas como estratégias do modelo prévio, ocasionando uma condição de negação / não reconhecimento da clínica no novo modelo. Tal condição justificaria a coexistência de ideias e fundamentos contraditórios verificados nas práticas e política de saúde mental atual: ora apresentando marcas provenientes de sua história de segregação, ora fundamentos e concepções antimanicomiais. Tal coexistência parece dificultar a efetivação plena e a reflexão sobre a política atual (2001-11/2017), mantendo práticas manicomiais encobertas por um discurso antimanicomial. Os dados de grupos operativos realizados com profissionais de CAPS corrobora tal hipótese: compreende-se que uma aliança inconsciente estabelecida entre os atores da saúde mental pós Reforma Psiquiátrica, mediante um pacto denegativo,

extirpou a clínica das ações em saúde mental. Paradoxalmente, neste processo é exatamente a clínica psiquiátrica tradicional que ocupa o espaço vazio deixado pela negação da clínica de consideração da dimensão psíquica, em especial a clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Saúde Mental; psicanálise; clínica psicanalítica.

Grupo: ação de acolhimento e sustentação à alteridade

Valéria Silva de Matos Pires (Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa - IEEP)

Wilma Magaldi Henriques (Universidade de Mogi das Cruzes - UMC)

Este trabalho apresenta os desdobramentos do nono encontro, de grupo operativo, realizado com participantes de um Centro de Convivência para Terceira Idade em um município de São Paulo e fez parte da pesquisa de mestrado profissional em Psicogerontologia intitulada “Resiliência em idosos: análise de uma intervenção grupal”, que teve como eixos principais: o envelhecimento, a resiliência e o grupo, e envolveu oito mulheres a partir de 57 anos. Neste encontro a proposta foi trabalhar o tema “grupo” como possibilidade de adversidade e de fator de resiliência, além de preparar para o encerramento que se deu no décimo encontro. Utilizou-se como instrumento interventivo grupal a técnica de grupo operativo e para mediar as reflexões a produção de um pictograma por meio da atividade da bandeira grupal. Verificou-se que os aspectos latentes relacionados à diferença/rejeição e à aceitação foram os elementos norteadores do processo grupal. Durante a construção da bandeira houve dificuldades em transformar o que gostariam que fosse representado em símbolos e cores, algumas perguntas mediaram a atividade. Houve algumas aproximações de síntese do processo grupal, mas as participantes ainda não estavam em condições de compreender a necessidade de aceitação que emergia no grupo. O exercício da cooperação, da escuta e de pertencimento foi lento durante o processo. Porém, ao final foi possível vislumbrar os primeiros contornos de um Rosto acolhedor.

Palavras-chave: Intervenção grupal; diferença; reconhecimento.

O trabalho do psicólogo em uma equipe de saúde multiprofissional no cuidado de crianças prematuras

Rozane Lapolli Sanz Casse (SBPSP, UNIFESP)

Emilia Aparecida Calixto Afrange (Instituto Sedes Sapientiae, SBPSP, UNIFESP, ABRAP, FLAPSI - Federação Latino-americana de Psicoterapia, FENPB - Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira.

A sobrevivência de crianças prematuras é resultante do trabalho de equipes multiprofissionais que dão assistência integral à criança e à família, por meio de programas de prevenção e intervenção precoce na esfera da saúde pública. Os programas identificam as sequelas patológicas da prematuridade para sanar ou minimizar seus efeitos e oferecem suporte ao grupo familiar no enfrentamento destas questões. Uma atuação interativa contínua faz parte da estratégia do psicólogo adido ao processo.

Palavras-chave: Prematuridade; psicólogo; equipe multiprofissional.

Oficina Vivencial 3: Laboratório de Relações Interpessoais: Um Modelo para Trabalhar os Vínculos (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 505 (prédio 45)

- **Organizadores:** Luiz Carlos Osório

Laboratório de relações interpessoais: um modelo para trabalhar os vínculos

Luiz Carlos Osorio (GRUPPOS)

A presente oficina visa apresentar vias para o desenvolvimento interpessoal dentro de uma equipe. Para tanto programa-se a apresentação interativa dos participantes, um exercício de “role-playing” com os papéis de professores-alunos, uma interconsultoria sobre situação vivencial trazida por participante da oficina, ao que se seguirá a reflexão final sobre a aplicação do modelo nas atividades dos participantes. O Laboratório em questão apoia-se nos laboratórios para o exercício da autoridade e funções de liderança introduzidos no Brasil na década de noventa pelo Grupo Orbis (Oliveira, Schneider, Osorio e Valle) e inspirados no modelo criado nos anos cinquenta no Instituto Tavistock de Relações Humanas baseados nas ideias de Bion. O modelo a ser apresentado na oficina é uma modificação do original pelo autor, acrescentando ao embasamento teórico da psicanálise as contribuições do psicodrama e dos grupos operativos, numa concepção sistêmica da dinâmica grupal. Este modelo tem sido aplicado com resultados assaz satisfatórios nas relações interpessoais na família, nas equipes na área de saúde, nas instituições de ensino e nas organizações em geral.

Palavras-chaves: Grupos em instituições; desenvolvimento interpessoal; vínculos nos sistemas humanos.

Oficina Vivencial 4: Grupo Comunitário de Saúde Mental (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 506 (prédio 45)

- **Organizadores:** Sergio Ishara; Carmen Lúcia Cardoso

Grupo comunitário de saúde mental

Sergio Ishara (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP) e Carmen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP)

O campo da saúde mental tem passado por muitas transformações, valorizando intervenções grupais e comunitárias como recursos relevantes no cuidado. Nesse contexto, vem sendo desenvolvido, há 20 anos, o Grupo Comunitário de Saúde Mental como intervenção inovadora, com perspectiva terapêutica e de promoção da saúde. A organização é realizada pelo Hospital Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP e o Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. O programa propõe um trabalho de atenção, elaboração e apropriação de experiências cotidianas, aliado a um exercício de compartilhamento no espaço grupal. O grupo é aberto à comunidade e heterogêneo, diferenciando-se ao propor uma perspectiva de protagonismo do cuidado para todos os participantes. Cada sessão grupal dura 1h30, dividida em três fases: compartilhamento de experiências a partir do contato com elementos culturais (músicas, textos, filmes, vídeos e imagens); compartilhamento de experiências cotidianas; reflexão sobre a experiência de participar do encontro grupal. A relevância do programa está centrada no papel de promoção da saúde mental junto à comunidade e, ainda, de formação profissional para práticas em atenção psicossocial. Na oficina vivencial planeja-se que os participantes tenham a oportunidade de conhecer, participar e refletir sobre a atividade.

Palavras-chave: Grupos nas instituições; comunidade; formação profissional.

Oficina Vivencial 5: Teatro do Oprimido: Explorando as Técnicas de Augusto Boal na Psicologia de Grupos (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 507 (prédio 45)

- **Organizadores:** Robson Jesus Rusche; Maria Aparecida Fernandes

O teatro do oprimido: explorando as técnicas de Augusto Boal na psicologia de grupos

Robson Jesus Rusche

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Maria Aparecida Fernandes Martins

Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Na prática de Augusto Boal os espectadores são observadores ativos e os atores observadores de si mesmo. O Teatro é definido como a capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito observe a si mesmo, em ação, em atividade. Interessa-nos esta ideia, pois ela indica a capacidade de representação e de simbolização que são específicas do humano. Se nos processos grupais desenvolvidos na práxis do psicólogo social propomos a superação do senso comum e a busca da ampliação da leitura crítica sobre o mundo, então encontramos uma estreiteza das relações entre as duas propostas - a da Psicologia Social e a do Teatro do Oprimido. Boal afirma que não basta um teatro que apenas interprete a realidade: é preciso transformá-la. O objetivo é o de resgatar, desenvolver e redimensionar a vocação humana para o teatro, tornando-o um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais. O método uma oficina baseada na técnica do Teatro Fórum de Augusto Boal. Busca-se constituir uma experiência teatral na qual os homens interpretam seus próprios papéis, reorganizam suas vidas e analisam suas próprias ações, tentando propor formas de superação do cotidiano. O teatro do oprimido, na arte psicologia e na psicologia social, representa uma proposta na busca de novas metodologias para a ampliação da qualidade dos trabalhos de formação em instituições e comunidades, promovendo um lugar onde a criatividade e a criticidade possam se desenvolver juntas. Palavras-chave: Teatro do oprimido; grupos; psicologia social.

Sessão de Pôsteres 1:

SALA: 508 (prédio 45)

COORDENADORES: Solange Emilio (NESME/Anhembi-Morumbi); Maria Ondina Peruzzo (NESME/Instituto Acolher-Ita)

Título	Autores
Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família	
1. Grupo de Apoio com Acompanhantes de Pacientes Hospitalizados	Janaína Vilela Oliveira
2. Grupos de Reflexão com Funcionários de um Abrigo	Liliana Scatena
3. Fenômenos Transicionais e Obesidade Infantil: Um Estudo Transgeracional	Carolina Rizzato Martins Padilha

4. "O grupo nunca vai acabar": A experiência da criatividade em grupo terapêutico infantil	Giovanna Antunes Botazzo Delbem
5. Arte e cultura na interface com a saúde mental em uma instituição pública de saúde segundo referencial psicanalítico.	Thais Rodrigues Silva
6. Grupos abertos com crianças para promoção de saúde em um serviço-escola de Psicologia	Ana Carolina de Moraes Silva
7. Complexo de Édipo nas famílias contemporâneas: um estudo de caso	Caroline Trevisan Mendes de Almeida
8. Grupo de Pais num CAPS Infantil: A Experiência com Fotos	Rachel Cristina Ribeiro Giacoia Leal
9. Grupos com esquizofrênicos: uma experiência possível?	Patrícia Ferreira Pinheiro
10. Grupo terapêutico para sentenciados por crimes sexuais: os alcances e dificuldades para implantação de um projeto em um regime prisional fechado brasileiro	José Iraldo Souza; Tadeu Roberto de Abreu
11. O feminino em psicose: corpo e desejo em mulheres usuárias de um hospital dia em São Paulo-SP	Fabiana Rodrigues Barbosa
12. Transformação: a resignificação de conteúdos inconscientes por meio de um processo coletivo de criação.	Thais Rodrigues Silva

Grupo de apoio com acompanhantes de pacientes hospitalizados

Liliana Scatena (Universidade de Franca- UNIFRAN) Janaína Aparecida Vilela de Oliveira (UNIFRAN)

O presente trabalho foi desenvolvido durante o estágio do quinto ano na área hospitalar do curso de Graduação em Psicologia em 2017, no qual eram realizados grupos de orientação e apoio aos acompanhantes. Os acompanhantes de pacientes hospitalizados são merecedores de cuidados para que não adoecem psicicamente. O espaço grupal de apoio possibilitaria acolher experiências de sofrimento psíquico e possíveis resoluções de conflitos em relação ao funcionamento da instituição. Os encontros ocorreram semanalmente com o tempo de duração de uma hora, os acompanhantes eram convidados pelas estagiárias a se reunirem para as mesmas transmitirem informações em torno das regras do hospital. No final era realizada uma leitura de textos de cunho reflexivo, o grupo era aberto e heterogêneo em relação ao sexo e idade. Foram realizados 18 encontros totalizando 82 participantes no decorrer do estágio. Foi ofertado um espaço de escuta para que os acompanhantes se expressarem acerca do adoecimento e a hospitalização de um familiar, tiveram a oportunidade de compartilhar os sentimentos, troca de experiências, foram convidados a participar ativamente deste momento junto ao paciente, além de promover uma comunicação entre equipe-família-paciente.

Palavras-chave: Grupo de apoio ; acompanhantes ; Psicologia Hospitalar.

Fenômenos transicionais e obesidade infantil: um estudo transgeracional

Carolina Rizzatto Martins Padilha (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP) e Valeria Barbieri (FFCLRP-USP)

Este estudo investigou a transmissão psíquica da capacidade para usufruir dos fenômenos transicionais em três gerações da linhagem materna (avó, mãe e filha) da família de uma criança obesa. A família foi selecionada em um serviço para o tratamento da Obesidade. Para a coleta de dados utilizou-se o Procedimento de

Desenhos-Estórias e uma entrevista semiestruturada com os adultos. A estratégia metodológica foi o estudo de caso. A análise dos dados foi feita pelo método da livre inspeção do material, empregando como teorias de base a psicanálise winnicottiana e a transmissão psíquica transgeracional. Os psicodiagnósticos individuais indicaram que, nas três gerações, as figuras parentais foram percebidas como capazes de satisfazer as necessidades materiais e concretas das participantes, mas deficientes em termos do investimento afetivo devotado às filhas. As fronteiras do *Self* dos membros se mostraram pouco definidas, com suas necessidades se confundindo entre si, impedindo a constituição de subjetividades singulares e o alcance da autonomia. A área das experiências transicionais se mostrou restrita, comprometendo o desenvolvimento da capacidade simbólica e a atribuição de novos sentidos às experiências. A família permanece ligada entre si através de conteúdos psíquicos traumáticos e as repetições das vivências consistem em tentativas de elaboração da herança inconsciente.

Palavras-chave: Fenômenos transicionais; transmissão psíquica entre gerações; obesidade infantil.

A subjetividade e vulnerabilidade social no discurso de funcionários de um abrigo através de grupos de reflexão

Beatriz Souza Mesquita (Universidade de Franca-UNIFRAN),

Gisele Cestari Anibal (Universidade de Franca-UNIFRAN),

Matheus Colombari Caldeira (Universidade de Franca-UNIFRAN),

Liliana Scatena (Docente do Curso de Psicologia Universidade de Franca-UNIFRAN)

A Proteção Social Especial são programas e projetos que têm por objetivo a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, defesa de direitos, fortalecimento das potencialidades e a proteção de famílias e indivíduos para o enfrentamento das violações de direitos. Para garantir um atendimento de qualidade às crianças e aos adolescentes, deve funcionar de forma articulada com os demais serviços da rede sócio assistencial local. A pesquisa teve o objetivo de estudar as relações e obstáculos dos funcionários em relação ao trabalho desenvolvido em uma casa de acolhimento de menores de idade, explorando as temáticas que envolvem a subjetividade e as relações interpessoais dos funcionários que possuem o convívio com as crianças e adolescentes. O objetivo do grupo foi o de amparar os profissionais, e manejar para alcançarem seus objetivos frente às questões vivenciadas. A pesquisa denotou-se qualitativa e a coleta de dados foi realizada através do diário de campo dos grupos com funcionários que ocorreram em encontros quinzenais. A equipe construiu ao longo dos encontros suas próprias perspectivas e soluções para os impasses profissionais. Em relação à relevância científica, o trabalho favoreceu a discussão sobre essa categoria profissional na área da Assistência Social. A respeito da relevância social, os participantes tiveram o ensejo de relatarem aspectos que nem sempre abordam, como queixas em relação à capacitação profissional.

Palavras-chave: Grupos de reflexão; representação social; Proteção Social Especial.

“O grupo nunca vai acabar”: A experiência da criatividade em grupo terapêutico infantil

Giovanna Antunes Botazzo Delbem, Letícia Altheman Loureiro, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valeria Barbieri (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP)

Em um serviço escola de Psicologia de uma universidade pública faz-se um processo de triagem interventiva, para que haja encaminhamentos mais precisos das crianças que

buscam atendimento psicológico. Após a realização desta triagem, feita em quatro etapas, ainda é preciso verificar disponibilidade de vagas para atendimento, o que muitas vezes faz com que essas crianças esperem mais um tempo. Dessa maneira, no serviço, depois do processo de triagem realizado, pensou-se na ideia de fazer um grupo terapêutico com as crianças que estavam à espera de atendimento. A proposta foi feita aos responsáveis e logo foi iniciado por duas estagiárias da triagem. Este grupo teve participação de quatro crianças, de 7 a 11 anos, três meninos e uma menina, em um total de dez sessões mais dois encontros com os pais/responsáveis. No início as crianças se mostraram mais tímidas, com receio de demonstrar sentimentos, principalmente os negativos, parecendo engessadas em atividades mais concretas, como escolha de jogos estruturados. No decorrer dos encontros foram se aproximando mais, interagindo entre eles e ouvindo uns aos outros, sentindo-se à vontade ao demonstrar insatisfações e contrariedades. Também foram escolhendo brincadeiras mais espontâneas e criativas, principalmente realizadas em grupo. Ao final, a experiência se mostrou positiva para crianças e terapeutas, além disso, as crianças optaram por continuar o atendimento em grupo ao invés da modalidade individual.

Palavras-chave: Crianças ; psicanálise ; grupo terapêutico.

A arte e a cultura na interface com a saúde mental em uma instituição pública de saúde, segundo o referencial psicanalítico

Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira (Hospital do Servidor Público Municipal-HSPM) e Thaís Rodrigues Silva (HSPM)

Propomos por meio da Oficina de Escrita e Imagem a realização de atividades artísticas e culturais no tratamento aos usuários do serviço de saúde mental desenvolvidas na Seção Técnica de Psicologia do Adulto do Hospital do Servidor Público Municipal (HSPM). Nesse projeto destacaremos a Oficina de Cinema, que consiste na exibição de filmes de curta, média e longa metragem, seguido de palestras e debates. O objetivo da Oficina é oferecer aos seus integrantes um espaço de socialização, integração e mobilização psíquica. Após a exibição, solicitamos ao público participante suas impressões e comentários acerca do filme. Em seguida, as psicólogas envolvidas organizam esses comentários buscando um aprofundamento das questões suscitadas, segundo o referencial psicanalítico. Esses encontros são marcados por uma intensa participação da platéia que expressa livremente seus sentimentos e emoções provenientes do tema abordado. Os resultados mostram que há uma maior capacidade de verbalização, além de crescimento emocional e aumento do repertório no enfrentamento às dificuldades individuais e sociais. Entendemos que o cinema tem uma linguagem próxima e similar à onírica, formada por imagens, cuja especularidade possibilita associações livres em razão das projeções de desejos, fantasias e frustrações.

Palavras-chave: Cinema; saúde mental; psicanálise.

Grupos abertos com crianças para promoção de saúde em um serviço-escola de psicologia

Ana Carolina de Moraes Silva (Universidade Estadual de Londrina - UEL), Maíra Bonafé Sei (UEL)

O “Grupo de Dinâmicas” se organiza como uma intervenção semanal realizada em um serviço-escola de Psicologia do interior paranaense destinada a três faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. A proposta possui embasamento na Psicologia

Comunitária, buscando acolher a demanda da comunidade a partir de atividades expressivas e discussões sobre aspectos cotidianos. Este estudo visou investigar a visão de crianças e seus responsáveis, integrantes do grupo aberto infantil, a fim de refletir sobre as atividades realizadas e a potencialidade da intervenção. Participaram desta pesquisa 9 crianças e 7 responsáveis, com dados coletados por meio do procedimento de desenho-estória com tema. A análise dos dados apontou para a existência de vinculação das crianças ao espaço, apesar de se tratar de um grupo aberto, que afirmaram gostar das atividades realizadas e principalmente dos coordenadores do grupo. Os responsáveis apontaram para mudanças de comportamentos das crianças e reconheceram o grupo como um lugar seguro, lúdico e de autoconhecimento para os seus participantes. Retratarão-no como espaço de socialização e acolhimento à diversidade, demonstrando a potencialidade da atividade na promoção de saúde mental.

Palavras-chave: Grupo de dinâmicas; crianças; serviço-escola de Psicologia.

Complexo de Édipo nas famílias contemporâneas: um estudo de caso

Caroline Trevisan Mendes de Almeida (Mestranda da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP / Câmpus de Assis), Mary Yoko Okamoto (Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP / Câmpus de Assis)

Buscou-se compreender o exercício da parentalidade e subjetivação nas famílias contemporâneas no tocante à experiência do Complexo de Édipo, a partir da teoria da psicanálise vincular. Atualmente têm ocorrido diversas transformações nas famílias contemporâneas, e considerando que a passagem pela cena edípica possibilita a discriminação de lugares e funções familiares, entende-se que seja necessário repensar este conceito e suas vivências nas famílias atuais. Foi realizado um estudo de caso, com realização de entrevista semi-estruturada com um casal de avós que exercem as funções principais de cuidados com suas netas, e o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias com as duas netas, de 6 e 7 anos de idade, analisando as relações de amor, ódio, rivalidade, interdição e alianças inconscientes característicos de tal experiência. Percebeu-se que para todos os membros da família, a avó representa as funções materna e paterna diante das netas, permitindo o estabelecimento de um superego que aparece nas estórias contadas pelas crianças. O avô relata um carinho e proximidade das netas, porém não ocupa uma função parental clara, chegando a ficar ausente nos desenhos. Verificou-se que na família pesquisada o Complexo de Édipo estrutura-se por meio de uma função diferenciadora, que não se limita ao gênero ou filiação biológica, mas a partir do exercício da função parental no dia-a-dia das crianças.

Palavras-chave: Psicanálise vincular; complexo de Édipo; famílias contemporâneas.

Grupo de pais num CAPS infantil: a experiência com fotos

Rachel Cristina Ribeiro Giacoia Leal (Psiquiatra da Prefeitura Municipal de Santos e Guarujá, membro do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise Vincular)

Este relato se refere a uma experiência realizada no primeiro semestre de 2017 no CAPS infanto-juvenil da cidade de Guarujá-SP com a técnica de utilização de fotos como objeto mediador. Consistiu-se em dois grupos de familiares de crianças e adolescentes assistidos pelo serviço que se encontraram oito vezes em uma frequência semanal. Foi utilizado o dossiê *Corps et Communication* e uma compilação de 100 fotos brasileiras para toda a atividade. A aproximação afetiva dos familiares com a equipe proporcionou uma melhor convivência entre todos, o que pôde ser notado no surgimento de

assiduidade dos clientes no tratamento e no melhor entendimento do sofrimento psíquico de seus filhos/neto. Utilizar a técnica de fotos como objeto mediador em um dos grupos terapêuticos desse CAPS infanto-juvenil abriu espaço para um trabalho reflexivo com usuários de difícil relacionamento no equipamento. Somar esse relato de experiência a outros de mesma espécie contribui para fomentar a utilização dessa técnica nos CAPS, sendo mais uma das possibilidades terapêuticas nesses serviços.

Palavras-chave: Grupos; CAPS infantojuvenil; fotos.

Grupos com esquizofrênicos: uma experiência possível?

*Patrícia Ferreira Pinheiro (Universidade Presbiteriana Mackenzie),
Angela Biazi Freire (Profª Drª da Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Este trabalho foi desenvolvido como prática de estágio supervisionado na área da Psicologia da Saúde, do último ano de graduação do curso de Psicologia, o qual se realizam intervenções em grupos, a partir de demandas levantadas em diversas instituições. O estágio foi realizado com um grupo de pacientes diagnosticados com Esquizofrenia e vinculados, entre dois a dez anos, a um centro de atenção integrada à saúde mental, na cidade de São Paulo. O objetivo do trabalho foi de ampliar os laços sociais dos pacientes, para uma maior autonomia, tendo como referência a psicanálise com grupos. Foram realizadas onze sessões com o grupo sendo que cada encontro teve um tema pré-estabelecido e atividades que facilitassem a comunicação e a expressão dos pacientes e que incentivassem a interação social. Os resultados foram parciais, visto que a estagiária não pode prosseguir com o trabalho grupal por mudanças da gestão institucional, mas apontam para uma efetiva adesão dos pacientes ao grupo, uma vinculação entre os participantes e uma melhora nas interações sociais. Ao final do processo, os pacientes relataram a importância do grupo para o desenvolvimento pessoal justificando pela troca de experiências e por se sentirem à vontade para trazer assuntos pouco desenvolvidos em outros ambientes de convívio. Os resultados demonstraram que a ação grupal leva à ampliação do laço social, exemplificado pelo planejamento dos pacientes em realizar atividades em grupo fora do contexto institucional.

Palavras-chave: Grupos nas instituições; processo grupal; grupo com esquizofrênicos.

Grupo terapêutico para sentenciados por crimes sexuais: os alcances e dificuldades para implantação de um projeto em um regime prisional fechado no Brasil

*José Iraldo Souza
Secretaria de Administração Penitenciária
Tadeu Roberto de Abreu
Instituto Sedes Sapientiae*

Em países desenvolvidos são comuns práticas para reduzir a reincidência entre os ofensores sexuais. Considerando a prevalência de maus tratos e abuso sexual incestuoso no história pregressa desses indivíduos, intervenções psicoterápicas são estratégias recomendadas também com indivíduos encarcerados. No Brasil são quase inexistentes os trabalhos com essa demanda. Ainda assim, o sistema penal carece de recursos humanos para tal empreitada. Segundo dados da Secretaria de Administração Penitenciária do Governo do Estado de São Paulo, de um total de 497.393 presos no ano de 2015, existiam 9.600 homens (4,59%) e 53 mulheres (0,43%) presos em São Paulo por Crimes Contra a Dignidade Sexual. Diante dessa realidade, em 2017 foi realizado um projeto piloto de grupo terapêutico com sentenciados por crimes sexuais em uma penitenciária no Estado de SP. Tratou-se de um grupo aberto, com capacidade para 20 participantes, periodicidade semanal, duração de 1 ano e referencial teórico do José

Bleger e Bion. Após a fase de triagem, são propostos encontros temáticos para discussões. Na fase dos encontros, os conteúdos abordados vão desde a conceituação de abuso sexual à elaboração de projeto futuro de vida. Observa-se que predomina a persecutoriedade grupal, mas com boa participação sobre os temas. Mais raro é a auto referência. Embora sem elementos para aferição de mudanças ou risco de reincidência, acreditamos que o projeto precisa ser replicado e sistematizado para pesquisas futuras. Palavras-chave: Ofensores sexuais; sentenciados; grupo terapêutico.

O feminino em psicose: corpo e desejo em mulheres usuárias de um hospital dia em São Paulo-SP

*Fabiana Rodrigues Barbosa (Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM), Profa.
Dra. Angela Biazzi Freire (Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM)*

Ao longo do quarto ano da Graduação em Psicologia, durante o estágio voluntário em um Hospital-Dia, a pesquisa qualitativa conta com dados bibliográficos e aplicação de intervenção com grupo de usuárias que apresentam comorbidades entre Neuroses, Psicoses e Estados limítrofes. Investiga-se como a constituição de seus corpos pode reintegrar-se, favorecendo a constituição de sujeitos de desejo. Em campo, utilizou-se do método Yoga para Mulheres®, desenvolvido pela pesquisadora, em que práticas psicofísicas e respiratórias são adequadas a cada fase do ciclo hormonal feminino. A produção de saberes se apóia nas oscilações fisiológicas, auxiliando o percurso de integração do antes corpo-carne ou corpo-morto à subjetividade, resultando em fortalecimento subjetivo e grupal, a partir da experiência de partilha de dimensões do feminino. Partindo do pressuposto freudiano de que “o Eu é sobretudo corporal [...], deriva, em última instância, das sensações corporais” (Freud, 1923), as intervenções corpóreas trabalham o psiquismo individual, mas também a grupalidade psíquica. Do encontro entre corpos, faz-se luz sobre as fronteiras entre o eu e o outro, o que para pacientes com transtornos graves é uma importante conquista. Entre associações e dissociações, foram desafiadores os atravessamentos institucionais e as excessivas identificações dos sujeitos com seus prévios diagnósticos. Ainda em andamento, a análise da experiência apoia-se na Psicanálise de grupos e das instituições. Palavras-chave : psicose ; psicanálise ; hospital feminino.

Transformação - a ressignificação de conteúdos inconscientes por meio de um processo coletivo de criação

Thais Rodrigues Silva (Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo)

O trabalho relata a elaboração de um luto vivido pelo grupo da Oficina de Escrita e Imagem da Seção Técnica de Psicologia do Adulto do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo. Com objetivo de promover uma outra subjetividade, atrelada ao desejo e à criação de algo novo, diferente do conceito usual de saúde e bem-estar, a Oficina oferece um espaço de socialização, integração, elaboração e mobilização psíquica, assegurando uma melhor qualidade no ambiente de trabalho, na vida familiar, afetiva e na sociedade. Adota-se a formação de grupos de trabalho com a frequência mínima semanal e coordenado por uma psicanalista. Utiliza-se de diversas técnicas artísticas e culturais e observa-se a melhora dos sintomas depressivos, dos transtornos de humor, a diminuição das queixas somáticas e das medicações de uso contínuo. Salienta-se a reflexão que faz o grupo acerca das questões individuais, resultando no aumento do repertório verbal, corroborando para a melhora do desempenho profissional e conseqüentemente, na diminuição das licenças médicas. Vale lembrar que o grupo é formado, em sua maioria, por servidores públicos municipais. Pontualmente, neste

projeto, o processo de elaboração do luto foi vivido por todos, na medida em que puderam trazer suas tristezas e as transformaram em uma expressão artística coletiva na criação de poemas e de borboletas feitas do acetado de “chapas de RX” pertencentes ao esopo falecido de uma das participantes.

Palavras-chave: Processo grupal; criação coletiva; luto.

15:30 às 16:00 - Pausa para café

MESA 4: 16.00 às 17.30 hs (com tradução simultânea)

Auditório Ruy Barbosa

O Sofrimento Psíquico nas Instituições e na Cultura

Jean Pierre Pinel (*Université Paris 13- França*)

Bernardo Tanis (SPBSP- Brasil)

Carla Penna (Group Analytic Society International/Círculo Psicanalítico- RJ -Brasil)

Coordenação: Fernando da Silveira (UPM- Brasil)

O sofrimento psíquico nas instituições e na cultura

Bernardo Tanis (SPBSP)

A cultura, como contexto indissociável, está sempre presente no processo de subjetivação. Os diferentes contextos histórico-culturais, ganham poder estruturante das configurações da subjetividade individual e das múltiplas formas das nossas instituições das quais todos de uma maneira ou de outra fazemos parte. Esta perspectiva ampla norteia nossa compreensão do mal-estar e sofrimento psíquico no mundo contemporâneo, dominado por uma tecnologia alienante, uma aceleração do tempo um excesso de informação e por saídas narcísicas. Procurarei apontar algumas correlações entre sofrimento psíquico a partir da perspectiva psicanalítica com certos traços da nossa cultura e das dinâmicas institucionais. Mas, acima de tudo, e em sintonia com a natureza do encontro falar dos caminhos possíveis e necessários para uma clínica desse mal-estar.

Palavras-chave: Sofrimento; cultura; psicanálise.

O sofrimento psíquico nas instituições e na cultura

Carla Penna (Psicanalista e coordenadora da Comissão de Formação Permanente do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ.

Membro do Management Committee da Group Analytic Society International. Ex-presidente da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro, SPAG E. Rio e da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo. Ex-professora Visitante de Psicologia Médica da FCM/UERJ).

Apresentando o conceito de inconsciente social desenvolvido pela grupanálise inglesa e as paradigmáticas contribuições da *group relations* do *Tavistock Institute of Human Relations* sobre o papel das forças inconscientes em contextos organizacionais (institucionais, como chamamos no Brasil) este trabalho visa discutir a influência da vida inconsciente dos grupos no sofrimento psíquico nas instituições e na cultura. A exploração do inconsciente social, da História e das transmissões psíquicas na criação de defesas erigidas contra angústias inomináveis presentes em instituições de

hospitalares permitirá explorar, redimensionar e ampliar a compreensão das fontes de sofrimento psíquico nesses contextos.

a discussão dessas questões serão articuladas as contribuições de Earl Hopper, Haim Weinberg, Isabel Menzies Lyth, José Bleger, Pichon-Rivière e Michael Foucault.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; inconsciente social; organizações.

SEXTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2018

Manhã (com tradução simultânea)

MESA 5: 8.30 às 10.00 hs

Auditório Ruy Barbosa

A Família como Grupo Singular

Pierre Benghozi (SFPPG / IRP - França)

Ruth Levisky (ABPCF- Brasil)

Ana Rosa Trachtenberg (SBPDEPA / ABPCF - Brasil)

Coordenação: Maria Lucia de Souza Campos Paiva (SEDES/ABPCF- Brasil)

Le maillage des contenants généalogiques famille-institution

Pierre Benghozi (Président Institut Recherche en Psychanalyse du groupe du couple et de la famille. SFPPG/AIPCF/SFTF)

Si la thérapie familiale psychanalytique s'est structurée en France en référence aux concepts fondamentaux de la psychanalyse de groupe, l'approche psychanalytique des groupes et des institutions s'est également enrichie de la théorie et de la clinique de la thérapie familiale psychanalytique. Je décris la famille comme un groupe et le groupe institution comme une famille dans ma perspective psychanalytique du maillage, démaillage et remaillage des contenants psychiques généalogiques. A partir d'une situation clinique j'envisagerais le lien d'alliance inconscient et le remaillage réciproque des contenants psychiques généalogiques entre la famille et l'institution à propos de la prise en charge d'un patient hospitalisé en psychiatrie.

Mots-clés : Maillage des contenants généalogiques ; famille ; institution.

Transformações da família: na vida e no divã

Ruth Blay Levisky (Associação Braisleira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF), Grupo Vincular, Nesme)

O peso das heranças transgeracionais se impõem e são impostas através das gerações. Mutações ocorridas na clínica e na sociedade levam o analista a criar um labirinto de configurações mentais para compreender e interpretar as diferentes dinâmicas familiares. Essas transformações são produtos do entrelaçamento de complexas reconfigurações de histórias de vida. O objetivo desse trabalho é refletir a respeito dos impactos transformadores da cultura sobre a formação da subjetividade e sobre a clínica psicanalítica. Proponho repensarmos o conceito de família e de técnicas de atendimento em psicanálise, diante das novas configurações vinculares e dos fatores presentes na contemporaneidade, que tem interferido no "setting". A "escuta psicanalítica" atual requer do profissional o desenvolvimento de competências como flexibilidade, criatividade, espontaneidade e diálogo, para ampliar a capacidade de observação, sem perder o sentido do "setting" analítico. É um desafio para os profissionais colaborarem para que os pacientes desenvolvam novas maneiras "de ser e de estar em família e na sociedade", além de abrir espaço para dar sentido às fantasias e aos conteúdos reprimidos.

Palavras-chave: Heranças transgeracionais; impactos da cultura e subjetividade; transformações da técnica psicanalítica.

Famílias interrompidas - drama transgeracional

Ana Rosa C. Trachtenberg (SBPdePA e ABPCF)

O presente trabalho busca discutir as possíveis repercussões transgeracionais ao longo das gerações, dos traumas vividos em uma dada geração. O trauma não elaborado pode

ficar numa cripta e transformar-se em fantasma nas gerações seguintes, quando o indizível ou impensável aparece como enfermidades do corpo ou da alma. A telescopagem de gerações indica que o apagamento das diferenças geracionais e o filicídio mudo abrem o caminho para a interrupção da exogamia e da descendência. Famílias interrompidas.

Palavras-chave: Transgeracional, família, telescopagem.

10:00 às 10:30 - Pausa para café

MESAS SIMULTÂNEAS: 10:30 ÀS 12:00

Ms5: Psicanálise de Casal: questões clínicas

Auditório Ruy Barbosa

Isabel Cristina Gomes (IPUSP/ ABPCF- Brasil)

Rosa Jaitin (AIPCF- França)

Flávia Strauch (SBPRJ/ ABPCF - Brasil)

Coordenação: Sergio Teles (SEDES/ ABPCF - Brasil)

Das certezas herdadas ao trabalho de desconstrução

Isabel Cristina Gomes (AIPCF, ABPCF e IPUSP), Lídia Levy (AIPCF, ABPCF e PUC-Rio)

Ao longo das gerações, a família e a cultura atribuíram a homens e mulheres determinados papéis modelados pela ideologia patriarcal, que vêm sendo lentamente desconstruídos. As referências de masculinidade, no passado, associadas à virilidade e poder, foram gradativamente sendo desestabilizadas a partir do feminismo e da consequente igualdade de gêneros. Os termos masculinidades e feminilidades apontam para a diversidade hoje existente e demandam dos sujeitos reposicionamentos permanentes. A clínica nos revela os paradoxos provenientes do encontro entre os antigos padrões de socialização, transmitidos geracionalmente, e as novas possibilidades de construção subjetiva. No jogo relacional observado entre parceiros íntimos, as mensagens transmitidas sobre o lugar que deveriam ocupar na relação provocam ruídos que levam a conflitos no espaço intersubjetivo. Segundo os fragmentos de um atendimento de casal, discutiremos a influência do legado geracional na constituição e manutenção do vínculo conjugal e o movimento do trabalho clínico no sentido de novas construções.

Palavras-chave: Psicanálise de casal; família; cultura.

O trauma no casal frente à quebra de contrato de casamento

Flavia Costa Strauch (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ / AIPPF/ABPCF)

O texto apresenta alguns dos autores com os quais abasteco teoricamente meu exercício diário de atendimento a casais com problemas de conjugalidade, principalmente quanto à quebra do contrato que firmaram. Ao longo das considerações teóricas, exemplifico, com vinhetas clínicas, as diversas questões trazidas ao consultório. Essa exposição

busca tão somente refletir sobre a compreensão de diferentes conflitos com os quais nos deparamos em nossa atividade profissional.

Palavras-chave: Casal; trauma; contrato.

Ms6: Grupos e Instituições

Auditório João Calvino

Cristiana Cunha Freire (UNIFESP/SEDES- Brasil)

Vincent di Rocco (*Université Lumière Lyon 2- França*)

Waldemar José Fernandes (NESME)

Coordenação: Georges Gaillard (*Université Lumière Lyon 2- França*)

Matrioscas: pode um pequeno dispositivo sobreviver ao desmantelamento das instituições continentais?

Christiana Cunha Freire (UNIFESP/SEDES)

A proposta do trabalho é refletir sobre o processo de morte na instituição a partir da análise dos vários acontecimentos que levaram ao encerramento de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): um dispositivo grupal de tratamento intensivo para pacientes que apresentam transtornos psíquicos graves. Partindo de um sonho, consideraremos os três eixos desenvolvidos por Pichon Rivère e por Guatarri , a saber: a verticalidade, a horizontalidade e a transversalidade. Levaremos em conta para o entendimento do que se passou não só a verticalidade e a horizontalidade entendidas como a situação vincular ou a dinâmica grupal das histórias individuais dos diferentes membros que formavam o grupo, e das partes do grupo do CAPS, o que certamente nos permitirá a interpretação do processo da história do grupo, mas também buscaremos considerar o conceito de transversalidade postulado por Guatarri, ou seja, as “múltiplas determinações sócio- político- ideológico- econômico-sexuais que nos possibilitarão sair do campo dos pequenos grupos para compreender o funcionamento do grupo a partir de um campo mais amplo, que opera como continente de todos os outros, mas não de modo neutro, como veremos. Esse aspecto da transversalidade se aproxima ao conceito desenvolvido por Renè Kaes de meta-quadro, função desempenhada pela cultura e pela sociedade nos grupos. Segundo Kaes, a dificuldade de pensar esse nível se revela pelo “descentramento radical da subjetividade”. Aqui, nas palavras do autor “somos confrontados não apenas com a dificuldade de pensar aquilo que, por um lado nos pensa e nos fala: a instituição nos precede, nos determina e nos inscreve nas suas malhas e nos seus discursos”; mas por outro lado, a instituição nos estrutura e contraímos com ela relações que sustentam em parte a nossa identidade. A ideia é buscar uma perspectiva de análise mais abrangente, onde possamos considerar o sujeito porta voz do pequeno grupo, o grupo CAPS, o Depto de Psiquiatria do qual ele faz parte, a Universidade em que o Depto está inserido, as políticas de Saúde pública de nossa cidade e país e aqui de dentro desse evento, instituído para falar desse assunto.

Palavras-chave: Grupos; instituições; dispositivos.

La petite fabrique du différent

Vincent DI ROCCO (Université Lyon 2)

La question du statut de la « différence » dans les dispositifs psychanalytiques groupaux confrontés aux évolutions sociétales, permet une réflexion sur les processus psychiques à l'œuvre dans les institutions psychiatriques au sein des équipes soignantes. Il s'agit de

relever la dynamique paradoxale des dispositifs groupaux institutionnels destinés à soutenir l'élaboration clinique des pratiques soignantes : construire du commun pour produire du différent. Un exemple clinique illustrera cette dynamique. Les mouvements de désymbolisation et l'émergence de processus dits « sans sujet » affectent la capacité des équipes à formuler une demande portée et adressée. D'où la nécessité d'inventer des dispositifs imposés par les nécessités de la clinique permettant l'émergence d'une parole élaborative tout en tolérant les tensions portées par l'institution. Ces dispositifs co-construits au sein des institutions accueillent un sentiment de manque d'ajustement, le sentiment d'un écart majeur entre les besoins des patients et les réponses des soignants. Cette dynamique fait écho à la notion de « défaut fondamental », théorisé par M. Balint, qui fait référence à l'inadéquation entre les besoins de l'enfant et les réponses de son environnement primaire. Balint précise que, dans cette zone de fonctionnement du psychisme, tout écart de compréhension entre le thérapeute et son patient exacerbe ce « défaut fondamental » provoquant des mouvements de rage. D'une certaine façon, ces dispositifs d'élaboration portent la marque de cette dynamique. Ils doivent être « ordinaires et discrets », selon les termes de M. Balint. C'est à cette condition que pourra se produire un travail de différenciation et d'appropriation subjective des problématiques psychiques mobilisant les équipes soignantes.

Mots-clés: Institutions psychiatriques, groupes d'élaboration, défaut fondamental.

Reflexões sobre teoria e técnica de grupos e formação profissional

Waldemar José Fernandes, médico com especialização em psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria, com área de atuação em psicoterapia, Membro fundador e didata do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares e da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo.

O autor inicia com o tópico - O que é grupoterapia para mim? Passa a definir vínculo e espaços subjetivos do vínculo. Valoriza o “outro real externo”, que fortalece o ego e esclarece concretamente sobre a alteridade. Em seu trabalho, prefere intervir pouco, e deixar o grupo se manifestar e perceber por si o que se passa, mas, se necessário, aponta, e, eventualmente, interpreta. Valoriza a diversidade e o inesperado. No seu trabalho psicanalítico grupal estuda os fatos, a comunicação, e, principalmente o diverso e o incerto, que costumam estimular o surgimento de suscetibilidades narcísicas referentes a pequenas diferenças e um mergulho no adverso mundo dos mal-entendidos. Comenta sobre a dificuldade atual de realizar o trabalho privado com grupos no Brasil. A tendência do trabalho psicanalítico com grupos tem sido de ampliar essa abordagem para outras configurações vinculares, como casais, famílias e instituições. Os grupos terapêuticos têm tido maior uso nas instituições públicas, onde há enorme potencial para atendimento grupal. A demanda é imensa e os grupos podem ser extremamente úteis na saúde mental e na clínica médica. Os coordenadores, seguindo orientação política a que são submetidos, mesmo sem terem noção do que seja trabalhar com grupos, ordenam que seus subordinados o façam, ainda que sem formação específica. Finaliza o trabalho com reflexões sobre formação clássica e os desafios para uma formação realista nos dias de hoje.

Palavras-chave: Grupos; vínculos; formação profissional.

Ms7: Práticas de mediação com crianças e adolescentes

Auditório Escola Americana

Aurelie Mauron (*Université Paris 13-França*)

Erick Jacqué (*Université Lumière Lyon 2 -França*)

Vera Blondina Zimmermann (UNIFESP/SEDES - Brasil)

Coordenação: Anne Brun (*Université Lumière Lyon 2 - França*)

**L'être au groupe ou la petite danse du psychodrame psychanalytique individuel
auprès d'adolescents autistes**

Aurélié Maurin Souvignet, Université Paris 13, USPC, UTRPP (EA 4403)

Cette communication s'appuiera sur une expérience clinique de près de dix ans dans un psychodrame psychanalytique individuel (PPI) dont l'une des particularités est d'avoir accueilli des adolescents autistes.

Le Psychodrame individuel diffère, dans sa technique comme dans ses objectifs, du psychodrame de groupe ou en groupe. Toutefois, la dimension groupale n'en est pas exclue. Bien au contraire, elle se structure dans des configurations multiples. Nous aborderons particulièrement ici les modalités de *l'être au groupe* de deux adolescents atteints d'autisme, qui ont convoqué la différence, l'étrangeté et l'altérité en « utilisant » le groupe comme contenant et comme contenu, comme peau et comme organes, sollicitant les thérapeutes dans leur capacité à *faire groupe*, à *être groupe*. La radicalité de cette expérience clinique a nécessité des espaces et des temps d'élaboration particuliers : un dispositif d'intervision mensuel appelé « élaborations croisées » et un dispositif de type séminaire annuel. C'est l'étayage sur ces groupes de travail qui a permis la délicate approche de la spécificité du transfert au PPI avec ces adolescents. Dans un contexte polémique autour de la prise en charge des sujets atteints d'autisme, nous engagerons ici une réflexion sur la différence : sa perception, sa reconnaissance, son accueil et son élaboration dans le cadre d'un dispositif de soin pensé en conséquence.

Mots-clés: Psychodrame psychanalytique individuel ; autisme ; transfert.

**Dos sinais de fechamento autístico até a representação compartilhada: estratégias
transdisciplinares**

*Vera Blondina Zimmermann - Psicanalista (UNIFESP/SEDES SAPIENTIAE) e Juliana
de Souza Moraes Mori - Fonoaudióloga (UNIFESP)*

Como transformar um corpo biológico num sujeito? É possível intervir em um corpo onde os 'encontros' iniciais necessários falharam, independente das causas desse impedimento? Como ocorrem estes 'encontros' subjetivantes? A proposta é ilustrar o trabalho realizado pela equipe multidisciplinar do Programa Bebês com Sinais de Risco em Saúde Mental da Psiquiatria Infantil da Universidade Federal de São Paulo com bebês e crianças em risco psíquico para o desenvolvimento. A equipe aposta na premissa clínica de que se investirmos na saúde mental na primeira infância, intervindo nos momentos iniciais do desenvolvimento e constituição psíquica, realizando intervenções nas relações da criança com seu ambiente, evitaremos ou minimizaremos o estabelecimento de determinadas fixações e/ou prejuízos maiores. Este trabalho acontece inicialmente por meio de intervenções individuais, com duplas mãe-bebê e/ou familiares e, posteriormente, caminha para a inserção grupal. Considera-se a via de acesso, o corpo sensorial com a leitura de sinais até o estabelecimento da linguagem verbal, considerando a linguagem compartilhada, o que permitirá ao sujeito uma inserção grupal. O trabalho tem fundamentação básica nos aportes de Piera Aulagnier e será discutido a partir de vídeos de cenas clínicas - material autorizado por familiares para a formação de profissionais.

Palavras-chave: Primeira infância; sinais de risco em saúde mental; intervenções transdisciplinares.

Autisme en groupe: la différence en question

Eric Jacquet (Université Lumière Lyon2, France -CRPPC)

Cette présentation s'inscrit dans une réflexion collective sur « l'évaluation des processus thérapeutiques » au sein du groupe de recherche du CRPPC (Lyon2, France). A partir d'exemples cliniques tirés de séances de psychothérapies groupales, fondées sur le jeu avec de jeunes enfants réputés autistes ou souffrants de troubles psychiques dits « sévères », il s'agira de montrer, comment le processus observé dans ces groupes incite à préciser diverses formes du différencié et de l'indifférencié en articulation avec le déploiement transférentiel sous ses multiples aspects. Il a été notamment possible de distinguer un premier processus d'indifférenciation-différenciation en rapport avec des modalités transférentielles de type adhésif, puis un second de type symbiotique, à partir de l'expression des expériences subjectives de ces enfants dans différents champs : le champ spatial, temporel, sensoriel, moteur, émotionnel, formel, figuratif, fantasmatique, symbolique, interpersonnel, intersubjectif, groupal... En particulier, cette clinique montre combien, notamment, l'imitation et la répétition du même vectorisent les échanges au sein de l'espace thérapeutique groupales tant dans les registres adhésifs que symbiotiques, organisant les formes primitives de réflexivité attestant ainsi de la tentative de constitution du double identitaire comme préalable indispensable à l'individuation.

Mots-clés: Groupes thérapeutiques; indifférenciation-différenciation; jeunes enfants autistes.

Ms8: Grupos, Transmissão Psíquica e Questões de Identidade

Auditório Mackgrape

Ricardo Barbosa Martins (ASITT/CRT - Brasil)

Nelson Gottlieb Lijtenstein (AUPCV- Uruguai)

Solange Aparecida Emilio (Universidade Anhembi Morumbi/NESME – Brasil)

Coordenação: Pierre Benghozi (SFPPG / IRP - França)

Atenção às pessoas transexuais e transgêneros no domínio da saúde pública: achados e dispositivos

Ricardo Barbosa Martins. Psicólogo, Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais – CRT São Paulo.

Esta apresentação é resultado de nossa inserção na Saúde Pública (SUS) em um Ambulatório Para Saúde Integral de Travestis e Transexuais fundado em 2009 no CRT – Centro de Referência e Treinamento de DST/Aids, São Paulo. Este referido ambulatório foi inaugurado para atender, a princípio, a saúde integral de pessoas travestis e transexuais para quem o acesso à saúde pública é bastante dificultado pelos inúmeros processos de exclusão e preconceito sofridos por esta população. Ao mesmo tempo, foi pensado modos de promover atenção específica às necessidades em saúde desta camada populacional, para quem as ofertas específicas de sua saúde nunca estiveram claramente disponíveis, dentre elas os tratamentos hormonais e recursos cirúrgicos. A participação do psicólogo dá-se no conjunto de avaliação de equipe: acompanhamento para processo cirúrgico conforme protocolo do Ministério da Saúde; avaliação e acompanhamento psicológico quando há necessidade e interesse por esse cuidado. O dispositivo de grupos tem se mostrado um recurso que aponta para sintetizar as principais questões de essência intrínsecas nas chamadas Identidades de Gênero ou Identidades Generificadas. Isso porque questões como estigma, preconceito, violência social, o exercício social e vincular do gênero; são conteúdos fortemente acionados e presentes nos vínculos, tornam-se bastante emergentes nos grupos. De

outro lado, discute-se que parte da permanência do sujeito nos processos não são necessariamente espontâneos mas obrigatoriedade de protocolo. Assim, há de se pensar o grupo como um espaço para construção de demanda.

Palavras-chave: Transexualidade; identidade de gênero; saúde pública.

Transmissão psíquica e questões de identidade na formação de profissionais para o trabalho com grupos, casais e famílias

Solange Aparecida Emílio (Universidade Anhembi Morumbi/NESME)

As questões da transmissão psíquica têm sido cada vez mais consideradas para a compreensão dos sujeitos e de sua constituição de identidade. No entanto, ela não é muito considerada quando se aborda a constituição da identidade profissional. Sabemos que a formação do profissional que trabalha com grupos, casais e famílias nas áreas da Saúde, Educação, Assistência social e Justiça exige um preparo que transcende a realização do curso de graduação (em Psicologia, Medicina, Serviço Social, Enfermagem, entre outras) e deve se manter durante toda a sua vida profissional, por meio de cursos, leituras e estudos, análise/psicoterapia, supervisões e participações em eventos científicos. Por outro lado, nem sempre o profissional que tem todo esse investimento percebe seu trabalho reconhecido como potente, pois este, principalmente nos serviços públicos, fica associado ao menor custo e conseqüentemente, menor valor. A autora deste trabalho partirá de pesquisas, práticas e estudos com o enfoque na formação destes profissionais, para abordar como os conceitos de transmissão psíquica podem ser aproveitados para lançar luz sobre alguns desafios presentes na formação daqueles que trabalham com grupos, casais e famílias. Enfocará as cargas construtivas e destrutivas transmitidas e herdadas nas instituições de formação e também os vínculos de filiação e afiliação responsáveis pela organização dos continentes psíquicos de sua identidade profissional.

Palavras-chave: Formação profissional; identidade profissional; transmissão psíquica.

LANÇAMENTOS DE LIVROS: 12:00 às 13:30.

Pré-lançamento do Livro *"Uma Introdução Psicanalítica ao Trabalho com Grupos em Instituições."* de Pablo Castanho.

Lançamento do livro: *"Psicanálise de Casal e Família: desafios clínicos e ampliações teóricas"*. De Madalena Ramos, Isabel Cristina Gomes, Maria Inês Assumpção Fernandes, Maria Lucia de Souza Campos Paiva, Ruth Blay Levisky e Silvia Brasiliano. Editora Escuta.

ARTE NO COLÓQUIO: 12:00 às 13:30

Compulsão Sonora, banda do Instituto A Casa

SEXTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2018

Tarde – 13:30 às 15:30 h.

Grupo Aberto de Reflexão 1: Desafios na Clínica de Família: "Transgeracionalidade e suas vicissitudes"

SALA: 505 (prédio 45)

- **Debatedores:** *Celia Blini (SBPSP ABPCF); Maira Bonafé Sei (UEL / ABPCF)*

O uso de mediadores na formação de psicoterapeutas de casal e família

Maira Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina)

A formação de psicoterapeutas de casal e família se configura como uma atividade complexa, que implica conhecimentos teóricos específicos e habilidade para o manejo do *setting* grupal. A partir deste cenário, objetiva-se discutir a experiência de formação de psicoterapeutas de casal e família na graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, empreendida por meio de um projeto de extensão. As atividades de formação dos psicoterapeutas incluem indicação de textos teóricos, discussão grupal de casos clínicos e realização de dinâmicas pontuais nas quais são usados mediadores como genograma, espaçoograma, linha da vida e similares. Tais propostas são também empregadas na psicoterapia de casais e famílias realizada no serviço-escola de Psicologia, com o intuito de facilitar a comunicação no *setting* terapêutico, especialmente tendo em vista a presença de pessoas em diferentes momentos do desenvolvimento emocional e cognitivo, bem como a facilitação da expressão de conteúdos inconscientes por meio destes recursos. Percebeu-se que o uso de mediadores contribuiu não apenas para o desenvolvimento da psicoterapia de casais e famílias, mas também o próprio processo de formação do psicoterapeuta, que pôde contar com produtos concretos passíveis de serem vistos e discutidos nas supervisões grupais, fomentando a compreensão dos sentidos implícitos no material clínico apresentado e a posterior discussão destes sentidos junto aos casais e famílias atendidos.

Palavras-chave: Psicoterapia psicanalítica de casal e família; uso de mediadores; formação profissional.

Grupo Aberto de Reflexão 2: Desafios na Clínica de Casal

SALA: 504 (prédio 45)

Manejo clínico em psicanálise de casal

Mauro Hegenberg (SEDES/ABPCF)

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre como lidar na prática clínica com uma das queixas mais comuns que leva os casais a procurarem a terapia: por um lado, o cônjuge reclama de falta de atenção e de cuidados ("você não me escuta, não demonstra que gosta de mim"); do outro lado, a impressão de exigências exageradas gera sensação de falta de espaço pessoal ("me deixa em paz com meu celular"). A partir de mais de mil atendimentos e estudos de caso sobre problemas conjugais e familiares, realizados pelo NAPC-Sedes Sapientiae, o autor, supervisor do NAPC desde seu início em 1999, apresenta uma proposta de manejo clínico das sessões, que possibilita ao casal se apropriar de um modelo de compreensão a respeito das queixas apresentadas acima.

Palavras-chave: Casal; psicanálise; manejo clínico.

Comunicação Temática 16: Trabalhos em Rede e Dispositivos de Grupo (Eixo: Metapsicologia do Dispositivo Clínico)

SALA: 101 (prédio 40)

MODERADOR: Elisângela Barboza Fernandes

A sustentação do trabalho em rede: análise de uma experiência

*Cláudia de Almeida Gallo (Rede), Elizabeth Sbrana (Rede), Gustavo Batagliese (Rede),
Michael Reuben (Rede) e Pedro Robles (Rede)*

Este trabalho se propõe a discorrer sobre a experiência de um grupo de psicanalistas em funcionamento há dezoito anos, a Rede de Atendimento Psicanalítico. Utilizando o conceito de Deleuze de rizoma e considerando o grupo como aparelho psíquico singular destacamos o processo vivido por este coletivo e suas respectivas estratégias desenvolvidas ao longo do tempo para lidar com suas marcas e traumas, a fim de refletir sobre a sustentação do gozo no organismo psíquico grupal. Enfatizamos também a importância da constituição e sustentação de agenciamentos coletivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Rede; processo grupal; contemporaneidade.

“Rodas de conversa”: experiência de grupo com pré-adolescentes

*Cibele Amaro Pires Rays (membro filiado da SBPSP)
Soraia Penha Bochi (Lar das Crianças, Cip)*

Este trabalho foi desenvolvido pela psicóloga da instituição Lar das Crianças e uma psicóloga voluntária e reflete a respeito da experiência de grupos com pré-adolescentes, nesta instituição, que acolhe crianças e jovens no contra-turno escolar. Os conflitos vividos por estes jovens geraram a demanda da criação deste espaço de escuta e intervenção. Os grupos são realizados quinzenalmente e neles a demanda é trabalhada dentro de um modelo que privilegia os emergentes grupais. Durante o processo de construção deste espaço de escuta, o modelo usado, o enquadre e o setting precisaram ser revistos para que a escuta e o diálogo fossem facilitados. Ao longo do tempo, levando em conta os avanços e retrocessos, os grupos puderam se tornar um espaço onde os conflitos foram vivenciados, dialogados e refletidos. Foram tratadas questões ligadas ao crescimento, como deixar de ser criança e precisar se responsabilizar por si mesmo diante de suas tarefas e diante do outro, questões ligadas à sexualidade e a aproximação entre meninos e meninas, questões ligadas à rivalidade e à agressividade, entre outras. Com isso acreditamos que se propiciou a estes jovens um espaço onde suas questões puderam ser acolhidas e onde tentou se privilegiar a conversa à atuação.

Palavras-chave: Grupos em instituição; processo grupal; adolescentes.

Violence adelphique, psychothérapie culturelle de deux frères mélanésien

Grégoire Thibouville

Doctorant en psychologie à l'Université Paris 13 – Sorbonne Paris Cité – UTRPP 4403

*Membre de la Société Française de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe
(SFPPG)*

*Vice-président de la Société Océanienne de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe
(SOPPG)*

Il s'agit de partager une expérience de psychothérapie culturelle de deux frères mélanésien dans le cadre d'un travail dans la protection de l'Enfance. Le thérapeute en situation allogène reçoit la violence adelphique durant des séances hebdomadaires d'une heure. Les frères se mettent en danger dans une destructivité menaçant leur assise narcissique réciproque en construction. Ils mettent à mal l'institution de la protection de l'enfance

qui les accueille. C'est ainsi que l'équipe mobilise le psychologue et analyste de groupe pour qu'il travaille avec eux, dans un espace intermédiaire culturel. Ce dernier permet à ces frères de mettre un terme à leur rivalité voire leur désir fratricide. Par les apports de la psychanalyse groupale et grâce aux travaux de René Kaës sur *Le complexe fraternel* (2007) entre autres, il est proposé de discuter, par le prisme d'une lecture culturelle, d'un complexe fraternel « élargi ». Il se révèle donc le moyen de (re)créer une histoire familiale et générationnelle dans un contexte ethnoculturel singulier en Nouvelle-Calédonie.

Mots-clés: Violence adelphique ; mélanésie ; psychanalyse groupale.

Comunicação Temática 17: "Marinheiro só" – laços fluidos e herança familiar (Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc)

SALA: 102 (prédio 40)

MODERADOR: Mary Yoko Okamoto

A questão identitária dos decasséguis

Mary Yoko Okamoto (Professora Assistente Doutora - Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP / Câmpus de Assis)

No movimento migratório decasségui iniciado na década de 80, os nipo-brasileiros migram para o Japão em busca de melhores salários e vida. Atualmente, seus filhos, nascidos no Japão ou migrado em idade precoce, têm frequentado as escolas públicas japonesas onde são educados na língua e cultura japonesa enquanto em casa, no geral, prevalece o idioma português e uma cultura híbrida. O objetivo da pesquisa foi compreender a constituição identitária dos decasséguis e seus filhos. Foram realizadas entrevistas com decasséguis cujos filhos frequentaram escolas japonesas e retornaram ao Brasil. A constituição identitária dos filhos está ligada ao Japão com dificuldade em aceitar o Brasil como país de origem. Apesar de sentirem-se japoneses, de acordo com as leis do país e para a população local, não são considerados japoneses, mas brasileiros. Seus pais viveram situação semelhante, uma vez que no Brasil sentiam-se e são denominados "japoneses" enquanto no Japão, brasileiros, apontando para uma experiência marcada pela *ajenidad*, com predominância do sentimento da exclusão e não da alteridade. A história da fixação das famílias japonesas no Brasil indica uma experiência traumática, uma vez que os japoneses não migraram com o objetivo de permanecer no Brasil, mas de retornar ao Japão. A educação dos filhos dos imigrantes foi marcada por uma idealização do Japão e não aceitação do Brasil e isso tem se repetido na educação dos filhos dos decasséguis.

Palavras-chave: decasséguis, identidade, *ajenidad*.

Imigrações e o brincar: possibilidades de encontros

Camila Issa (Université Paris Diderot- Paris 7), Rafael Michel Domenes (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP)

A partir da nossa prática clínica   possível afirmar que as experiências de migra o forçada provocam condi es político psicossociais delicadas. Cruzam limites de

vulnerabilidade material e afetiva. Mesmos os sujeitos que já estão mais estabelecidos a própria condição de desterritorialização, também vivem experiências restritas no que diz respeito aos espaços de trocas e pertencimento com esta nova situação. Onde está o acompanhamento terapêutico neste campo, visto que os impasses na circulação aparecem nas demandas dos sujeitos que estão nessa condição de desterritorialização? A partir de uma demanda inusitada, feita por um espaço multicultural e restaurante árabe-palestino, surgem dois pedidos: possibilitar um espaço de convivência para as crianças que frequentam o local e estabelecer uma relação com o bairro onde está localizado. Em 2017 é criado um grupo semanal, multietário e multicultural de crianças no qual o objetivo principal é trabalhar os conflitos intragrupo, comunitários, de nacionalidade, diferenças econômicas, diferenças de gênero e etc. O fio condutor deste trabalho são as brincadeiras (brasileiras e estrangeiras) que servem como uma ferramenta para articular as diferenças que estão postas. A realização desse dispositivo clínico-político permite trabalhar não só as questões de migração dentro do grupo como possibilita que as elaborações vivenciadas por ele circulem pelo território.

Palavras-chave: Imigração; infância; território.

Você é daqui? Aspectos do psiquismo familiar de famílias migrantes

Ana Laura Rabelo Araújo de Castro (Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP)

Pesquisa qualitativa sobre experiência psicológica de famílias brasileiras migrantes dentro do território nacional, cuja migração foi voluntária, visando qualidade de vida e busca de oportunidades de trabalho. Estuda influência do inconsciente familiar no ato de migrar, com propósito de investigar processos inter e intrapsíquicos. Tendo como objeto de estudo o inconsciente familiar através de suas representações, utilizou-se entrevista psicológica com cinco casais, focando a história familiar, da geração atual e anteriores, o sentido que o sujeito atribuiu à experiência de migração e mudanças sofridas por essas famílias. Os relatos foram submetidos à análise, tanto do manifesto como dos “não ditos”, visando compreender características da transformação familiar, tendo como base o *eu familiar* (Eiguer1985): Organizador Grupal do Psiquismo. Frente à consideração teórica da transmissão do psiquismo (Kaes2001, Correa2000) e à influência de conteúdos inconscientes familiares, que perpassam gerações, investigou-se indícios da presença de fatores trans ou intergeracionais influenciando na migração. Conclusões: florescimento do *sentimento de pertença*, segurança de um *habitat interior*, investimento no *ideal de ego familiar* como facilitadores da elaboração na migração. Observou-se tanto processos psíquicos trans (dinâmica defensiva paralisante do desenvolvimento familiar) quanto intergeracionais (movimento criativo integrador do psiquismo do núcleo familiar atual) envolvidos na migração.

Palavras-chave: Migração; psiquismo familiar; transmissão psíquica.

Comunicação Temática 18: À cor-da-pele: Segregação e Negação (*Eixo: Formações Culturais: Racismo, Migrações, etc*)

SALA: 103 (prédio 40)

MODERADOR: Maiara de Souza Benedito

O racismo como herança intergeracional

Maiara de Souza Benedito (Universidade de São Paulo - USP)

O presente trabalho faz parte do Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (Lapso) da Universidade de São Paulo e tem como objetivo pesquisar como a

raça e o racismo afetam a prática dos psicólogos. A partir da compreensão do histórico do ser negro no Brasil e da raça enquanto construção social questiona-se como a Psicologia pode contribuir no enfrentamento do sofrimento causado pelo racismo. A da perspectiva teórica é a da psicanálise vincular, especificamente o conceito de alianças inconscientes de Kaës. Foram entrevistadas três profissionais do campo da clínica psicológica que trabalham em dispositivos clínicos públicos e privados na região metropolitana de São Paulo a fim de identificar problemas relacionados ao racismo e analisar como são realizadas as intervenções frente a essa temática. Identificou-se aspectos comuns entre as três entrevistas. Entre os resultados encontrados, destaca-se o racismo operante como uma transmissão psíquica entre as gerações e a existência de estruturantes psíquicos, responsáveis pelo delineamento do sofrimento de ser negro. Salienta-se o valor da apropriação histórica para que os fenômenos raciais possam ser compreendidos e superados. A conclusão é de que os profissionais da Psicologia podem e devem atuar política e socialmente.

Palavras-chave: Racismo; psicologia social; alianças inconscientes.

Constituição psíquica e negritude: (re)significações poéticas em relação ao outro

Taiasmin da Motta Ohnmacht (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Luciane de Conti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A presente pesquisa (já qualificada) está sendo desenvolvida no âmbito do mestrado em psicanálise, pela mestranda junto a um sarau de poesia negra. Trata-se da escuta de um sarau de poesia de autoria negra que fez surgir a seguinte questão de pesquisa: quais possíveis posições ou articulações ocorrem ao sujeito negro marcado subjetivamente pela questão racial? A pesquisa que proponho tem por objetivo analisar o texto criativo como fenômeno discursivo, e os sujeitos e lugares que são produzidos a partir das criações poéticas construídas por autores negros dentro da dinâmica do sarau, investigando como se dá a dialética sujeito-cultura em situações em que há correntes discursivas ideológicas que procuram remeter esse sujeito a significantes últimos e analisando as potencialidades da posição de sujeito, visto ele mesmo ser constituído a partir das formas discursivas do Outro. Para a metodologia dessa pesquisa articulo psicanálise, linguagem e história, e a posição de narradora sucateira para, através da análise do sarau, compor uma outra narrativa que possibilite pensar a constituição psíquica do sujeito negro atravessada pela questão racial em sua relação ao Outro.

Palavras-chave: Sujeito-Outro; relações raciais; narrativas.

Relações raciais no campus universitário: desconstruindo pactos denegativos

Anne Egidio (PAES/UNIFESP)

Maria ^a Miranda (PAES/UNIFESP)

As ações afirmativas reparatórias, entre elas as cotas raciais, fez com que uma parcela da população (negros, indígenas, alunos de escolas públicas), até então alijados de espaços universitários comecem a circular por eles. Esses encontros tem revelado uma face até então pouco explícita de tensões presentes na sociedade brasileira, que sempre se viu com os olhos da democracia racial. A presença desses alunos nas universidades públicas ou aquelas consideradas de ponta, tem nos brindado com situações de racismo em vários momentos. Acompanhando direta e indiretamente situações de racismo em algumas universidades, que culminaram em tentativas de suicídio e suicídio de alunos negros, nos demos conta que algo precisaria ser feito. Assim, nos inserimos em um programa de uma universidade pública em São Paulo que tem, dentre seus objetivos,

pesquisar os Efeitos do Racismo na Saúde Física e Mental. Vimos aí uma oportunidade de abordarmos as relações raciais no campus universitário. O grupo de estudantes é composto por estudantes de diferentes graduações. Propiciar um lugar para falar, pensar, refletir, elaborar, ressignificar e agir, criando um espaço psíquico onde a solidão e o silenciamento perdem espaço a cada encontro. O dispositivo grupal, com frequência semanal de uma hora, coordenado por duas psicanalistas e uma estagiária, por vezes utilizando fotos, como objetos mediadores que favoreçam a nomeação de afetos e por vezes aplacam ansiedades. O grupo tem sido um espaço que favorece encontros, formação de alianças e elaboração de estratégias de enfrentamento ao racismo no interior da universidade e fora dela.

Palavras-chave: Racismo; discriminação racial; grupo.

Comunicação Temática 19: A Família na Contemporaneidade (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 104 (prédio 40)

MODERADOR: Valéria Cecília Dorado Lisondo

A família no século XXI

Celia Klouri (Grupo de leitura e pesquisa As novas configurações familiares, do Departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae), Marília Oliveira E Telles (Grupo de leitura e pesquisa As novas configurações familiares, do Departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae), Therezinha Prado de Andrade Gomes (Grupo de leitura e pesquisa As novas configurações familiares, do Departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae)

Nas últimas décadas, assistimos a profundas alterações no desenho familiar. Com o aumento dos divórcios surgiram as famílias reconstituídas e atualmente a legalização de famílias homoafetivas, monoparentais e multiparentais. O presente trabalho, buscou na literatura psicanalítica sobre a família, sobre a homo e a transexualidade; em artigos da área do Direito de Família, em textos de jornais e da web, compreender as transformações na concepção de família e na educação dos filhos, ao longo da história. Ao final desses estudos, constatamos que a família se encontra hoje, entre dois movimentos opostos: de um lado, os ideais da cultura de liberação sexual e dos costumes; de outro, a tentativa de retorno ao modelo tradicional.

Cabe a nós, psicanalistas, nos distanciarmos da beligerância e dos antagonismos que marcam as atuais posições. A família do futuro está sendo reinventada e a psicanálise não deve se furtar ao confronto com o novo. Deve redirecionar suas coordenadas de pensamento para estar à altura da subjetividade de seu tempo, como escreveu Lacan.

Palavras-chave: Família; novas configurações familiares; psicanálise.

Família acolhedora: um espaço de promoção do desenvolvimento infantil e da ação política

Tatiana Bacic Olic (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

A forma como a família é vista e vivida vem se modificando nos últimos anos, o que impossibilita identificá-la com um modelo único e ideal. Apesar das mudanças de papel que vem sofrendo ao longo dos tempos, ela ainda continua sendo o lugar privilegiado de socialização, cuidado e exercício da cidadania. Nela que vivemos os primeiros laços de afeto, cuidado e sentimento de proteção, principalmente no período da infância e adolescência. É ela que aproxima e insere a criança nos valores, normas e regras sociais.

Portanto, a partir deste papel central na formação do indivíduo, é fundamental para o bom desenvolvimento da criança e do adolescente, que possam crescer em um ambiente familiar. Sendo assim, pretendo analisar como a família acolhedora entende que é o seu papel na manutenção do ambiente familiar, e como este pode favorecer a retomada do processo de amadurecimento e desenvolvimento da criança que precisa ser afastada do convívio com sua família. O exercício que pretendo fazer neste trabalho é um diálogo entre a teoria Winnicottiana, a assistência social e a política pública, buscando assim auxiliar na discussão da importância do ambiente para a promoção do desenvolvimento infantil e na prevenção de problemas futuros. Para isso, irei entrevistar as famílias do Programa Família Acolhedora do Instituto Fazendo História e, a partir da análise tecer esta linha entre a teoria, a importância do ambiente familiar e a ação política, auxiliando a implantação da política pública de proteção, com o compartilhamento de responsabilidade entre o Estado, família e sociedade na efetivação do direito a convivência familiar e comunitária.

Palavras-chave: Família acolhedora; Winnicott; política pública.

Considerações acerca do conceito de identificação projetiva no trabalho clínico com famílias

Rebeca Silva Paes (Instituto Sedes Sapientiae)

O objetivo desse trabalho é destacar a importância do conceito de Identificação Projetiva em sua aplicação no setting analítico. Para tanto, foi realizado um breve resgate histórico do conceito de Identificação Projetiva, cunhado por Melanie Klein, para posteriormente cotejar com as releituras realizadas por Bion e comentadores. Em seguida, iremos nos servir de um trabalho clínico realizado com uma família atendida pelo projeto NAPC (Núcleo de Atendimento e Pesquisa da Conjugalidade e da Família) na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae (ISS – São Paulo, Brasil), que nos permitiu verificar a aplicação de tal conceito enquanto um importante norteador das intervenções realizadas, bem como um fator de comunicação entre o analista e o paciente.

Palavras-chave: Identificação projetiva; setting analítico; psicanálise de famílias.

Grupo de uma família empresária: interrogações sobre transmissão – ressonâncias com a psicanálise

Valéria Cecília Dorado Lisondo (NESME)

O presente trabalho deriva da experiência com processos grupais em contextos de Empresas Familiares. Esse é um campo de complexos entrelaçamentos uma vez que a instituição da Família se plasma com a instituição da Empresa bem como a instituição de um dado Patrimônio (um bem; uma herança). A partir da discussão de um caso, foram tecidas interrogações sobre a questão da Transmissão e a possibilidade de criação, autoria.

Palavras-chave: Empresa-familiar; transmissão; processos-grupais.

Comunicação Temática 20: Famílias e Processos de Filiação (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 105 (prédio 40)

MODERADOR: Susette Figueiredo Bacchareti

Oficinas temáticas com adolescentes

Sandra R. de Almeida Lopes (Universidade Presbiteriana Mackenzie), Susete Figueiredo Bacchereti (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Trata-se de uma proposta de intervenção grupal, de natureza preventiva e psicossocial, que tem como objetivos promover um espaço de reflexão e discussão sobre assuntos pertinentes ao momento em que os jovens se encontram de maneira a potencializar a troca de experiências, a expressão de dúvidas e angústias, contribuindo para um processo de desenvolvimento saudável e criativo. Foram propostos 08 encontros, semanais, de 1:30h de duração. Os encontros aconteceram a partir de disparadores temáticos propostos pelos coordenadores e também pelos próprios participantes. O programa foi realizado nas dependências do serviço-escola como também nos espaços das escolas conveniadas. Em umas das experiências aconteceram dois grupos simultâneos; um de jovens e outro de seus responsáveis conduzidos por estagiários do último ano do curso de psicologia. Foram propostos módulos que se desdobraram em temas e subtemas, que abordaram questões da adolescência. Os encontros promoveram uma maior integração e identificação entre os jovens, possibilitando abertura para o compartilhamento de experiências, além de menor resistência em abordar assuntos de relevância para este momento do desenvolvimento. Para os pais ou responsáveis permitiu a aproximação e compreensão das particularidades da adolescência. Palavras-chave: Adolescência; grupo; saúde.

Grupo multifamílias no processo psicodiagnóstico interventivo de crianças em idade escolar

Maria Luiza Dias Garcia

Coordenadora dos cursos de Especialização do Instituto LAÇOS e Supervisora na Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP.

O presente trabalho apresenta uma modalidade de atendimento de famílias em grupo com o objetivo de realizar psicodiagnóstico interventivo de crianças. A prática psicodiagnóstica tradicional inclui entrevistas com os responsáveis, geralmente, os pais, e sessões diagnósticas com a criança, para sua observação em atividade lúdica, aplicação de testes psicológicos adequados à idade e condições específicas. Este trabalho relata a experiência em uma Clínica-Escola, apresentando uma modalidade diferente de atuação em psicodiagnóstico interventivo, no qual foram incluídos familiares ou responsáveis pela criança no processo, sustentado por uma abordagem teórica que incluiu conceitos e práticas psicanalíticas e um olhar sistêmico para os processos grupais. O atendimento dura 60 minutos e ocorre com o grupo de pais e/ou responsáveis, ou com o grupo de crianças, ou com todos os familiares presentes. Busca-se uma compreensão conjunta do fenômeno que se quer entender, por via do atendimento grupal e participativo como potencializador de novas significações. O uso de técnicas de mediação em Psicanálise favoreceu a investigação e elucidação de questões relacionadas às questões-problemas trazidas por estas famílias. Conclui-se que a prática de avaliação psicológica e a intervenção psicoterápica são indissociáveis, já que mudanças intra e intersubjetivas são processadas no psicodiagnóstico, por intermédio da atividade grupal.

Palavras-chave: Grupo multifamílias; psicodiagnóstico interventivo; mediação.

Famílias com patologias nos vínculos e o conceito de intermediário: um relato clínico

Marjorie El Khouri Gaspar (IPUSP) e Isabel Cristina Gomes (IPUSP)

Segundo Kaës (2005), as patologias dos vínculos intersubjetivos são patologias dos processos intermediários, que remetem a dificuldades em relação à constituição dos limites internos e externos do aparelho psíquico. A função intermediária diz respeito a uma necessidade ou possibilidade de estabelecer ou restabelecer uma continuidade entre elementos que estão separados, como o dentro e o fora, ou o eu e o outro. O ego teria uma função intermediária, instância de regulação, de adaptação e de defesa. A linguagem, o sonho e o sintoma também podem ser considerados como tendo funções intermediárias. Se nas famílias com patologias nos vínculos intersubjetivos, os processos que propiciam o "entre" estão prejudicados, questiona-se como favorecer para que seja possível nas sessões analíticas tanto as trocas entre os membros familiares, quanto o estabelecimento do vínculo com o terapeuta. A partir da noção de intermediário de Kaës pretende-se discutir estratégias terapêuticas com essas famílias. Para tanto, será utilizado o relato do atendimento vincular de uma família em uma clínica escola, com o foco nas estratégias clínicas utilizadas. O setting flexível, a construção de histórias, o uso de jogos, foram alguns recursos utilizados para facilitar o "entre" nas sessões. Se a forma de se relacionar nessa família era uma ameaça aos vínculos, com frequentes ataques, algumas estratégias foram adotadas para possibilitar um fazer conjunto nas sessões.

Palavras-chave: Psicanálise de família; vínculo terapêutico; intersubjetividade.

Análise de três famílias atendidas no serviço PAEFI (CREAS), à luz da teoria de Pierre Benghozi

Alexandre Moreira de Souza (Prefeitura do Município de Jundiaí – SP)

No serviço de acompanhamento familiar PAEFI de um CREAS muitos casos se apresentam como extremamente desafiadores ou de difícil resolubilidade. A Psicanálise dos Laços Sociais, particularmente a partir das contribuições de P. Benghozi, mostra-se como um caminho para a compreensão e a construção do atendimento aos casos complexos. O objetivo principal desta apresentação é o de refletir sobre a pertinência das contribuições da Psicanálise dos Laços Sociais para o trabalho PAEFI. Um objetivo secundário é o de pensar essa psicanálise em relação ao trabalho da Assistência Social, de forma mais ampla. Como metodologia, além de uma breve contextualização inicial, foi feita uma reflexão sobre três famílias em atendimento há anos no CREAS do município de Jundiaí. Um caso de família envolvendo incesto, violência doméstica, acolhimentos institucionais, evasão escolar e negligência; um caso de obesidade mórbida por parte da mãe e negligências para com os filhos; e um caso de violência doméstica, evasão escolar, drogadição, situação de rua. Foi analisada a configuração familiar, o percurso do acompanhamento realizado e o histórico familiar. Observou-se dificuldades na tessitura dos laços familiares, na malhagem familiar, o que se relaciona às psicopatologias do vazio. Entende-se haver um paralelo entre a propositura de uma clínica do continente e um trabalho PAEFI, particularmente no sentido da remalhagem familiar e da co-construção de novos continentes narrativos familiares.

Palavras-chave: Malhagem; PAEFI/CREAS; laço social.

Comunicação Temática 21: Acolhimento Institucional (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 106 (prédio 40)

MODERADOR: Roberta Andrea de Oliveira

O visível e o inaudível nas famílias de crianças e adolescentes em acolhimento institucional

Ana Raquel Bueno Moraes Ribeiro - Psicanalista, Instituto Fazendo História, Grupo de leitura e pesquisa As novas configurações familiares do Departamento de Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae

Maria Cristina Petry Barros Martinha - Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde integra o Grupo de leitura e pesquisa As novas configurações familiares

A identidade atribuída às famílias de crianças e adolescentes que vivem nos serviços de acolhimento aparece, recorrentemente, marcada por atributos como negligente, violenta, desestruturada. Tal discurso aprisiona famílias e serviços em um sintoma institucional que paralisa o aparecimento de novas posições subjetivas, essencial ao retorno para a vida em família. Esse trabalho examina o papel da escuta psicanalítica na transformação desse contexto, tendo como base o trabalho desenvolvido há mais de treze anos pelo Instituto Fazendo História no atendimento a crianças, adolescentes e familiares com vivências de acolhimento institucional. A partir de vinhetas de relatos de algumas dessas experiências, o trabalho apresenta como a escuta psicanalítica pode contribuir para a mudança na forma de atuação das equipes dos serviços de acolhimento e conseqüentemente do curso da história de pais e filhos, nas famílias biológicas e adotivas.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional; família; escuta psicanalítica.

Quando o não lugar é o endereço - Intervenção em grupos com pessoas em situação de rua

Neuzi Barbarini; Kassillin Coelho; Luiza Cozer; Sabrina Vega

Comunicação Temática 22: Intervenções em Instituições (Família e Educação) (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 502 (prédio 45)

MODERADOR: Osvaldo Cardoso de Santana Filho

Os contos de fadas na escola: intervenções grupais com professores

Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e Larissa Santos Gomes (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Há tempos os Contos de Fadas se fazem presentes na vida infantil, presença essa que transcende o aparato tecnológico que a atual conjuntura nos impõe. Nesse sentido, a razão pela qual os Contos antigos se mantêm populares até hoje, pode estar relacionada à influência que exercem no imaginário dos que têm o privilégio de mergulharem em seu mundo fantástico. Em contrapartida, essa influência poderá ser significativa, à medida que tais histórias forem propagadas por aqueles que permeiam a vida das crianças, e para que isso ocorra de forma natural, é importante que também os educadores compreendam os benefícios que os Contos tendem a produzir, para além do campo pedagógico. O trabalho objetiva investigar qual o valor atribuído aos Contos de Fadas por professores da Educação Infantil de uma escola do município de Paranaíba-MS. O estudo se trata de uma pesquisa de campo qualitativa, que utilizará como instrumento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com professores, sendo a análise dos dados realizada com base no referencial teórico psicanalítico. Após, serão

feitas intervenções grupais e rodas de conversas, a fim de explorar a importância dos Contos para além do seu valor pedagógico, explorando suas várias formas aplicáveis para o fortalecimento dos vínculos intersubjetivos e do desenvolvimento emocional infantil. Espera-se contribuir tanto com os educadores, quanto com os alunos, para que o contato com essas histórias possibilite um meio de expansão da subjetividade.

Palavras-chave: Contos de fadas; psicanálise; educação infantil.

Nós e os grupos de discussão

Oswaldo C. Santana Filho (CAPS III Largo Treze) e Solange A. Emílio (Un. Anhembi Morumbi/NESME)

A etimologia da palavra grupo procede do italiano *gruppo*, que, por sua vez, origina-se do alemão *kruppa*. O *gruppo* escultórico é uma forma artística própria do Renascimento: tem volume, estando o conjunto separado dos muros dos prédios, é se possível caminhar ao seu redor, pois toma corpo único, nó, massa, grão. Essa massa, esse nó inscreve um dentro e um fora, inscreve uma superfície, uma pele, uma superfície de transição. Essa massa, *gruppo* nos remete ao grão, à semente, ao testículo, como massas de criatividade. Sabemos que as sementes dependem do contato externo com a água e com a terra para sua expressão. Este trabalho parte dessa metáfora para apresentar uma articulação teórico-prática, a partir da experiência dos grupos psicanalíticos de discussão que temos feito mensalmente nos encontros do NESME e a cada dois anos em nossos congressos. Consideramos tais grupos, que são inspirados nos Grupos Operativos, como espaços de compartilhamento horizontal de ideias e de saberes, que promovem a construção coletiva de conhecimento, fundamental ao profissional que trabalha com grupos. Tratam do que permite a transformação da ordem monocular para a poliocular. Objetiva-se, com este trabalho, refletir sobre o compromisso com a integração entre pensar, sentir, produzir, criar, procriar. Para isso, abordaremos, a partir da articulação entre teoria e prática, os nós (em todas as conotações que a palavra abarca) que são decorrentes do que é proporcionado pelos e vivenciados nos grupos psicanalíticos de discussão.

Palavras-chave: Grupos de discussão; formação profissional; grupos operativos.

Grupoterapia com estudantes universitários: espaço para diversidade, estranhamento e intimidade

Renata Marques Rêgo Miranda, Psicóloga Clínica – Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante, Universidade Estadual de Campinas (Sappe/Unicamp)

Trabalhar com grupos requer mudança de perspectiva na escuta psicanalítica, passando do individual ao vincular e considerando uma complexa rede de transferências e interferências entre dois ou mais sujeitos, entre duas ou mais realidades internas e externas. O trabalho discute o oferecimento de grupoterapia a estudantes universitários de uma universidade pública, abordando particularidades da escuta psicanalítica institucional e características do contexto universitário, onde, não raro, um universo de diversidades é vivido solitariamente e sem interlocução. Os grupos virtuais são tomados no texto como metáfora do paradoxo entre aproximações e superficialidade e são diferenciados da experiência de intimidade vivida por universitários em psicoterapia de grupo. O enquadre grupal inclui o manejo do tempo, de modo que os pacientes podem permanecer em grupoterapia durante um ano. A delimitação clara do tempo de permanência dos pacientes no grupo permite viver, individual e coletivamente, as articulações entre presente, passado e futuro. A aproximação com o término da grupoterapia e com os ciclos da vida universitária oportuniza trabalhar angústias de

separação, perdas, lutos, transformações e a apropriação de recursos. Uma ilustração clínica mostra um grupo que se aproximou, inicialmente, incentivado por identificações e angústias e pôde desenvolver, ao longo do processo, relações mais íntimas, usando o espaço grupal como continente para realizar diferenciações, reduzir a força de idealizações, repetições e de alianças inconscientes.

Palavras-chave: Grupoterapia; estudantes universitários; escuta psicanalítica institucional.

Comunicação Temática 23: Adolescência em foco (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 501 (prédio 45)

MODERADOR: Emilia Estivalet Broide

Adolescentes de fibra: a escuta na transição

Maria Augusta Durães Trindade (HUJBB/UFPA); Jéssica Lana Farias Nunes (HUJBB/UFPA)

O trabalho relata a experiência de investigação e intervenção do Psicólogo Clínico na Instituição hospitalar com pacientes que vivenciam a transição da adolescência em meio a um tratamento para Fibrose Cística (FC), no Ambulatório do Programa de Assistência Multiprofissional a pacientes com FC do Pará. Tal doença tem herança autossômica recessiva mais frequente na população de ascendência europeia, cursa com evolução letal caracterizada por lesões sistemáticas de glândulas exócrinas, mas é a gravidade da doença pulmonar a maior responsável pela morbimortalidade. Quando o diagnóstico é tardio e o perfil da doença é grave desde o início, há maior dificuldade para estabilizá-la e manter certa regularidade no controle dos sintomas. A escuta dos adolescentes desvela uma rotina que o tratamento impõe que lhes cumula de dor, angústia, sofrimento, incompreensão; além de, mudanças severas nas suas vidas e na de seus familiares que contribuem para que o adolescente interrompa o tratamento médico prescrito para a FC. Neste sentido, objetiva-se compreender os diferentes sentidos para a interrupção do tratamento ao identificar fatores que dificultam o cuidado à saúde. Pretende-se ainda, produzir conhecimento teórico-prático e metodológico que amplie um saber acerca do método clínico no espaço hospitalar voltado para adolescentes, a fim de criar estratégias para o enfrentamento da problemática da interrupção de tratamento.

Palavras-chave: Adolescente; fibrose cística; escuta.

Grupos terapêuticos: estratégia central na vinculação e tratamento de adolescentes difíceis

Bruno Esposito (CRIA/UNIFESP)

Natália Cruz Rufino (CRIA/UNIFESP)

Este trabalho discute uma estratégia clínico-institucional adotada pela equipe do Centro de Referência da Infância e da Adolescência (CRIA/UNIFESP) visando melhorar a aderência ao tratamento de adolescentes particularmente difíceis, especialmente aqueles com histórico de tentativa de suicídio e automutilação. A literatura mostra que esses adolescentes e seus familiares compõem pouco aos tratamentos convencionais e costumam desistir com facilidade. Como a incidência desses casos vem aumentando significativamente, buscam-se meios de incidir sobre esse sofrimento e promover vínculo institucional. Nossa equipe constatou gradualmente que a proposta de grupo terapêutico tinha ampla receptividade desses jovens e que, quanto antes eles eram inseridos em um grupo, mais promissora era a relação que estabeleciam com a

instituição. Através da articulação entre situações clínicas no cotidiano institucional dos adolescentes e aportes da literatura psicanalítica de grupo, busca-se neste trabalho fundamentar o lugar do grupo terapêutico como eixo central do tratamento desde o início; busca-se também compreender quais são os aspectos do *setting* e da transferência grupal que favorecem um melhor andamento desses casos, especialmente se compararmos com modalidades de tratamento ambulatoriais individuais, como aqueles centrados na conduta médica e farmacológica.

Palavras-chave: Grupos terapêuticos de adolescentes; tentativa de suicídio e automutilação na adolescência; aderência ao tratamento.

A violência psicológica em grupo de jovens casais

Jurandir Santos (Universidade Metodista)

A violência contra jovens tem sido alvo de diversos estudos e ações, no entanto, quando se trata da psicológica, modalidade difícil de ser identificada, embora possa causar séria fragilização do Ego, há escassez de publicações sobre o tema, o que se comprova com apenas 793 artigos publicados mundialmente. Portanto, o presente estudo tem o objetivo de explorar e tentar responder as questões: o que ocasiona comportamentos de violência psicológica em grupo de jovens casais e como se dá a naturalização dessas formas sutis, mas perversas de violência. A pesquisa é tema de doutorado e foi realizada com 650 alunos, de ambos os sexos, com idade entre 14 a 23 anos, de sete unidades de uma instituição em diferentes cidades do Estado de São Paulo, por meio do *Questionário de Maus Tratos Psicológicos* (QMP), através de uma escala LikeRt, com cinco pontos, com variação dos critérios: “discordo muito” a “concordo muito”. O QMP é composto de sete fatores (desvalorização, humilhação, indiferença, intimidação, imposição de condutas, culpabilização e bondade aparente) e 23 subfatores. Para cada subfator foram criados quatro itens, que deram origem ao QMP. Os dados estão sendo tratados e analisados em um sistema estatístico aplicado às Ciências Sociais. Também será aplicado o Coeficiente Alpha de Confiabilidade. As informações coletadas nos permitirão realizar uma série de correlações e, conseqüentemente, propor meios de conscientização e prevenção da violência psicológica junto ao público jovem.

Palavras-chave: Violência psicológica; jovens; casais.

Da suspeita à confiança: o discurso analítico como operador das práticas grupais com adolescentes em conflito com a lei

Emilia Estivalet Broide, APPOA e Laboratório de Psicanálise e Sociedade IP-USP,

Fernanda Ghiringhello Sato, mestranda em Psicologia Clínica no IP USP

Carina Ferreira Guedes, Mestre em psicologia social (IP USP)

Abordamos a complexidade dos processos institucionais em serviços de medida socioeducativas em meio aberto e indagamos sobre as condições necessárias para a transferência no dispositivo psicanalítico de grupo junto aos adolescentes em conflito com a lei. A partir da experiência de um ano em um projeto piloto para criação de metodologias inovadoras de atendimento socioeducativo, a equipe de técnicos do serviço, bem como a instituição na qual estava inserido, teve que adotar mudanças significativas nos fluxos de atendimento, fortalecer as redes locais de atenção à infância e à juventude, ampliar o trabalho com grupos no serviço, incluir-se no território dos jovens e realizar ações promovendo a circulação deles pela cidade. Para que essas transformações se tornassem possíveis foi fundamental o trabalho a partir das relações transferenciais presentes na dinâmica do serviço de medidas, do serviço com a instituição e, principalmente, e no vínculo do jovem com o técnico responsável pela

aplicação da medida socioeducativa. A abordagem da transferência no trabalho com grupos tem se mostrado um operador importante na medida que coloca em questão o lugar do enunciado e da enunciação, do dito e do dizer, do saber e da verdade, revelando o tipo de laço social, apoiados na formulação de Lacan sobre os discursos, no qual se está imerso e quais os giros discursivos necessários para por em relevo o discurso analítico no dispositivo grupal. Neste trabalho optamos por percorrer a passagem da suspeita à confiança que vetoriza a direção do atendimento e possibilitou apreender a posição das figuras da diferença, do grupo à instituição.

Palavras-chave: Confiança; grupos na instituição; medidas socioeducativas.

Comunicação Temática 24: Atravessamentos Psicossociais e Institucionais e Novas Configurações Vinculares (*Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família*)

SALA: 503 (prédio 45)

MODERADOR: Maria Inês Assumpção Fernandes; Rosa Jaitin; Ruth Levisky

Interfaces entre família e escola na contemporaneidade

Adriana Elisabeth Dias (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Colégio Oswald de Andrade)

Vivemos uma época de rápidas e profundas mudanças que convocam Escola e Família ao diálogo sobre a educação de crianças e adolescentes. O convite à parceria, indispensável para a realização dessa impossível tarefa, nas palavras de Freud, tem gerado conflitos e críticas de uma à outra, indiscriminando, muitas vezes, o que seria de responsabilidade da esfera pública e da esfera privada. O presente trabalho problematiza, na perspectiva psicanalítica, a complexidade dessas duas instituições sociais, relacionando aspectos sociais e históricos às formas de subjetivação na contemporaneidade. A leitura psicanalítica presente, portanto, é fruto de uma revisão bibliográfica sobre as temáticas problematizadas e da escuta de atendimentos no consultório e na escola. Por meio dela, evidencia-se o lugar ocupado pelos adultos numa sociedade em que impera o desejo de gratificação narcísica e, conseqüentemente, uma infantilização dos sujeitos, exigindo um reposicionamento das instituições de educação e dos adultos que nela atuam.

Palavras-chave: Escola; família; psicanálise.

Novas gerações, novas formas de se vincular? A tecnologia da informação e da comunicação e o vínculo de avós e netos na contemporaneidade

*Beatriz Rall Daró (Universidade de São Paulo – USP), Isabel Cristina Gomes (USP)
Bolsa FAPESP sob número do processo: 2016/13849-2*

A contemporaneidade passa por inúmeras transformações, que se fazem sentir nos níveis individual, familiar e social. O surgimento das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICs) foi um dos fatores que tem contribuído para tais transformações e causado uma série de mudanças subjetivas para o ser humano. Dentre as suas influências, interessa pensar se e como a tecnologia incide não simplesmente sobre gerações distantes no tempo, como avós e netos, como também sobre o vínculo que se estabelece entre elas. A partir do método clínico-qualitativo e do método de estudo de caso e à luz do aporte da psicanálise vincular, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro duplas de avós e netos que utilizassem a TIC entre si, a fim de compreender como esse tipo de vínculo, marcado por um laço de parentesco, poderia estar sendo afetado pelas novas tecnologias, na atualidade. Encontrou-se que cada dupla

tinha diferentes modos de se relacionar por meio da tecnologia e que tais modos condiziam com certos aspectos de sua dinâmica de funcionamento psíquico individual ou vincular. Entretanto, também se constataram alguns tópicos em comum entre determinadas duplas, como, por exemplo, um “efeito paradoxal” gerado pelo contato virtual, uma vez que ele permitia aproximar apesar da distância, mas também distanciava os avós dos netos quando a dupla estava próxima, devido ao uso excessivo da TIC feito por estes últimos, que então passavam a dedicar menos atenção àqueles.
Palavras-chave: Avós; netos; TIC.

Groupalité familiale, GPA et enjeux de la différence

Claudine Veuillet-Combiér (Université d'Angers-France)

Dans l'actualité mondiale, de nombreux pays discriminent encore les personnes homosexuelles. En France, ce n'est que depuis 2013 que la loi autorise le mariage pour tous. Dans le cadre d'un dispositif clinique de recherche nous avons rencontré des enfants nés en famille homoparentale, via la gestation pour autrui. Qu'en est-il dans ce contexte, des liens organisant la groupalité familiale et sur un plan autant intersubjectif que transpsychique, quel est le rapport entretenu avec la différence ? Pour répondre à cette question, nous allons nous appuyer sur le programme de recherche nationale appelée DEVHOM (développement et socialisation des enfants en famille homoparentale). L'étude présente un volet quantitatif et qualitatif, c'est dans le cadre de ce dernier que nous présenterons une situation clinique. La méthodologie de recherche prend appui sur l'observation clinique (entretien, libre réalisation de l'arbre généalogique, dessin imaginaire de la famille, CAT). A partir de l'analyse des données recueillies nous mettrons en évidence, comment les enjeux du « faire famille » sont singuliers et engageant les places imaginaires et symboliques attribuées à chacun dans un contexte convoquant l'interfantasmatisation et le travail de subjectivation des liens.
Mots-clés: Groupalité familiale; homoparentalité; gestation pour autrui.

Tiers donneur et différences représentatives dans la dynamique conjugo-parentale des couples lesbiens

Emmanuel Gratton, MCF en psychologie clinique sociale, psychosociologue, LPPL-EA 4638, BePsyLab, Université d'Angers.

Le présent travail s'inscrit dans une recherche DEVHOM (fonctionnement des familles homoparentales, développement et socialisation des enfants) conduite en France. Il porte sur un recueil de données quantitatives (environ 150 familles) et qualitatives, socio-anthropologiques (37 familles) et cliniques (20 familles). Cette communication propose une perspective socio-clinique (entretien avec le couple, libre réalisation de l'arbre généalogique, entretien et médiations avec l'enfant) ayant pour objectif de mettre en évidence le poids des représentations héritées et acquises au cours de leur histoire et la négociation des places opérée au sein du couple dans les modes d'accès à la parentalité. L'étude s'appuie sur trois situations de couples lesbiens avec un enfant nés en 2011 suite à une Insémination Avec Donneurs, deux ans avant la loi française de 2013 permettant le mariage et l'adoption pour les couples de même sexe. Les trois couples lesbiens présentent des caractéristiques communes : une mère biologique ayant eu recours à une insémination, un mariage suite à la loi de 2013, une mère qui a adopté alors l'enfant de sa conjointe. Elles présentent aussi des différences notoires, notamment quant au positionnement des deux femmes vis à vis de l'enfant (position symétrique ou différenciée) et quant au recours à un tiers donneur, connu, potentiellement connu à la majorité de l'enfant ou inconnu. Dans ce contexte, nous proposons d'étudier la

dynamique des différences représentatives attachées aux places imaginaires et symboliques accordées au tiers donneur et ses effets sur le groupe-famille, dans sa dimension conjugale, dans sa dimension filiale et au niveau de la famille élargie. L'analyse des trois situations met en évidence les effets d'une représentation du lien de filiation, plus référencée au modèle biologique ou au modèle électif selon la famille d'origine et l'histoire de chacune des femmes. Elle fait apparaître une négociation des écarts entre ces deux représentations au fil du temps se traduisant par les choix familiaux et les positionnements parentaux mis en œuvre.

Mots-clés : Familles lesbiennes ; recours à un tiers donneur ; places imaginaires et symboliques.

Oficina Vivencial 6: Orientação Profissional para grupos em contexto educacional
(Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 506 (prédio 45)

- **Organizadores:** *Guilherme de Oliveira Silva Fonçatti; Maria da Conceição Coropos Uvaldo; Omar Calazans Pereira*

Oficina de orientação profissional em escolas

Guilherme Fonçatti (Universidade de São Paulo), Omar Calazans (Universidade de São Paulo), Maria da Conceição Uvaldo (Universidade de São Paulo)

A oficina vivencial é uma ferramenta importante para trabalhar questões de Orientação Profissional no ambiente escolar, uma vez que este é um espaço privilegiado tanto para a temática da orientação profissional e mundo do trabalho, quanto para processos feitos em grupo, uma vez que as intervenções mais adequadas neste espaço ocorrem em sala de aula e com turmas pré- estabelecidas. O objetivo dessa oficina é instrumentar vivencialmente e, posteriormente teoricamente, professores, psicólogos, pedagogos e demais profissionais que trabalham em escolas ou instituições educacionais como organizações não governamentais de jornada educacional estendida e cursinhos pré-vestibulares. A metodologia da oficina é baseada no grupo operativo de Pichón-Riviere, onde se estabelece uma tarefa e os coordenadores se utilizam de intermediários e leitura grupal para facilitar o caminho até a realização da tarefa. Esta, dentro dessa temática, refere-se às questões sobre a escolha profissional, critérios para a escolha, autoconhecimento, informação profissional e do mundo do trabalho, e elaboração de um projeto de vida. O número adequado de participantes para esta oficina é de no mínimo 4 e no máximo 25 participantes. Ao final, espera-se que os participantes compreendam vivencialmente o modelo de oficina enquanto uma ferramenta para ser utilizada em trabalhos no ambiente escolar, além de compreenderem as bases teóricas que sustentam esse modelo.

Palavras-chave: Orientação profissional; escola; oficina.

Oficina Vivencial 7: O Estranho nos Vínculos (Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família)

SALA: 507 (prédio 45)

- **Organizadores:** *Lisette Weissmann; Ana Hoffman; Magdalena Ramos; Nelson Gottlieb*

O estranho nos vínculos

Ana B. Hoffman (ABPCF, SBPSP), Magdalena Ramos (ABPCF, Sedes Sapientiae), Nelson Gottlieb (AUPCV, APU) e Lisette Weissmann (ABPCF, Sedes Sapientiae)

Nossa proposta é mostrar como nos vínculos de família e casal aparece o desconhecido de cada um de seus membros, assim como o novo, o ominoso e também aquilo que é alheio do próprio vínculo. Muitas opções se abrem quando se rompe o círculo da repetição deixando entrar a novidade e o azar vincular. Na convivência familiar são frequentes as brigas provocadas pelas conhecidas frases, tipo: “te conheço desde que você nasceu”, “já sei como você pensa”, “conheço tua opinião”.

Tomando por base estas frases, interpretam equivocadamente vários comportamentos. Impedindo que surjam novas formas de se relacionar, bloqueando a percepção da singularidade de cada um dos membros que se evidencia diante de cada encontro. A metodologia da oficina começa com uma curta apresentação teórica seguida de três vinhetas clínicas que evocam questões sobre o desconhecido e estranho que surge nos vínculos, na cultura, nas famílias e nos casais. Propomos as vinhetas para abrir a discussão e intervenção do público presente. Para podermos reconhecer a novidade que o outro nos apresenta, teremos que nos abrir e criar um certo espaço que geralmente é mobilizador e angustiante, por conta disto preferimos frequentemente prever e imaginar a atitude do outro. Perdendo muitas vezes a oportunidade de encontrar algo novo e inimaginável que a imprevisibilidade de cada ser nos apresenta permanentemente.

Palavras-chave: Estranho; vínculos; novo.

Sessão de Pôsteres 2:

SALA: 508 (prédio 45)

COORDENADORES: Rose Pompeu de Toledo (NESME/SEDES); Amaury Tadeu Rufatto (NESME)

Título	Autores
Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família	
14. Cuidando do adolescente na Clínica Escola	Maria Augusta Durães Trindade; Anniely Freitas
15. Efeito dos encontros e desencontros na história da loucura e do hospital	Thais da Silva Pereira; Maria Livia Tourinho Moretto
16. Configurações familiares na contemporaneidade: paradoxos da conjugalidade de casais homoafetivos femininos.	Marina Roquette Lopreato
17. Os encontros terminam em jogo: o processo de devolutiva em grupo	Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes; Letícia Michele Stencel; Bianca Oliveira de Macedo; Valeria Barbieri
18. Violência e Transgeracionalidade - O abuso ao longo das gerações.	Hellen Lima Buriolla; Maira Bonafé Sei
19. Contribuições da família na adesão ao tratamento de crianças com Fibrose Cística em Belém do Pará.	Jéssica Lana Farias Nunes; Maria Augusta Durães Trindade; Anniely Freitas Ribeiro
20. Principais fatores de insatisfação e conflito nos casamentos de longa duração	Suzana Oliveira Campos; Fabio Scorsolini-Comin
21. Grupo de apoio com acompanhantes de pacientes hospitalizados	Janaína Vilela Oliveira; Liliana Scatena

22. Grupos de reflexão com funcionários de um abrigo	Gisele Cestari Anibal; Matheus Caldeira; Beatriz Mesquita; Liliana Scatena
23. Contribuições da Psicologia na Escola: o respeito nas relações	Roseli Fernandes Lins Caldas; Ana Carolina Nascimento Lira; Juliana Muniz Nazima
24. Contribuições da psicologia Escolar no pensamento de jovens: o ensaio da ação	Roseli Fernandes Lins Caldas ; Giovana B. Siqueira ; Deborah Nimitzovich Cualhete
Eixo: Processos Institucionais: Saúde, Educação, Família	
25. Função Materna e Refúgio: Tramas Intersubjetivas	Renata Zanelato Choueiri

Cuidando do adolescente na clínica-escola

Maria Augusta Durães Trindade (UFPA), Anniely Freitas Ribeiro (UFPA)

A escuta do adolescente em tratamento psicológico na Clínica-Escola de Psicologia da UFPA, revela que a relação com os genitores, responsáveis e cuidadores é vivida de maneira conflituosa, ambivalente quando há intensificação de cobranças para aquisição de habilidades e responsabilidades no cuidado à saúde, escolaridade e sexualidade, haja vista, que precisam conciliar a busca de autonomia e a manutenção do vínculo familiar dada a importância em seu processo de maturação. O trabalho objetiva apresentar ações de intervenção psicoterápica no ambiente institucional que demanda certa elasticidade no enquadre, flexibilidade na constituição do *setting* em vista de minimizar o sofrimento psíquico e educar para o autocuidado. Em concordância com autores que conjugam entendimento de que o sofrimento psíquico expressa um sentido, seguimos em busca de sentidos para o padecer que incide sobre o corpo e a subjetividade destes adolescentes a fim de criar estratégias de intervenção voltadas para as especificidades desta demanda. Palavras-chave: Adolescente; psicoterapia; clínica-escola.

Efeito dos encontros e desencontros na história da loucura e do hospital

*Thaís da Silva Pereira – Doutoranda no Programa de Pós graduação em Psicologia
Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.*

*Maria Livia Tourinho Moretto – Professora Doutora no Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo.*

Este trabalho busca trazer as reflexões iniciais da Tese de doutorado, em construção, até o momento intitulada “Uma análise dos encontros e desencontros da Saúde mental no hospital geral”, iniciada no Programa de Psicologia Clínica do IP-USP em março de 2018. Sabe-se que a história da loucura e do hospital, arqueologizadas por Foucault, trazem pontos relevantes para a compreensão do lugar da diferença na sociedade e nas instituições da antiguidade à contemporaneidade. No final do séc. XX, a Reforma psiquiátrica busca novos lugares para a saúde mental, sendo uma das propostas realizadas, a entrada dos leitos de saúde mental no hospital geral. O reencontro da loucura e o hospital traz a novidade do esbarre com o discurso médico, impulsionado no séc. XVIII, e caracterizado pela exclusão da subjetividade. Este encontro, em análise pela pesquisa, aponta efeitos relevantes para a inserção/não inserção dos pacientes de saúde mental no HG. Tem-se como hipótese que o discurso médico, articulado com o discurso capitalista e sua forclusão do laço social, nos casos do paciente de saúde

mental (nua subjetividade), pode gerar, de fato, a exclusão dos próprios pacientes, vide as ameaça aos leitos de saúde mental no HG pelo atual governo. É relevante o cuidado da questão, a fim de preservar a proposta política, social e de cuidado sustentada por estes leitos. Acredita-se que a ética da psicanálise, sustentada pela inserção do analista, pode colaborar para a sustentação do lugar da saúde mental no HG.
Palavras-chave: Hospital-geral; saúde mental; psicanálise.

Configurações familiares na contemporaneidade: paradoxos da conjugalidade de casais homoafetivos femininos

Marina Roquette Lopreato (LAPSO-USP) e Maria Inês A. Fernandes (LAPSO-USP)

O aparecimento das novas configurações familiares tem gerado discussões candentes no cenário mundial. Relacionamentos homoafetivos, cada vez mais expressivos e visíveis, trazem a necessidade de compreender como esses casais investem subjetivamente na relação e os dilemas que vivenciam. Inseridos numa sociedade “líquida”, como afirma Bauman, marcada pela velocidade e pela fragilidade dos vínculos, esses casais deparam-se com o paradoxo de estabelecer uma conjugalidade, num contexto em que os espaços compartilhados são cada vez menos valorizados. Este projeto de pesquisa tem por objetivo investigar o universo conjugal de casais homossexuais femininos e compreender os atravessamentos da heteronormatividade e de valores contemporâneos na estruturação dessa conjugalidade. Através de entrevistas com mulheres que estejam em relacionamentos estáveis com outras mulheres, essa pesquisa busca olhar para a experiência de se viver uma conjugalidade numa sociedade patriarcal, falocêntrica, de violência simbólica e desigualdades que marcaram historicamente a vivência das mulheres na sociedade brasileira. A hipótese principal aventada no presente estudo é de que essa modalidade de vivência afetiva-sexual ocupa o lugar do silêncio, do invisível e do incompreensível imprimindo marcas complexas na gestão da intimidade desses relacionamentos. O exame do material terá o apoio teórico da psicanálise, baseado nos postulados de René Kaës, que compreende o sujeito do inconsciente enquanto sujeito do grupo.

Palavras-chave: Homoconjugalidade feminina; heteronormatividade; psicanálise.

Os encontros terminam em jogo: o processo de devolutiva em grupo

Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes; Letícia Michele Stencel; Bianca Oliveira de Macedo; Valeria Barbieri (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP)

O atendimento infantil geralmente é realizado em sua modalidade individual, principalmente pelo despreparo sentido pelos terapeutas e disponibilidade de espaço físico para realização de psicoterapia em grupo. Na vertente psicanalítica, ressalta-se a relevância do grupo como um ambiente capaz de oferecer sustentação emocional e experiências suficientemente boas para expressão da criatividade. Este trabalho apresenta a vivência de um grupo terapêutico infantil no intuito de trazer o processo de devolutiva em grupo como uma etapa importante do processo criativo. Participaram do grupo 4 crianças, de 6 a 10 anos, e duas terapeutas. Após realização de sete encontros, as terapeutas, usando de material clínico, pensaram em uma maneira lúdica de finalizar e devolver às crianças o que havia sido experienciado. No total houve onze sessões. Assim, crianças e terapeutas fizeram um jogo no estilo “perfil” com todos os membros do grupo. As crianças ajudaram a descrever e caracterizar cada perfil (membro), criando um momento de falar sobre eles e suas conquistas. No último encontro houve a entrega do jogo e sua realização, permitindo a reflexão sobre o que havia sido vivido ali. Esse

momento de devolutiva demonstrou a possibilidade do grupo criar algo junto e levar algo dali, conhecendo e reconhecendo seus integrantes como partes importantes do processo de amadurecimento emocional. Além disso, foi uma experiência prática profissional enriquecedora para as terapeutas e supervisoras do grupo.
Palavras-chave: Grupo de crianças; devolutiva; jogo.

Violência e transgeracionalidade - o abuso ao longo das gerações

Hellen Lima Buriolla (Universidade Estadual de Londrina - UEL) e Máira Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina -UEL)

O inconsciente traz consigo marcas transmitidas ao longo de gerações, e a violência pode ser uma dessas marcas. No contexto familiar, a violência não só aparece nos espaços psíquicos individuais, mas também como um fenômeno transgeracional que pode se localizar no plano negativo, sem possibilidade de elaboração, reverberando em uma transmissão não elaborada e reprodução através das gerações. Objetiva-se discutir um caso clínico de uma paciente atendida em um serviço-escola de Psicologia. Ana (nome fictício), 30 anos, sofreu abuso sexual praticado pelo tio materno, dos 4 aos 13 anos. Após o casamento, Ana teve depressão grave, seguida de tentativas de suicídio. Ao longo desse período Ana descobriu que seu avô materno abusara de sua mãe na infância, sem contudo sua família ter conhecimento acerca do abuso sofrido por Ana na infância. Durante processo psicoterapêutico, ela se deparou com aspectos desconhecidos sobre a história de sua família materna. Diante da possibilidade de haver outra vítima de abuso sexual na família materna, uma criança de 4 anos, Ana contou pela primeira vez a seus familiares sobre o abuso sofrido na infância. Após esta revelação, seus tios maternos a procuraram contando-lhe que eles também haviam sofrido abuso sexual praticada por uma de suas irmãs mais velhas. Soube, ademais, que uma prima também havia sido vítima de seu agressor. Ana pôde se ver, assim, consciente da violência geracional, com a quebra de um silêncio e revelação de segredos familiares.

Palavras-chave: Abuso sexual; transgeracionalidade; silêncio.

Adolescentes de fibra: a escuta na transição

Maria Augusta Durães Trindade (HUIBB/UFPA); Jéssica Lana Farias Nunes (HUIBB/UFPA)

O trabalho relata a experiência de investigação e intervenção do Psicólogo Clínico na Instituição hospitalar com pacientes que vivenciam a transição da adolescência em meio a um tratamento para Fibrose Cística (FC), no Ambulatório do Programa de Assistência Multiprofissional a pacientes com FC do Pará. Tal doença tem herança autossômica recessiva mais frequente na população de ascendência europeia, cursa com evolução letal caracterizada por lesões sistêmicas de glândulas exócrinas, mas é a gravidade da doença pulmonar a maior responsável pela morbimortalidade. Quando o diagnóstico é tardio e o perfil da doença é grave desde o início, há maior dificuldade para estabilizá-la e manter certa regularidade no controle dos sintomas. A escuta dos adolescentes desvela uma rotina que o tratamento impõe que lhes cumula de dor, angústia, sofrimento, incompreensão; além de, mudanças severas nas suas vidas e na de seus familiares que contribuem para que o adolescente interrompa o tratamento médico prescrito para a FC. Neste sentido, objetiva-se compreender os diferentes sentidos para a interrupção do tratamento ao identificar fatores que dificultam o cuidado à saúde. Pretende-se ainda, produzir conhecimento teórico-prático e metodológico que amplie um saber acerca do método clínico no espaço hospitalar voltado para adolescentes, a fim de criar estratégias para o enfrentamento da problemática da interrupção de tratamento.

Palavras-chave: Adolescente; fibrose cística; escuta.

Principais fatores de insatisfação e conflito nos casamentos de longa duração

Suzana Oliveira Campos (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Fabio Scorsolini-Comin (Universidade de São Paulo)

A satisfação conjugal não está associada diretamente à ausência de conflitos, mas às interações, ao processo dinâmico da relação e às estratégias de resolução de conflitos. O objetivo deste estudo foi investigar quais os principais fatores causadores de insatisfação e conflito nos casamentos de longa duração e as estratégias de resolução utilizadas por esses cônjuges. Trata-se de um estudo transversal e de caráter qualitativo. Participaram 25 casais heterossexuais, unidos consensualmente há, no mínimo, 30 anos, e com pelo menos um filho. Foram realizadas entrevistas individuais e com o casal, utilizando-se roteiros de entrevista semiestruturados, técnica da história de vida e diário de campo, o que constituiu o *corpus* analítico. Foi realizada análise de conteúdo temática proposta por Turato, e amparada no referencial teórico da Psicologia Positiva e na produção científica da área da conjugalidade. Os principais fatores de insatisfação reportados foram, nessa ordem: (1) Características pessoais do cônjuge; (2) Filhos; (3) Submissão da mulher ao esposo; (4) Resistência às mudanças impostas pelo casamento. Apesar dos conflitos ocorrerem em alguns âmbitos específicos da relação conjugal, estes são percebidos e enfrentados de maneiras diferentes, de acordo com a dinâmica de cada casal. A negação do conflito e o silenciamento foram estratégias muito utilizadas por esses casais, ainda que muitos reportem estratégias positivas de resolução de conflito, como a adaptação e o diálogo.

Palavras-chave: Casamento de longa duração; satisfação conjugal; conjugalidade.

Grupo de apoio com acompanhantes de pacientes hospitalizados

Liliana Scatena (Universidade de Franca- UNIFRAN) Janaína Aparecida Vilela de

Oliveira (UNIFRAN)

O presente trabalho foi desenvolvido durante o estágio do quinto ano na área hospitalar do curso de Graduação em Psicologia em 2017, no qual eram realizados grupos de orientação e apoio aos acompanhantes. Os acompanhantes de pacientes hospitalizados são merecedores de cuidados para que não adoçam psicicamente. O espaço grupal de apoio possibilitaria acolher experiências de sofrimento psíquico e possíveis resoluções de conflitos em relação ao funcionamento da instituição. Os encontros ocorreram semanalmente com o tempo de duração de uma hora, os acompanhantes eram convidados pelas estagiárias a se reunirem para as mesmas transmitirem informações em torno das regras do hospital. No final era realizada uma leitura de textos de cunho reflexivo, o grupo era aberto e heterogêneo em relação ao sexo e idade. Foram realizados 18 encontros totalizando 82 participantes no decorrer do estágio. Foi ofertado um espaço de escuta para que os acompanhantes se expressarem acerca do adoecimento e a hospitalização de um familiar, tiveram a oportunidade de compartilhar os sentimentos, troca de experiências, foram convidados a participar ativamente deste momento junto ao paciente, além de promover uma comunicação entre equipe-família-paciente.

Palavras-chave: Grupo de apoio, acompanhantes, Psicologia Hospitalar.

A subjetividade e vulnerabilidade social no discurso de funcionários de um abrigo através de grupos de reflexão

Beatriz Souza Mesquita (Universidade de Franca-UNIFRAN)

Gisele Cestari Anibal (Universidade de Franca-UNIFRAN)
Matheus Colombari Caldeira (Universidade de Franca-UNIFRAN)
Liliana Scatena (Docente do Curso de Psicologia Universidade de Franca-UNIFRAN)

A Proteção Social Especial são programas e projetos que têm por objetivo a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, defesa de direitos, fortalecimento das potencialidades e a proteção de famílias e indivíduos para o enfrentamento das violações de direitos. Para garantir um atendimento de qualidade às crianças e aos adolescentes, deve funcionar de forma articulada com os demais serviços da rede sócio assistencial local. A pesquisa teve o objetivo de estudar as relações e obstáculos dos funcionários em relação ao trabalho desenvolvido em uma casa de acolhimento de menores de idade, explorando as temáticas que envolvem a subjetividade e as relações interpessoais dos funcionários que possuem o convívio com as crianças e adolescentes. O objetivo do grupo foi o de amparar os profissionais, e manejar para alcançarem seus objetivos frente às questões vivenciadas. A pesquisa denotou-se qualitativa e a coleta de dados foi realizada através do diário de campo dos grupos com funcionários que ocorreram em encontros quinzenais. A equipe construiu ao longo dos encontros suas próprias perspectivas e soluções para os impasses profissionais. Em relação à relevância científica, o trabalho favoreceu a discussão sobre essa categoria profissional na área da Assistência Social. A respeito da relevância social, os participantes tiveram o ensejo de relatarem aspectos que nem sempre abordam, como queixas em relação à capacitação profissional.

Palavras-chave: Grupos de reflexão; representação social; Proteção Social Especial.

Contribuições da psicologia na escola: o respeito nas relações

Ana Carolina Nascimento Lira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Juliana Muniz Nazima (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Profa. Dra. Roseli Fernandes Lins Caldas (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

A atuação do psicólogo escolar não é a de tratar dos “alunos problema”, pois no ambiente escolar uma das principais ações do psicólogo pauta-se na valorização de potencialidades. Este trabalho teve como objetivo atuar, de uma maneira lúdica, com a temática do *respeito a si e ao outro*. Foi realizado por estagiárias de Psicologia, com alunos do Ensino Fundamental I de uma escola pública de São Paulo. As intervenções foram elaboradas partindo-se das potencialidades das crianças, a fim de que elas pudessem realizar reflexões sobre o tema respeito a si e ao outro, envolvendo a melhoria na comunicação, integração e sexualidade. Também foram realizadas intervenções com o grupo de professores e gestores, a partir das demandas identificadas, verificando-se a importância da criação de espaços para compartilharem pensamentos e motivações, de modo a desenvolverem melhores estratégias para o aprimoramento da comunicação interpessoal. Durante o trabalho realizado com as crianças foi possível perceber que a utilização de atividades lúdicas aflorou suas potencialidades e a valorização de cada um, produzindo efeitos muito positivos tanto em âmbito individual, como grupal.

Palavras-chave: Psicologia escolar; respeito; relações escolares.

Contribuições da psicologia no pensamento de jovens: o ensaio da ação

Deborah Nimtzovitch Cualhete (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Giovana Bisignano Siqueira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Profa. Dra. Roseli Fernandes Lins Caldas (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Uma das principais funções do psicólogo na educação é valorizar as relações na direção da superação dos processos de exclusão e estigmatização. O enfoque principal deste estágio foi a compreensão e respeito à heterogenia que há dentro das salas de aulas. Com isso, a partir da coleta de informações e demandas, as estudantes de psicologia tiveram como objetivo realizar um projeto de intervenção voltado aos alunos de 3º anos do Ensino Médio de uma escola pública na região central de São Paulo. Outro objetivo foi proporcionar um espaço reflexivo aos professores valorizando seu papel na aprendizagem dos jovens e na formação de cidadãos. Foram realizadas semanalmente atividades de intervenção, possibilitando reflexões sobre diversos temas, dentre as quais: perspectivas e sonhos; mudanças de papéis em determinadas situações; sustento físico e emocional de si e do outro, etc. Percebeu-se que aproximar os alunos e potencializar as forças existentes teve como consequências: aumento do comprometimento e motivação para frequentar a escola, melhora nas relações interpessoais em sala de aula, alteração da imagem da turma, ajuda para problemáticas individuais, a partir das reflexões coletivas.

Palavras-chave: Psicólogo na educação; heterogenia; adolescentes.

Função materna e refúgio: tramas intersubjetivas

Renata Zanelato Choueiri (LAPSO IP USP)

Dentre os complexos movimentos migratórios observados atualmente no cenário mundial, destaca-se o dramático fenômeno do refúgio. Refugiado é aquele se lança involuntariamente num projeto de fuga que, por motivos de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou posições políticas, busca ter em outro país o mínimo de garantia de direitos e proteção. Experimentam a alteridade como esperança de amparo e aposta de vida. O trabalho pretendeu explorar teoricamente as dimensões inter e transpísquicas envolvidas nesse fenômeno social, abordando a função materna especificamente em mulheres refugiadas com filhos de 0 a 3 anos, tendo em vista a primazia da relação mãe-bebê como fundadora da subjetividade, em um cenário violento e de múltiplas rupturas. Pretendeu fomentar o debate acerca das políticas públicas e práticas que acolhem tal demanda. Realizou-se levantamento bibliográfico, elegendo na literatura psicanalítica o modelo de desenvolvimento subjetivo proposto por Piera Aulagnier e produções científicas a respeito de migração, refúgio e parentalidade. Políticas públicas voltadas para o ciclo gravídico-puerperal e primeira infância exercem um importante papel na sustentação de dispositivos clínicos capazes de atender a esta complexa demanda, sobretudo políticas que atuem de forma articulada e integrada, possibilitando a reinscrição narcísica dos sujeitos na cultura de acolhida.

Palavras-chave: Vínculo materno; mulheres refugiadas; intersubjetividade.

15:30 às 16:00 - Pausa para café

MESA 6: 16:00 às 17:30

Auditório Ruy Barbosa

O Racismo nos Grupos

Assie Gildenhuys (*University of Pretoria- Group Anal. Society Intern- África do Sul*)

Eliane Silvia Costa (UFRR - Brasil)

Maria Lucia Silva (Inst. AMMA - Brasil)

Coordenação: Cristiane Curi Abud (UNIFESP/SEDES- Brasil)

Relational reshaping of social identities: confronting socio-cultural tensions in interracial median groups

Assie Gildenhuys, Department of Psychology, University of Pretoria, South Africa.

In this presentation I will be reporting on an ongoing 'operative' median group addressing racism and cultural differences as part of the legacy linked to colonialism and apartheid. The median group method of group analysis has specifically been adapted to suite the racial transformative work in the culturally diverse South African society. I have termed this the 'operative' median group as the task is focussed on social integration. Working in a society with a history of social trauma carried forward generationally, requires a group work model that fosters exchange across various levels of communication. This promotes the flow of conscious and unconscious historically imbedded relational dynamic that regulates the interaction in the 'total situation'. This shared group space of the operative median group attunes the participants to the consequence of racialization in which differences were activated through colonization. It manifests in perceptions of gender, roles, generational differences and cultural values. The sense of uncertainty about what 'other' represent, leads to suspicion and distancing. Growing an understanding of the power dynamic of difference and the devaluing of inherent values is the task in these groups. Continuous reminders and revisiting of the projective and introjective social representations and mento-relational regulatory states experienced as repetitive patterns is quite common for participants. The past comes alive by sharing painful memories and relational charged encounters. The sharing forms part of the difficulty in moving towards acknowledgement, awareness and appreciation. Operative median groups is a space for generating tolerance and acknowledgement through 'talking across'. Establishing an 'alternative discourse community' that starts to interrogate diverse 'meaning generating assumptions' forms part of the task and is actively encouraged. This is accomplished through supportive comments and interpretations by the convenor and staff team. The possibility of research and conceptual development of the median group experience will be outlined, demonstrating the furthering of work in a racially charged and restrictive group environment. Distinct illustrations will be discussed. They are from different groups and at different times of the group-analytically informed group program offered at Ububele. Ububele is a NGO in Johannesburg that situates its work in community social development. De Maré's (1985) statement 'knowing something with others' is demonstrated by members testifying the following namely: acknowledging disconnection, feeling vulnerable, fearing being shamed, misunderstood, and of making social blunders. However it also highlights the possibility of recovering a sense of being valued and making effort to be reconciled to others. The use of the operative median group guided by dialogical leadership and task focus, facilitates the social reintegration and valuing of social identity that is continually shaped through shared social engagement.

Key words: Social identity; social dividing assumptions; operative median group.

"Não há... para todos": do racismo às alianças defensivas inconscientes

Eliane Silvia Costa (UFRR)

Fundamentada em desenvolvimentos teóricos da psicanálise dos processos grupais, tal como escritos por René Kaës, Pierre Benghozi e Piera Aulagnier, a autora busca pensar o racismo e seus efeitos psíquicos; especialmente, procura refletir sobre como se dá o trânsito, a passagem, as sustentações e transformações que ocorrem entre o âmbito estrutural - o da ideologia racista - o intersubjetivo e o intrapsíquico. Ilustra seu trabalho com cenas que envolvem famílias quilombolas, algumas das quais reconhecem-se como

negras e outras, apoiadas em pactos denegativos ou contratos narcísicos, identificam-se como morenas. O termo moreno no quilombo em questão é polissêmico e é empregado de forma a não significar tão somente negação da negritude. Ele foi usado, por exemplo, como sinônimo de humanidade, como oposição a branco, ou ainda para indicar intermediação entre o claro e o escuro. O texto finaliza-se com um caso em que há a devida valorização da negritude.

Palavras-chave: Racismo; psicanálise; negritude.

Uma experiência clínica política voltada para população negra

Maria Lucia da Silva (Instituto AMMA Psique e Negritude)

Esta discussão tem por base o trabalho desenvolvido pelo o Instituto AMMA Psique e Negritude caracterizado por intervenção política & psíquica no enfrentamento do Racismo. Diante da constatação de que o racismo adoece e produz sofrimento psíquico, a clínica do instituto tem como principal objetivo promover o acesso da população negra ao atendimento psicoterapêutico/psicanalítico. Ancorada em dois fatos: a negação da existência do racismo, e o não reconhecimento do mesmo como fenômeno estruturante da sociedade brasileira.. Os trabalhos com grupo são desenvolvidos pelo Instituto AMMA Psique e Negritude desde os anos 90, no campo da saúde e da educação e direitos humanos; neste texto faremos uma reflexão sobre o sofrimento psíquico à partir dos lugares sociais ocupados pelos diferentes grupos, situando, rapidamente, o Projeto Universidade, Sofrimento Psíquico e Relações Raciais e do grupo de referência realizado desde 2016.

Palavras-chave: Racismo; sofrimento psíquico; branquitude.

ENCERRAMENTO: 17:30 às 18:00

Auditório Ruy Barbosa

ARTE NO COLÓQUIO: 18 :00 às 19 :00

Coral Cênico Cidadãos Cantantes

APOIO



ORGANIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

